



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**FERNANDO MONTEIRO CAMARGO**

**VIDA, ESCRITA E TRANSBORDAMENTOS: BIOGRAFIAS E ETNOGRAFIA**  
**DO RIO PIRACICABA/SP**

**CAMPINAS**

**2023**

**FERNANDO MONTEIRO CAMARGO**

**VIDA, ESCRITA E TRANSBORDAMENTOS: BIOGRAFIAS E  
ETNOGRAFIA  
DO RIO PIRACICABA/SP**

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Orientadora: PROFA. DRA. DANIELA TONELLI MANICA

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO  
FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO ALUNO  
FERNANDO MONTEIRO CAMARGO E  
ORIENTADA PELA PROF. DRA. DANIELA  
TONELLI MANICA

CAMPINAS  
2023

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

C14v Camargo, Fernando Monteiro, 1988-  
Vida, escrita e transbordamentos : biografias e etnografia do Rio  
Piracicaba/SP / Fernando Monteiro Camargo. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Daniela Tonelli Manica.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Rios. 2. Constelações. 3. Biografia. 4. Antropologia visual. 5.  
Ecossistema aquático. I. Manica, Daniela Tonelli, 1976-. II. Universidade  
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações Complementares

**Título em outro idioma:** Life, writing and overflows : biographies and ethnography of  
Piracicaba/SP River

**Palavras-chave em inglês:**

Rivers

Constellations

Biography

Visual anthropology

Aquatic ecosystems

**Área de concentração:** Ciências Sociais

**Titulação:** Doutor em Ciências Sociais

**Banca examinadora:**

Daniela Tonelli Manica [Orientador]

Andréa Cláudia Miguel Barbosa

Renzo Romano Taddei

Lisa Blackmore

Fabiana Bruno

**Data de defesa:** 14-04-2023

**Programa de Pós-Graduação:** Ciências Sociais

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-4847-5999>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/5491175823014442>

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Doutorado, composta pelos (as) Professores (as) Doutores (as) a seguir descritos, em sessão pública realizada em 14 de abril de 2023, considerou o candidato Fernando Monteiro Camargo aprovado.

Prof(a). Dr(a) Daniela Tonelli Manica

Prof(a). Dr(a). Andréa Cláudia Miguel Marques Barbosa

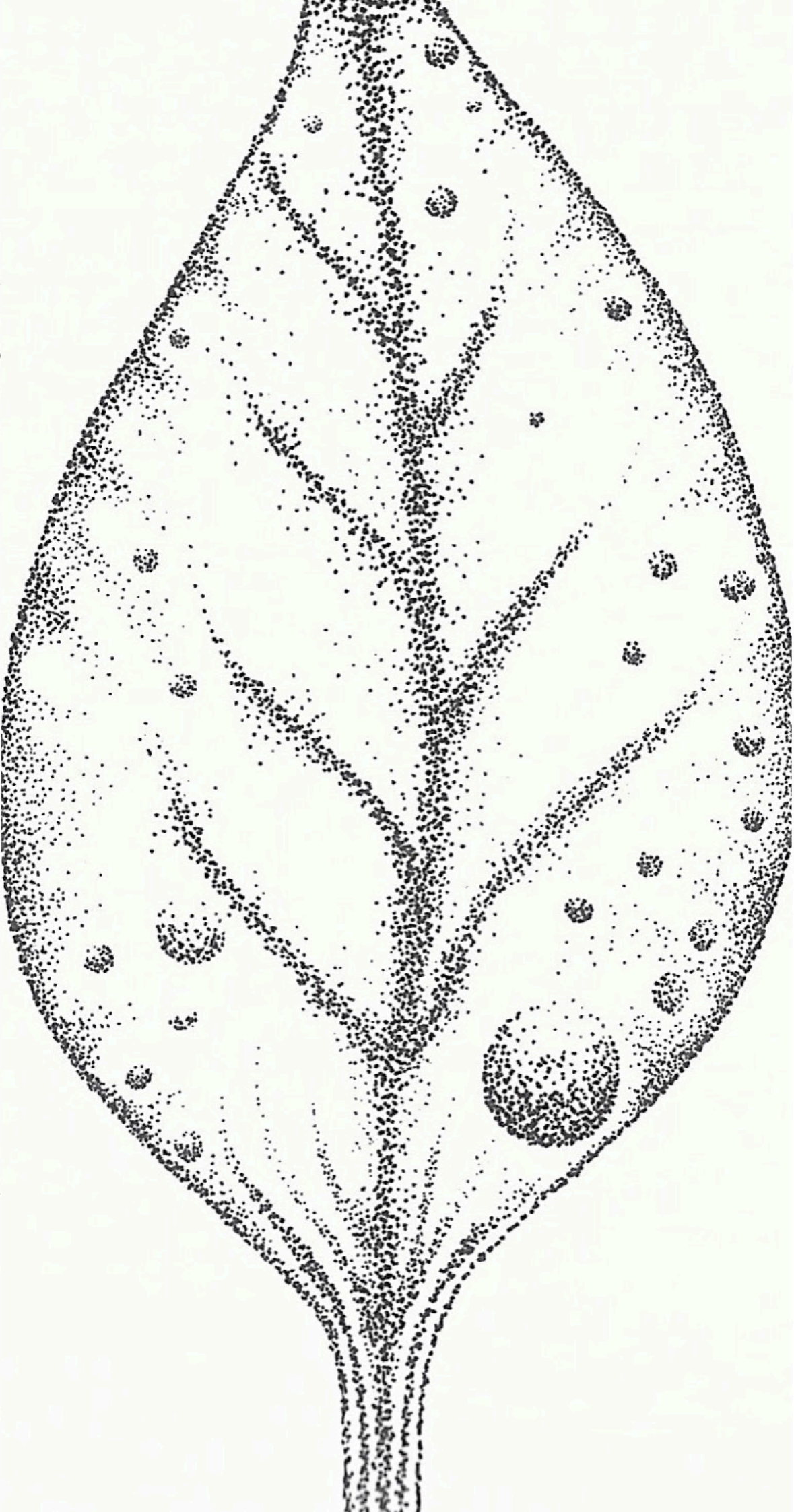
Prof. Dr. Renzo Romano Taddei

Prof(a). Dr(a). Lisa Blackmore

Prof(a). Dr(a). Fabiana Bruno

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Seguindo a calha do rio Piracicaba, seu percurso desenhado sobre a terra, é possível ver as secas, como por exemplo a de 2014, e transbordamentos,



Para o rio Piracicaba e todos  
os seus companheiros de vida.

# AGRADECIMENTOS

O mergulho na pesquisa de doutorado impõe uma série de encontros que tornam o processo menos solitário e me proporcionou descobertas que me ajudaram no desenvolvimento dessa pesquisa. Deixo, portanto, meu agradecimento a todos aqueles que se emaranharam à minha pesquisa cruzando, em algum momento, meus caminhos nesses anos de vida acadêmica.

Agradeço à minha orientadora, Daniela Tonelli Manica, pelo acolhimento, dedicação, sensibilidade e compreensão ao longo de todo o processo de realização da pesquisa.

Às professoras e professores Andrea Barbosa, Fabiana Bruno, Lisa Blakmore, Renzo Taddei, Carolina Cantarino, Susana Dias, John Dawsey, Karina Kuschnir, Pedro Peixoto Ferreira, Edgar Teodoro da Cunha, Isadora Lins França, Aina Azevedo, Erica Souza, Alexandre Barbosa Pereira, Taniele Rui, Ilana Goldstein e José Guilherme Magnani, o meu agradecimento por, de alguma forma, me ajudarem em meu percurso acadêmico ou no processo desse trabalho.

Agradeço à Cris Paixão, que realizou a revisão textual da tese, e à Beatriz Tieme Suyama, secretária do PPGCS-UNICAMP, por todo apoio administrativo.

Agradeço também aos amigos do Labirinto – Laboratório de Estudos Socioantropológicos sobre Tecnologias da Vida da Unicamp, do Visurb – Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas da Unifesp e do La`grima - Laboratório Antropológico sobre Grafias e Imagens da Unicamp.

Minha gratidão a Marcela Vasco e Marina Cunha por todo o companheirismo e por me ajudarem a permanecer no doutorado até o fim. À Marina também devo um agradecimento especial pela diagramação da tese e elaboração do site da minha pesquisa por meio da Tre.tra.co.

Agradeço também aos colegas de Unicamp, Victor Chiodi, Alexsânder Nakaóka Elias, Matheus Caracho Nunes, Kris Herik de Oliveira, Clarissa Reche.

Agradeço a meus amigos de longa data que tornam minha vida mais leve: Gabriel Dias Mangolini Neves, Pedro Dias Mangolini Neves, Diego Azevedo Godoy, Tamires Bergamasco, Gustavo Rugoni e César Rodrigues.

Agradeço a Nalva, pelo apoio, carinho e cuidado ao longo desses anos.

Agradeço à minha sogra, Angélica, e ao meu sogro, José Roberto, por me ajudarem com os cuidados com meus filhos durante os momentos de pesquisa e escrita da tese.

Agradeço à minha mãe, Inês, por seguir ao meu lado, do início ao fim desta pesquisa, lendo e relendo cada parágrafo e me sugerindo caminhos. Ao meu pai, Antonio, por me apresentar os rios. Tive deles todo o suporte (financeiro, emocional e estrutural) que precisei para seguir em frente. E agradeço às minhas irmãs, Branca e Rita, pelas parcerias de vida.

Agradeço a Laura pelo companheirismo de vida. Por tornar tudo mais leve e livre. Por me fazer sorrir. Por me fazer acreditar que seria possível e me apoiar em todos os momentos. Sem sua presença tudo teria sido mais difícil.

Agradeço a meus filhos Luiza, Isabel, João e Inácio, por acreditarem em mim mais do que todos e me fazerem mais feliz a cada dia.

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.



# RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compor uma biografia do rio Piracicaba, que serve de “rio condutor” para estabelecer relações com instituições, políticas, substâncias, mundos e visões de mundo. O foco sobre a singularidade da biografia do rio Piracicaba permitiu, por exemplo, discutir modos de existência, problematizar concepções de “desenvolvimento” e “progresso”, “natureza” e “cultura” e refletir sobre o entrelaçamento de diferentes vidas que envolvem a dinâmica das águas do rio. A intenção biográfica, que reuniu materiais (inclusive imagéticos) de pesquisas etnográficas realizadas em meu percurso com o rio Piracicaba, proporcionou o desenvolvimento de uma biografia em forma de atlas constelar, aqui transbordado em quatro constelações que proporcionam ao leitor estabelecer novas relações com o rio.

**Palavras-chave:** Rios; Constelações; Biografia; Antropologia visual; Ecossistema aquático.

# ABSTRACT

This research aims to compose a biography of the Piracicaba River, which serves as a “conductor river” that builds relationships with institutions, policies, substances, worlds, and worldviews. The focus on the singularity of the Piracicaba river’s biography allowed, for example, the discussion of modes of existence, the problematization of conceptions of “development” and “progress”, “nature” and “culture”, and the reflection on the intertwining of different lives involving the dynamics of the river’s waters. The biographical intention that brought together materials (including images) from the ethnographic research carried out on my journey along the Piracicaba River provided the development of a biography in the form of a constellar atlas that overflows into four constellations that allow the reader to establish new relationships with the River.

**Keywords:** Rivers; Constellations; Biography; Visual anthropology; Aquatic ecosystems.

# SUMÁRIO

<b>NOTA INTRODUTÓRIA</b>	<b>12</b>
<b>EMBARCAÇÕES</b>	<b>15</b>
<b>NAS MARGENS</b>	<b>17</b>
<b>NA SUPERFÍCIE</b>	<b>26</b>
<b>UM MERGULHO ÍNTIMO</b>	<b>35</b>
<b>SERPENTEANDO O RIO</b>	<b>38</b>
<b>DESBORDAMENTOS</b>	<b>43</b>
<b>ATLAS-BIOGRAFIA DO RIO PIRACICABA</b>	<b>54</b>
<b>VERBETES DO RIO PIRACICABA</b>	<b>73</b>
<b>Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba</b>	<b>73</b>
<b>Enchentes</b>	<b>77</b>
<b>Elias dos Bonecos</b>	<b>82</b>
<b>Sistema Cantareira</b>	<b>85</b>
<b>Protestos</b>	<b>90</b>
<b>Piracicaba-SP</b>	<b>94</b>
<b>Pescadores</b>	<b>98</b>
<b>Peixes</b>	<b>102</b>
<b>Rua do Porto</b>	<b>107</b>
<b>Secas</b>	<b>110</b>
<b>Paiaguás</b>	<b>113</b>
<b>Projeto Beira-Rio</b>	<b>117</b>
<b>Carrapatos</b>	<b>120</b>
<b>Lendas</b>	<b>122</b>
<b>Inhala Seca</b>	<b>123</b>
<b>Noiva da Colina</b>	<b>125</b>
<b>UM MERGULHO NO RIO PIRACICABA</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>138</b>

# NOTA INTRODUTÓRIA

Essa tese, intitulada *Vida, escrita e transbordamentos: biografias e etno-grafia do rio Piracicaba/SP*, foi desenvolvida por mim, Fernando Monteiro Camargo, e orientada pela professora Daniela Tonelli Manica, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Destaco que foi importante estar vinculado à Linha de Pesquisa “Modos de Conhecimento e suas Expressões: Experiências e Trajetórias”, uma vez que me concedeu alguma liberdade no que se refere à invenção teórica e à experimentação metodológica no decorrer da pesquisa. É importante dizer que a pesquisa aconteceu em meio à pandemia de Covid-19 (doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 que em 11 de março de 2020 foi caracterizada pela Organização Mundial de Saúde como uma pandemia) e num momento de crise política no Brasil, em que a democracia brasileira esteve fortemente ameaçada. Esses acontecimentos certamente afetaram a realização dessa pesquisa.

A pesquisa recebeu financiamento por meio de bolsa de pesquisa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Destaco, portanto, que ela é o resultado de políticas públicas destinadas à produção do conhecimento e que têm o compromisso com sua ampla divulgação e com a manutenção de um sistema de ensino, pesquisa e extensão, público, gratuito e de qualidade. Também destaco que recebi toda a estrutura e condições necessárias oferecidas pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Unicamp para a realização e finalização do doutorado.

Considero ponto fundamental dessa pesquisa sua intenção biográfica, que reuniu materiais de pesquisas etnográficas realizadas em meu percurso com o rio Piracicaba - rio localizado no interior do Estado de São Paulo. A intenção de expressar a vida do rio Piracicaba está explícita em “Atlas-Biografia do rio Piracicaba”. É ali que está o que eu considero como principal resultado dessa tese. O atlas-biografia é uma perspectiva de olhar, fazer ver, conhecer e se relacionar com a vida de um rio. Isso não quer dizer que as partes anteriores a essa sejam menos importantes. Afinal, foi no processo de escrita dos textos e elaboração das imagens da tese, a partir de uma série de experiências, discussões teóricas e metodológicas, que se tornou possível a construção do meu modo de ver, conhecer e de propor uma forma de me relacionar com a vida do rio Piracicaba. Antes de chegar ao atlas-biografia, as partes anteriores, expressam um caminho teórico-metodológico e permite experienciar a construção da pesquisa a partir da narrativa da minha experiência com a vida do rio Piracicaba.

É importante destacar que escolhi nessa pesquisa compor a vida do rio a partir dos meus encontros com ele, num período de tempo em que eu estive atravessado por uma troca de orientação, da criação dos meus quatro filhos, de uma pandemia e de uma porção de outras coisas que impossibilitaram alguns aprofundamentos e outros encontros multiespécies, como era o meu desejo inicial. Expor isso aqui tem o objetivo de não criar expectativas no leitor que busca por aprofundamentos em uma pesquisa etnográfica multiespécie ou no âmbito de uma teoria antropológica por imagens.

Diante do exposto, considero importante destacar que abro a tese com essa “Nota Introdutória”, com alguns comentários que considere importantes sobre o doutorado, sobre os textos que compõem essa tese e sobre sua estrutura. Em seguida apresento um pequeno relato sensível – “Embarcações” – de uma de minhas experiências com rios. Nela descrevo algumas de minhas sensações de encontro e mergulho na vida de um rio. Este texto foi escrito nos momentos finais de escrita, quando parei para reler alguns trechos e pensar sobre a importância desse encontro. Com essa narrativa, quero que a minha experiência do encontro com os rios sirva como guia e desejo para a leitura da tese.

Em “Nas margens”, descrevi aquilo que considere relevante em minha trajetória de vida para a pesquisa com o rio Piracicaba. Considerei relevante situar o leitor para que lhe seja possível compreender algumas de minhas escolhas a partir desses lugares e tempos. Ele foi um dos textos que escrevi primeiro, e sua escrita foi um importante movimento de rememorar encontros que influenciaram essa pesquisa. Nessa parte da tese acabo por trazer essas experiências expondo o lugar de onde eu venho e deixando a mostra alguns aspectos da minha vida que margeiam a vida do rio Piracicaba.

Em “Na superfície” apresento a situacionalidade do rio Piracicaba e o contexto teórico no qual essa pesquisa está inserida. Considerei importante trazer para esse texto algumas questões sobre uma virada ontológica na antropologia – a ideia de mundos danificados e suas alternativas infernais – e um panorama sobre os estudos antropológicos com águas e seus corpos líquidos. Entretanto, minha intenção não foi a de apresentar um estado da arte sobre esses assuntos, mas contextualizar brevemente aquilo que me influenciou durante minhas leituras para a pesquisa.

Após introduzir meu estudo, descrevo em “Um mergulho íntimo” o objetivo central da tese – o porquê de eu escolher e insistir na construção de uma biografia com o rio Piracicaba e de como isso tocou na pesquisa antropológica. É nessa parte que demonstro como o foco sobre a singularidade da biografia do rio Piracicaba permitiu, por exemplo, discutir modos de existência, problematizar concepções de “desenvolvimento” e “progresso”, “natureza” e “cultura” e pensar com os entrelaçamentos de diferentes vidas que envolvem a dinâmica das águas do rio Piracicaba.

Em “Serpenteando o rio”, fugindo de uma ideia de “biografia tradicional”, apresento a ideia de vida do rio Piracicaba procurando me afastar do conceito mais tradicional de ser vivo como oposição a seres não vivos. A vida do rio Piracicaba é uma paisagem contínua. Diante disso de cada material etnográfico acabei extraindo pistas, informações, lembranças. e minha função, diante disso tudo, foi a de (re)colocar em novas relações, elaborando diversas mediações entre tudo que tenho encontrado.

Já em “Desbordamentos” apresento de que forma a materialidade do rio, mais especificamente a instabilidade proporcionada pelo meio aquoso, influenciou essa pesquisa de doutorado. Para pensar com o rio é preciso, antes de tudo, perceber e reconhecer que existem mundos para além daqueles terrestres e que existem expressões de mundos para além daquelas percebidas desde a terra. Dessa forma, para expressar a vida do rio, foi necessário lançar mão de outros processos de pesquisa outras metodologias que permitiram ampliar as relações com o rio. Um fazer imagético na pesquisa foi fundamental para transbordar a vida desse rio (des)combinando texto, fotografia, desenho, colagem/sobreposição e quais foram os caminhos para ver, cortar, recortar e recolocar em relação os materiais coletados durante a pesquisa.

Em “Atlas-Biografia do rio Piracicaba”, apresento 14 verbetes, textos curtos acompanhados de pelo menos uma imagem, que expressam histórias, acontecimentos, coisas da vida desse rio, organizados em 4 constelações de imagens. As constelações foram construídas a partir do meu movimento metodológico de me debruçar sobre a vida do rio Piracicaba procurando pela singularidade de sua vida. É no encontro, das histórias, acontecimentos e coisas, que a vida do rio acontece e é expressando essas relações que se tornou possível biografar o rio Piracicaba. A proposta das constelações é proporcionar quatro movimentos que transbordam para outras possibilidades, emaranhando-se por entre novas (des)combinações em verbetes da vida do rio Piracicaba. Os 14 verbetes e as 4 constelações proporcionam ver, conhecer, se relacionar e propor novas relações com o rio Piracicaba. A construção dos verbetes e constelações foram inicialmente feitas manualmente numa construção artesanal. Essa espécie de protótipo serviu de base para a criação de um site que tornou mais acessível e navegável se relacionar com o rio Piracicaba.

Para finalizar, em – “Um mergulho no rio Piracicaba” – faço algumas considerações finais e deixo o Atlas-biografia do rio Piracicaba aberto como espaço colaborativo de construção do conhecimento. Além disso, sugiro ali como partilhar os mundos outros compartilhados com o rio Piracicaba. A ideia é que o site possibilite que outros possam compartilhar suas histórias, acontecimentos e relações com o rio Piracicaba, deixando essa biografia aberta para novas colaborações.



**Figura 1** - Meu pai, eu, Carlinhos, Thomas e o rio Itanhaém. Fonte: Acervo do autor. Fotografia de John Gilmour. Itanhaém, 2001.

# EMBARCAÇÕES

Olhei para as árvores na margem. Bromélias brotavam nos troncos encharcados pela água. Os passarinhos, um pouco mais acima, pareciam fazer a festa com a chegada da luz do sol. A névoa da manhã cobria todo o leito do rio. Minha mão tocava a água fria que me escorria por entre os dedos com o movimento da embarcação. A vegetação submersa apresentava pequenas flores que pareciam estrelinhas brancas e se emaranhavam por entre as raízes das plantas flutuantes... seriam elas flores-estrelas? Um pequeno inseto vermelho tateava as folhas do labirinto de plantas que ocupavam o leito do rio. O cheiro do motor de popa entrava por entre as minhas narinas e se misturava com o de peixe. Desliguei o motor e com um remo manobrei suavemente o barco para mais próximo da margem. Aquele inseto vermelho desapareceu rapidamente por entre a folhagem.

Com a ajuda de uma cumbuca, molhei minha nuca procurando me refrescar do sol que já “estalava” mais intensamente. A correnteza fazia com que plantas flutuantes, troncos de árvores e, infelizmente, algumas garrafas pet passassem rapidamente por mim. Depois de meia hora, já era possível ver as raízes das árvores do manguezal à mostra. As bromélias estavam

mais distantes e os passarinhos voavam muito mais ao longe. As plantas flutuantes que se seguravam nas submersas próximas à margem descolavam-se pouco a pouco seguindo o leito do rio. Agora a água parecia mais quente; era como se aquela camada mais gelada tivesse descido o rio para outro lugar. Dos barrancos da margem, a argila escorria para dentro do rio. Uma pequena praia de areia branca surgia um pouco mais adiante. Encostei meu barco ali e meus pés afundaram cerca de 20 centímetros na areia. Na minha canela era possível ver o movimento de pequenos peixinhos e girinos.

No rio tudo é movimento e sem esse vai e vem das águas a vida não acontece. As bromélias não brotariam nos troncos das árvores, os insetos não tateariam as folhas das plantas flutuantes procurando um lugar para colocarem seus ovos. As pequenas flores-estrelas não brilhariam no leito do rio servindo de abrigo para pequenos animais. A água gelada não escorreria por entre meus dedos me refrescando do calor. Eu não encontraria os peixinhos e girinos fazendo uma verdadeira festa próximo a margem do rio. Ali, no rio, toda a vida, inclusive a minha, dependia do movimento das águas. Da margem, tomei certa distância do leito do rio e saltei, mergulhando, deixando-me levar pela correnteza.





# NAS MARGENS

Desde sempre tenho os rios como seres-de-companhia<sup>15</sup>. Quando criança, acompanhava meu pai, o professor Antonio Fernando Monteiro Camargo, biólogo do Departamento de Ecologia da Universidade Estadual Paulista - Unesp, campus de Rio Claro, em suas viagens a trabalho a Itanhaém, cidade localizada no litoral sul do Estado de São Paulo, onde realizava suas pesquisas de campo e coletava plantas aquáticas<sup>16</sup> em rios da bacia hidrográfica do rio Itanhaém, foco de suas pesquisas até hoje.

Nas suas “expedições”, acompanhado dele, de colegas de trabalho, de seus alunos e de muitos outros (humanos e não-humanos), subia o rio de voadeira<sup>17</sup>, coletando plantas, águas, solos, pequenos animais (peixes, insetos etc.), ouvindo histórias, apreciando a paisagem e mergulhando nas águas dos rios. Itanhaém também é a cidade que meus bisavós maternos escolheram para ter uma “casa de veraneio”. Era nessa casa, situada na prainha (Praia dos Pescadores), que, quando criança, passávamos todo o período de férias de verão e, em muitas ocasiões, realizávamos passeios de barco nos rios da região (aqueles rios palco das pesquisas de meu pai). Essa casa também é o lugar que serve de ponto de apoio para meu pai realizar suas pesquisas de campo até hoje. Apesar de Itanhaém possuir um centro de suporte a pesquisas<sup>18</sup> desde 2011, com estrutura para alojamento, a casa da prainha sempre foi o local escolhido para sua estadia.

Foi participando disso tudo que, desde pequeno, fui conhecendo algum universo dos rios e poéticas de sua vida – algumas tonalidades das águas, plantas, animais, pescadores, ribeirinhos, pesquisadores, turistas e disputas político-econômicas que envolvem interesses de valorização imobiliária, o uso de recursos hídricos etc.



15 Expressão que ganhei de presente do meu amigo e colega de doutorado, Victor Chiodi.

16 As plantas aquáticas são conhecidas pelos pesquisadores como macrófitas aquáticas (macro = grande, fita = planta); nos rios da bacia do rio Itanhaém, algumas formavam grandes “bancos” flutuantes próximos das margens, como aguapé (*Eichhornia crassipes*), alface d’água (*Pistia stratiotes*), ninfeia (*Nymphaea sp.*), salvina (*Salvinia molesta*). Outras estão submersas na água, presas por suas raízes no fundo dos rios, como a egéria (*Egeria densa*) e a cabomba (*Cabomba furcata*).

17 Voadeira é uma embarcação movida a motor (geralmente de popa), com estrutura e casco de metal, geralmente alumínio.

18 Centro de Pesquisas e Educação Ambiental Prof. Samuel Murgel Branco.



**Figura 2** - Tia Ana, meu pai, eu, John e o rio Branco. Fonte: Acervo do autor. Fotografia de John Gilmour. Itanhaém 2001.

É difícil explicar o que me fez trazer a imagem acima para compor com esse texto de doutorado. Mas, ao me debruçar sobre a escrita da tese, a sensação de navegar e mergulhar nas águas do rio Itanhaém me acometeu. O mergulho na escrita foi interrompido por imagens mentais de dois rios – rio Itanhaém e rio Piracicaba –, uma memória involuntária, tal como em Proust, em que o personagem-narrador Marcel, diante da sensação de molhar uma *Madelaine* (um tipo de biscoito francês) em uma xícara de chá, rememora imagens de sua infância ao lado de sua tia (BENJAMIN, 1985). É no ato de me debruçar em uma escrita-rio que rememoro essas imagens. Mas, para quem olha pela primeira vez para essa imagem, sem se dedicar a ela, parece não existir nada de especial na imagem, a não ser para os meus olhos, tal como o jornalista Eugênio Bucci comentou em seu texto “Meu pai, meus irmãos e o tempo”, sobre uma fotografia sua de infância:

Creio que ela [fotografia] captura não o tempo, mas uma curva do espaço ou uma curva do rio. Dizem que a fotografia nos leva a viajar no tempo. Também não é o que sinto, quer dizer, não quando está em questão essa foto em particular. Não sinto que o tempo retorne quando a vejo ou quando me lembro dela, pois não sinto que aquele tempo já tenha ido embora. Sinto, isto sim, que aquela cena ainda está lá, [...] apenas o espaço se curvou e fez que água passasse. (BUCCI, 2008, p. 72).

A fotografia que trago aqui foi feita em 2001, por ocasião de uma viagem à cidade de Itanhaém. Meu pai, pilotando o barco, minha tia Ana e eu em uma voadeira. Pouco se vê da embarcação. A fotografia, em preto e branco, foi feita por John Gilmour, um escocês, artista, músico, ex-namorado de minha tia e amigo da família. Sua presença é marcada por um vulto, no canto direito da imagem, causado, talvez, por seu dedo. O rio provavelmente seja o rio Branco, um afluente do rio Itanhaém. Ao fundo da imagem é possível ver a turbulência da água do rio causada pelo motor de popa. Também vemos uma das margens do rio preenchida por árvores. O vento forte, causado pelo movimento do barco que despenteia nossos cabelos, indica que estávamos descendo o rio, no caminho de volta. O que marca o centro da imagem é a camiseta de meu pai, em que se pode ler Glasgow University. A camiseta foi adquirida alguns meses antes dessa fotografia, em um período em que ele realizou uma pesquisa de pós-doutorado na Escócia.

O passeio de barco tinha como objetivo apresentar a John os rios de Itanhaém. Passeios como esse, em que meu pai mostra os lugares por onde ele realiza suas pesquisas, são bastante comuns em minha vida. Ele sempre ocupa a posição de piloto (pesquisador-nativo) que navega, sem dificuldades, pelas águas dos rios, e eu, sempre que estou presente, assumo uma posição de copiloto, indicando galhos, folhas ou objetos que possam estar no leito do rio e enroscar no motor. Houve épocas em que, pela frequência com que ia a Itanhaém, ele navegava como quem conhecia cada banco de areia, curva do rio e os locais com maior presença de plantas aquáticas. Atualmente, suas idas a Itanhaém foram reduzidas e, como os rios mudam muito rapidamente, os detalhes do percurso são menos familiares. Afinal, como anunciado por Heráclito, “Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontram as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou”. Os rios se transformam muito rapidamente; a vida é assim: escapa-nos a todo momento. Mas, voltando a imagem, não consigo vê-la como uma representação de um passado, tampouco como síntese de uma experiência. Ela é mais que isso. Provoca em mim uma nova experiência (a partir daquela), que me faz rememorar o passado, mas que também faz com que eu elabore novos conhecimentos, interpretações e proponha a composição de novas relações - com rios, imagens, memória etc.



Aos 12 anos de idade, mudei-me de Campinas para Piracicaba, junto com meu pai (Antônio), minha mãe (Inês) e minhas duas irmãs (Branca

e Rita). Foi quando comecei a conhecer o rio Piracicaba. Antes de me mudar, sabia que um dos passeios que meu avô gostava de fazer, durante a infância de meu pai, era caminhar pelas margens desse rio. O rio largo que corta o centro da cidade (no trecho urbano, sua largura, de margem a margem, varia de 60 a 100 metros), com quedas e corredeiras e descrito como uma paisagem bela e encantadora, foi se tornando minha companhia.

[eu] gosto de pensar que todos aqueles que somos capazes de invocar como devir são nossos companheiros de jornada, mesmo que imemoráveis, já que a passagem do tempo acaba se tornando ruído em nossa observação sensível do planeta. (KRENAK, 2021, p. 11).

Admirar suas águas e sua variação de vazão, que inclui episódios de transbordamento e proporciona um “espetáculo” para aqueles que frequentam suas margens, é uma atividade presente desde minha infância. Chegar a Piracicaba, na volta de viagens, é sentir a presença do rio pelo seu cheiro, nem sempre agradável. Quando criança, era o cheiro do rio que me avisava que havíamos chegado a Piracicaba. A cidade exala seu perfume úmido pelas ruas e avenidas.

Nos bares que ocupam suas margens, vivi minha adolescência e juventude. Era à beira-rio que nos reuníamos para tomar uma cerveja ou almoçar em família. Na graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC de Campinas, sob orientação do professor Agenor José Teixeira Pinto Farias, o rio foi palco para eu pesquisar a Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba<sup>19</sup> (CAMARGO, 2011; 2016a); na especialização em Gestão Cultural: Cultura, Desenvolvimento e Mercado, do Senac, sob orientação da professora Ilana Seltzer Goldstein, suas margens me proporcionaram a análise de um projeto de requalificação de sua orla (Projeto Beira-Rio) (CAMARGO, 2013) e no mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp, sob orientação da professora Andrea Barbosa, refleti sobre o lugar ‘fantasmagórico’ em que o pescador se encontra nas margens do rio Piracicaba (CAMARGO, 2016a). Na época, esse exercício contribuiu para a reflexão sobre como as estratégias

19 Eu venho acompanhando a Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba desde 2010. Em 2011, realizei meu trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais na PUC de Campinas sobre a Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba; e, em 2012, colaborei com a pesquisa que originou a publicação do livro A Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba pelo Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP, 2012).

de planejamento urbano produzem sujeitos-fantasmas que sobrevivem, como “pontos luminosos”, nos barrancos do rio, construindo diferentes concepções desse lugar.

Também em minha pesquisa de mestrado, introduzi a produção imagética como forma de conhecimento. Durante a pesquisa, levei a câmera fotográfica para o campo e produzi um caderno de imagens unindo fotografias a desenhos. Com a câmera fotográfica na mão, comecei a desenhar meus percursos pela Rua do Porto. O olhar, mediado pela câmera, permitiu-me enxergar coisas que, sem o recorte do quadro, eu não veria. Após o trabalho de fotografar, ao me debruçar sobre o conteúdo imagético, sempre acompanhado de minha companheira, Laura<sup>20</sup>, encontrei os pescadores. No decorrer de todo o meu percurso, esse personagem sempre se esgueirava pelas beiradas/margens do quadro de observação e também do enquadramento fotográfico. “Percebi que meu olhar, que até aquele momento era direcionado à Rua do Porto, tinha mudado para as margens do rio Piracicaba e, por sua vez, para os pescadores” (CAMARGO, 2016a, p.70).

A partir daí, ainda no mestrado, refletindo sobre a presença do pescador em minhas imagens, e procurando solucionar alguns desafios impostos pelo trabalho com a fotografia, decidi unir a ela o desenho. Esse movimento foi possível com a ajuda de Laura, que compôs minha pesquisa com seus desenhos. Se, por um lado, a interação proporcionada pelo equipamento fotográfico serviu de porta de entrada para um mundo ao qual, sem a câmera, eu ainda não tinha acesso, a manipulação das imagens, recortando e compondo-as com desenhos, contribuiu para a reflexão e construção do lugar fantasmagórico do pescador na Rua do Porto (CAMARGO, 2016b).



20 Minha companheira, Laura Lino, teve papel fundamental na elaboração de minha dissertação de mestrado. Além de me acompanhar em muitos deslocamentos pela Rua do Porto, todos os desenhos que compuseram meu trabalho imagético foram desenvolvidos por ela.



**Figura 3** – Imagem do meu caderno de imagens produzido durante minha pesquisa de mestrado.  
 Fonte: Acervo do autor. Autoria Fernando Camargo e Laura Lino, 2016.



Algumas vezes, durante minha trajetória com o rio, cogitei desistir da pesquisa e desistir, para mim, significaria naufragar. E foi assim, navegando nessas águas que ora são calmas, ora agitadas, mas, antes de tudo, preservando-me dos naufrágios, que ao longo desses anos fui construindo uma relação de confiança com o rio Piracicaba. A ele confidenciei segredos, tive momentos de medo, de tristeza, mas também de muitas alegrias. E a partir do momento em que a relação foi se tornando mais íntima, levei-o comigo para conhecer outras águas, pessoas e lugares. Foi ao contar nossas histórias, na aula de Seminário de Pesquisa, conduzida pela professora Alessandra El Far, do mestrado em Ciências Sociais da Unifesp, que o professor Marcos Pereira Rufino, convidado para debater meu projeto de mestrado, soube mais sobre o rio Piracicaba e suas margens. Naquela ocasião ele explicitou o desejo de conhecer o rio e, algumas semanas depois, encontrei-o em Piracicaba para uma visita ao rio.

No Visurb (Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas da Unifesp – coordenado pela professora Andréa Barbosa), abri um diário com imagens produzidas durante minha pesquisa de mestrado e que revelavam essa minha relação com o rio. A partir disso, meus colegas de grupo foram instigados a desenvolver uma etnografia coletiva com rios da cidade de São Paulo, Itanhaém e Guarulhos. O projeto de etnografias coletivas compartilhava um tema comum: “Rios, tempos e cidades” e foi desenvolvido entre os anos de 2015 e 2017. Nele “buscávamos elaborar uma reflexão sobre a relação entre as pessoas, as cidades e seus rios a partir de saídas de campo coletivas nessas cidades” (BARBOSA, 2019, p. 15). Nosso objetivo era potencializar a experiência do grupo de pesquisadores com os rios e incorporar outras possibilidades criativas na prática de pesquisa etnográfica, como a produção de um caderno de campo gráfico com fotografias, desenhos, anotações e objetos (BARBOSA, 2019). A partir desse projeto, conversando por meio de imagens, sons, cheiros e textos, percorremos as cidades (algumas vezes a pé, outras de barco, carro e metrô) e aprendemos a perceber a presença dos rios e suas formas de resistência às tentativas de seu apagamento.

Tornei pública minha relação com o rio Piracicaba ao expor algumas de nossas imagens em determinadas ocasiões. A primeira foi quando meu diário de imagens, elaborado durante a realização do meu mestrado, foi publicado no Dossiê: Desenho e Antropologia, em 2016, na revista *Cadernos de Arte e Antropologia* (CAMARGO, 2016b). A segunda foi quando as imagens dessa relação tornaram-se exposição montada, em Piracicaba, no Centro Cultural Martha Watts. Intitulada *Emaranhados da margem: a*

*poética das águas na Rua do Porto*, sob curadoria da professora Fabiana Bruno, a exposição contou com fotografias, desenhos e montagens feitas por mim e por Laura Lino. Algumas dessas imagens também fizeram parte da exposição coletiva *Confidências das Imagens na Antropologia*, também sob curadoria da professora Fabiana Bruno, montada em duas ocasiões, a primeira, em Campinas, na Biblioteca Octávio Ianni (IFCH – Unicamp) por ocasião do II Seminário de Imagem e Antropologia (II SIPA), e a segunda, em São Paulo, no Centro Universitário Maria Antônia, da USP.

Em algumas apresentações em que tive a oportunidade de contar algumas das histórias do meu encontro com o rio Piracicaba, também ouvi das pessoas que assistiam suas histórias com rios. Muitas revelavam que eu havia despertado nelas o desejo de conhecer esse rio. Foi em um desses momentos de apresentação de minha pesquisa que a professora Fabiana Bruno despertou meu olhar para como, ao falar do rio Piracicaba, eu acabava construindo relações afetivas entre os que me ouviam. Meu relato acabava ativando a memória de suas experiências em rios – a sensação de um mergulho, a lembrança de uma história de infância etc.

Foi justamente ao perceber o quanto minhas experiências de pesquisas com o rio Piracicaba proporcionavam a construção de novas relações, conversas, afetos e, conseqüentemente, novos conhecimentos que me senti motivado a continuar navegando, mergulhando, transbordando o rio Piracicaba em outros contextos.

Ao longo desses anos, evidentemente, conheci histórias com ares nostálgicos sobre os rios, mas também outras carregadas, muitas vezes, de preocupações, tristezas e raivas. Ouvi narrativas de pessoas que perderam muitos objetos ou perderam amigos ou parentes afogados nas águas de rios em desastres como as enchentes. Senti preocupação com a vida dos rios em algumas conversas sobre os rios. Ouvi também narrativas sobre períodos de seca, que provocam a mortandade de centenas de peixe em um rio que se encontra danificado. Mas posso dizer que, apesar de ter sido levado para a antropologia a partir do meu interesse pelas cidades, “Por onde pude andar, no Brasil ou em outros cantos do mundo, prestei mais atenção nas águas do que nas edificações urbanas que se debruçam sobre elas” (KRENAK, 2021, p. 12).

Foram inúmeras as minhas experiências com o rio Piracicaba: conheci os perfumes de suas águas, experimentei os sabores da culinária produzida à beira-rio, ouvi relatos, coletei imagens, percorri suas margens e mergulhei em suas histórias. E, é certo, situar essas experiências me ajudou



a questionar um lugar tradicionalmente conferido aos rios: o de natureza imprevisível.

Sempre estivemos perto da água, mas parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios. Esse exercício de escuta do que os cursos d'água comunicam foi produzindo em mim uma espécie de observação crítica das cidades, principalmente as grandes, se espalhando por cima dos corpos dos rios de maneira tão irreverente a ponto de não termos quase mais nenhum respeito por eles. (KRENAK, 2021, p. 13).

Os rios também contribuíram para eu refletir sobre esse mundo que, com a justificativa do “desenvolvimento e progresso”, tenta dominar todos os diversos mundos que nos compõem. Trazer essas minhas relações íntimas com os rios para abrir esse texto da tese de doutorado é parte do esforço de produzir um conhecimento situado e corporificado (HARAWAY, 1995, p. 25). É esse corpo, emaranhado de experiências com os rios, que compõe essa pesquisa. Tudo isso, e mais um pouco, compõe aquilo que entendo pelo meu fazer científico. E foi a partir desse engajamento e em parceria com o rio Piracicaba que construí um Atlas-biografia do rio Piracicaba. Espero que esse mergulho no rio, a partir da minha pesquisa, lhes produza novos afetos e provoque novas relações.

**Figura 4** – O rio Piracicaba e o menino. Fonte: Fotografia de Fernando Camargo. Piracicaba, 2013.



# NA SUPERFÍCIE

*Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui.*

*(Ailton Krenak, 2022)*

Os rios estão por toda parte e não é difícil visualizá-los. Eles estão ao redor, embaixo da terra ou no ar que respiramos. Enquanto escrevo essa tese, os movimentos das águas dos rios alteram margens, leitos, paisagens, vidas, mundos e grafias. Os rios transportam animais, plantas, solos, hidratam, encharcam e afogam modos de existência. Eles afetam nossos corpos, o modo como pensamos e existimos. “Nas salas de aula, as crianças escutam que uma das civilizações mais antigas do mundo nasceu no delta do rio Nilo, no Egito, cujas águas irrigavam suas margens propiciando condições para a agricultura – essa ideia civilizatória” (KRENAK, 2022, p. 12).

Entretanto, para percebermos a existência da imensidão de corpos de águas que nos atravessam é preciso prestar atenção, ou talvez, eu dissesse mais atenção. É claro que muitos rios são imponentes, atravessam as vidas de maneira mais intensa e fica difícil não notar sua presença na paisagem. Mas quero chamar atenção para como os rios, mesmo aqueles que se fazem notar, estão longe dos nossos olhos. Faça um pequeno exercício tentando lembrar todos os nomes de rios que você conhece. Agora pense nos

nomes dos afluentes desses rios que você conhece. Principalmente na vida urbana das cidades, é preciso reaprender a perceber sua presença. Agora, o mais interessante é que quanto mais prestamos atenção à presença e ao movimento desses corpos de água, mais vidas cultivamos e percebemos na paisagem. Esse talvez seja o primeiro passo para um mergulho na vida dos rios. Mas, e quando eles afetam nossa vida de uma maneira tão intensa? E quando percebemos que eles alteram nossos movimentos, nossos afetos e desejos. Quando eles revolucionam nossas curiosidades e as perguntas que queremos fazer em nossas pesquisas? O que fazemos? Enfim, esse é o caso do rio Piracicaba.



A premissa de que a água é o princípio da vida, que a humanidade não sobrevive sem ela e que diferentes povos se relacionam com ela de formas distintas, desperta interesses diversos das ciências sobre este “elemento”. Por sua vez, os cursos de água doce, tais como rios, riachos, córregos, canais e arroios apresentam-se de diferentes maneiras na vida social, como elementos civilizatórios, vias de transporte, patrimônios naturais, fontes de energia, preocupação urbana, fontes de recursos hídricos, elementos paisagísticos, focos de disputas de governança, definição de fronteiras, lugares de moradia, locais de turismo e lazer, entidades sagradas, locais de rituais, lugares de despejo de dejetos, conservação da biodiversidade, locais de reprodução e criação de espécies, objetos de análise etc.

As pesquisas que têm como foco os rios expõem uma grande diversidade de perspectivas teórico-metodológicas, a depender do eixo de análise escolhido, das áreas disciplinares e do momento social, histórico e político vivido. Evidentemente, não podemos ignorar a relevância desses trabalhos que mostram a importância dos rios e o grande interesse das ciências em estudá-los. Baptista e Cardoso (2013), partindo de uma visão histórica da relação entre os rios e as cidades, apontam a relevância dos rios para o surgimento das cidades, uma vez que, “além de prover água para consumo, higiene, agricultura, atividades artesanais, comunicação e comércio, em muitos casos desempenham um papel na defesa e proteção das cidades” (BAPTISTA; CARDOSO, 2013, p. 127). Dessa forma, os autores apontam para os principais desafios científicos, tecnológicos, econômicos, políticos e sociais na melhoria da qualidade ambiental e urbana a partir dos rios.

Além dos estudos que focalizam os benefícios dos rios para as

“populações humanas”, outras pesquisas tratam de problemas que eles causam às cidades. O trabalho de Porath (2004) mostra que diversos estudos têm como preocupação desenvolver soluções para problemas urbanos “causados pela presença dos rios”; um exemplo é quando eles impõem limites ao crescimento das cidades, quando se tornam obstáculos a serem transpostos, quando causam problemas de drenagem e causam enchentes e alagamentos ou quando servem de local de despejos (PORATH, 2004).

os rios urbanos são mal compreendidos. São entendidos como um limite ao crescimento das cidades, um obstáculo a ser transposto, e desta forma, não recebem tratamento adequado. Vistos como um problema de drenagem urbana, localizados em fundos de lote e tratados como local de despejos, os rios não vêm sendo considerados como elementos enriquecedores na construção da paisagem urbana. (PORATH, 2004, p. 13).

Graça et al. (2019) mostram que são muitas as pesquisas sobre os ecossistemas aquáticos, principalmente no que se refere “à biologia e ecologia dos bioindicadores (como as algas, plantas aquáticas, invertebrados e peixes), à caracterização do meio físico e ao estabelecimento de métodos de classificação do estado biológico e ecológico” (GRAÇA et al., 2019, p. 22). Além disso, é preciso citar que muitas são as pesquisas que abordam o meio ambiente aquático sob o ponto de vista ecológico, tais como, fatores responsáveis por ocorrência, distribuição e abundância de espécies, relação dos organismos com as características físicas e químicas do ambiente e dos organismos entre eles. Essa compreensão acaba subsidiando avaliações de impactos no meio ambiente, efeitos de alterações antrópicas, elaboração de políticas públicas, métodos de restauração ambiental etc. Também existem aquelas pesquisas que produzem conhecimento sob o ponto de vista hidrológico, tais como, vazão dos rios, velocidade de corrente, relação com pluviosidade etc.

No âmbito das ciências sociais, sobretudo da antropologia, é importante destacar algumas pesquisas e temas trabalhados por essa disciplina ao longo de sua história. É consenso que desde o início dessa disciplina os rios fizeram parte das pesquisas realizadas por antropólogos. Mas de que forma eles marcaram a vida da antropologia e dos textos produzidos por esses pesquisadores?

Dada a tendência histórica de as “populações humanas” situarem-se perto de rios, riachos, córregos, lagos ou outros corpos de água doce,

é imaginável esperar encontrar muitas descrições de rios em registros etnográficos. Entretanto, como apontam John R. Wagner et al. (2018), nas publicações antropológicas até a década de 1950, a água doce era tratada mais frequentemente como uma “natureza folclórica”, os textos falavam sobre seres e simbolismos da água, ou então os corpos de água apareciam descritos como importantes marcadores geográficos nas pesquisas antropológicas. Os autores relatam que eram raros os textos antropológicos que investiam e dedicavam mais tempo à descrição e caracterização dos rios.

No século XX a água e os rios começaram a ocupar um lugar de maior destaque no cânone antropológico, por exemplo, em estudos que investigavam a relação da água com a agricultura e com a organização política. Segundo os autores Wagner et al. (2018), “Julian Steward publicou um artigo seminal sobre o papel da irrigação no desenvolvimento de ‘civilizações antigas’ na China, Mesopotâmia, Peru e Mesoamérica em 1949” (p. 2, tradução minha<sup>21</sup>). Nesse período, a antropologia passou a se concentrar principalmente na água como recurso político e econômico e menos em suas qualidades mitológicas e simbólicas. De acordo com os autores, isso foi impactado também no pós-guerra a partir dos

anos 1950, 1960 e início dos anos 1970, alimentado em parte pela construção de represas hidrelétricas cada vez maiores e desvios maciços de irrigação. [...] O ritmo ainda mais acelerado da globalização, crescimento populacional, urbanização e intensificação agrícola desde a década de 1970 levou a uma nova reinscrição de rios e água doce, não apenas como um ‘recurso’, mas como um ‘recurso escasso’ e ‘mercadoria’. (WAGNER et al., 2018, p. 2; tradução minha<sup>22</sup>).

Os autores também destacam que os estudos mais contemporâneos que abordaram a questão da água na relação e na organização política e econômica das populações passaram a evitar generalizações excessivas e se concentraram em uma variedade mais ampla de cenários e questões históri-

21 “Julian Steward published a seminal article about the role of irrigation in the development of ‘ancient civilizations’ in China, Mesopotamia, Peru and Mesoamerica in 1949.” (WAGNER et al., 2018, p. 2).

22 “[...] the 1950s, ’60s and early ’70s, fueled in part by the construction of ever more and larger hydro-power dams and massive irrigation diversions [...] The even more rapid pace of globalization, population growth, urbanization and agricultural intensification since the 1970s has led to a further re-inscription of rivers and fresh water, not just as a ‘resource’, but as a ‘scarce resource’ and ‘commodity’.” (WAGNER et al., 2018, p. 2).

cas “dando origem a um corpo de trabalho rico, diversificado e até caótico, que também é cada vez mais interdisciplinar” (WAGNER et al, 2018, p. 3). Isso reflete muito “a premissa de que os rios são fundamentalmente de natureza social, então é possível tratar os rios como o ‘sujeito’ e não o ‘objeto’ da investigação” (WAGNER et al, 2018, p. 4).

Mais recentemente, podemos observar que as pesquisas em antropologia estão sendo fortemente afetadas por outras perspectivas. E aqui quero destacar as contribuições das epistemologias negras e indígenas que têm provocado uma virada no campo disciplinar da antropologia no que se refere às referências mais tradicionalmente utilizadas no campo de conhecimento acadêmico.

Quando uma mulher indígena, negra, ribeirinha ou quilombola entra no território da universidade, não é apenas uma pessoa ou um sujeito, mas são saberes ancestrais, coletividades, subjetividades, historicidades, espiritualidades e formas de ver, nomear e significar as coisas existentes, que difere, sobremaneira, dos modos ocidentais de ver e viver que acessam o território da universidade. [...] a universidade deve ser vista como território epistêmico, no qual a participação de indígenas, negras, quilombolas e ribeirinhas se estabelece a partir de lógicas diversas de compreensão de mundos. O que significa novas epistemologias, subjetividades e ontologias compartilhando o território acadêmico. (ALVES, 2019, p. 83-84).

Franz Krause (2019), em um ensaio, introduz a ideia de hidroperspectivismo como reflexão sobre o que aconteceria se os antropólogos, ao lado de seus participantes de pesquisa, pesquisassem a vida terrestre a partir de um ângulo aquoso. Para isso, o autor propõe estender a ideia, forjada na etnografia ameríndia, de perspectivismo ameríndio elaborado por Eduardo Viveiros de Castro e Tânia Stolze Lima (LIMA, 1996, 2005; VIVEIROS DE CASTRO, 1996, 2002), para os estudos antropológicos das relações com a água. Dessa forma, ele propõe que nos engajemos no hidroperspectivismo. Para ele, isso significaria mudar nosso ponto de referência, isto é, “olhar para a terra a partir de uma heterotopia aquática e comentar a vida terrestre com base na experiência aquática” (KRAUSE, 2019, p. 95; tradução minha<sup>23</sup>).

O autor (2019) vai mais adiante demonstrando que, assim como devemos ter em mente que uma perspectiva aquosa alteraria nossas refle-

23 “[...] looking landwards from a watery heterotopia, and commenting on terrestrial life based on aquatic experience.” (KRAUSE, 2019, p. 95).

xões sobre um mundo terrestre, diferentes tipos de água podem oferecer diferentes perspectivas. Krause (2019) apresenta uma série de autores que, de alguma maneira, procuram inverter essa perspectiva a partir de um ponto de vista aquoso. Linton (2010) argumentou que a água como um bem público é uma coisa muito diferente da água em uma garrafa plástica comprada em uma loja, uma vez que essas diferentes águas emergem e reproduzem diferentes relações sociais. Ballesterio (2019), ao explorar em detalhes alguns dos dispositivos sociais, legais e técnicos da água, demonstra que, em diferentes configurações, a água é operada como mercadoria ou como um direito humano universal. Kuo (2019), por sua vez, traça como, durante uma crise hídrica de Taiwan, o governo performou a água como uma substância quantitativa cuja escassez se configurava como indicador de mudança climática. Enquanto isso, no discurso público, a água era tratada como uma substância política, cuja escassez era um indicador de má governança. Renzo Taddei demonstra como a água, ou a falta dela, provocam modos de enredamento que “através da interpelação de corpos de humanos, animais, plantas, e também de objetos técnicos, processos político-administrativos e construções ideológicas” (TADDEI, 2014, p. s/n) se transformam em emaranhados de linhas de devir, “nas quais as relações podem se constituírem como mais ou menos felizes” (TADDEI, 2014, p. s/n).



Considerar os rios sujeitos da investigação a partir das pesquisas que formulei e já mencionei, levou-me a algumas perguntas que me acompanharam durante essa pesquisa de doutorado: *Poderia o rio Piracicaba, esse curso de água que corta a cidade de mesmo nome, no interior do Estado de São Paulo, escutar-me durante minhas caminhadas por suas margens? Poderia ele ouvir minhas conversas sobre as vidas e encontros que tecem a textura de seu próprio mundo? Saberá ele de minhas motivações e de meus interesses sobre sua vida? E, caso me escute, será que teria escutado também as disputas travadas entre os bandeirantes e os indígenas Paiaguá sobre seu leito? Ouviria ele os sussurros e segredos dos pescadores em suas margens ou, ainda, as promessas dos devotos do Divino Espírito Santo? E se escuta, como interfere, dialoga, responde ou reivindica esses múltiplos mundos? Resistiria ele à instalação de barragens em seu leito que tentam controlar a dinâmica de suas águas?* Escutando ou não, falando ou não, a questão é que ele responde participando da composição de um mundo a partir dos encontros entre outros mundos diferentes. Mas agora, no curso de minha pesquisa

de doutorado, que histórias o rio Piracicaba poderia me/nos contar? Como fazer vazar as existências para as resistências do rio Piracicaba?



“Numa altitude de 522 metros acima do nível do mar, o [rio] Piracicaba inicia seu curso. Sua formação está nas seguintes coordenadas geográficas: 22” 45’ de Longitude Sul e 47” 15’ de Latitude Oeste” (GUIDOTTI, 1992, p. 29). Segundo José Luiz Guidotti (1992), o rio Piracicaba não tem nascente. Sua origem “está quando, a 800 metros da Barragem de Salto Grande, nas proximidades de Americana/SP, o rio Atibaia encontra-se com o rio Jaguari (GUIDOTTI, 1992, p. 29). É dessa relação, do encontro das águas desses dois rios, que surge um rio Piracicaba. O rio Piracicaba percorre 250 km de sua formação, nas proximidades de Americana/SP, até sua foz no rio Tietê entre os municípios de Santa Maria da Serra/SP e Barra Bonita/SP. Esse rio foi uma rota fluvial de acesso aos Estados do Mato Grosso e Paraná no século XVIII. Ao longo dos séculos XIX e XX, o rio foi utilizado como rota de navegação de pequenos barcos a vapores e como fonte de abastecimento para engenhos e fazendas de cana-de-açúcar e café.

É importante destacar que o rio Piracicaba está firmemente ligado a cultura da cidade de Piracicaba, que cresceu ao longo de suas margens. Diante disso, uma série de manifestações artísticas e culturais possuem elementos que fazem referência direta ou indireta ao rio, como por exemplo, os grupos de maracatu, as exposições de artistas plásticos, as composições de músicas, as festas promovidas por grupos ou pelo poder público, blocos de carnaval etc.

A bacia hidrográfica<sup>24</sup> do rio Piracicaba estende-se por uma área de 12.531 km<sup>2</sup> e está situada no sudeste do Estado de São Paulo e extremo sul de Minas Gerais, dos quais 11.020 km<sup>2</sup> estão localizados na região centro-oeste do Estado de São Paulo e o restante, na região sudoeste do Estado de Minas Gerais, abrangendo 47 municípios paulistas e quatro mineiros.



24 “Bacia hidrográfica ou bacia de drenagem é a extensão de escoamento de um rio central e seus afluentes. Situadas em áreas de maiores altitudes do relevo por partidores de água, no qual as águas das chuvas, ou são drenadas superficialmente gerando os rios e riachos, ou infiltram no solo para formação de nascentes e do lençol freático. Desse modo, sua definição tem-se expandido com uma amplitude que supera aspectos hidrológicos, abrangendo o estudo da estrutura biofísica, tal como as transformações nos paradigmas da utilização da terra e implicações ecológicas. Na esfera de um estudo hidrológico, apesar do conceito tácito, ainda existem alternâncias no foco principal, de acordo com a assimilação dos técnicos que o aplicam em seus conhecimentos.” (SCHIAVETTI; CAMARGO, 2002).



Destacam-se alguns importantes municípios, são eles: Bragança Paulista, Campinas, Limeira, Americana, Atibaia, Rio Claro, Santa Bárbara d'Oeste e Piracicaba. As atividades econômicas realizadas na bacia hidrográfica do rio Piracicaba são bastante heterogêneas, com áreas dominadas pela agricultura e outras, por indústrias.

## Localização



**Figura 5** – Bacias hidrográficas do rio Piracicaba, Capivari e Jundiá. Fonte: Consórcio PCJ (2018).



**Figura 6** – Formação do rio Piracicaba a partir do encontro dos rios Atibaia e Jaguari, nas proximidades do município de Americana/SP. Fonte: Imagem de satélite Google Earth (Mar. 2022).

**U  
M**

**M  
E  
R**

**G  
U  
L  
H  
O**

**ÍNTIMO**

Ao longo do tempo, conforme minha relação com o rio Piracicaba foi sendo construída, fui conhecendo e convocando seus outros companheiros, seus parentes, suas outras relações – estas sobretudo cosmopolíticas (STENGERS, 1997), entre mundos entrelaçados que disputam com o rio. Nessa relação íntima, eu lhe apresento outros mundos, outras pessoas e outras relações, e ele faz o mesmo comigo. Posso dizer que formamos um vínculo, um tipo de parentesco por afinidade. Foi nessa relação de troca, de “pesquisar com o rio”, que a etnografia aconteceu. A proposta desse texto é contar aquilo que o rio Piracicaba me ensinou a partir dessa relação construída com ele, mas também por meio de infinitos outros encontros inusitados que tive durante esse período.

Procuro, portanto, levar a sério os diferentes mundos que compõem esse cosmos “desconhecido” que compreende a existência do rio. A proposta de cosmopolítica elaborada pela filósofa da ciência Isabelle Stengers (2007) refere-se a uma atitude desafiadora de considerar o que é “desconhecido”, ou seja, uma proposta de reconhecer que a forma com que a ciência moderna foi construída não nos permitiu conhecer outros mundos possíveis, isso porque esses mundos são agenciados por outros - coletivos humanos e entidades mais-que-humanas. É necessário, portanto, o reconhecimento de alteridades ontológicas, o que inclui creditar politicamente outras culturas que habitam outros “cosmos”, encantados e ocupados por outras entidades que a ciência moderna desconsidera. Seriam as alianças com esses seres e essas outras ontologias que nos permitiriam construir e viver em um “mundo comum”.

Isso difere da ideia de que as coisas precisam ser animadas pelos “humanos” para adquirirem sua agência, reconhecendo que há vários seres que se movimentam afetando e sendo afetados pelo mundo em movimento, que, por sua vez, produz movimentos entrelaçados por outros movimentos. Dessa forma, deixar-se ser afetado pelo rio Piracicaba e sua multiplicidade significa respeitar outras temporalidades, incluir outras formas de observação e escuta, tornando a reflexão lenta e atenta, permitindo a relação com esses mundos desconhecidos. Entendo que isso seria atuar politicamente com os rios, e é o que proponho com a tese.

Estamos no “tempo das catástrofes” (STENGERS, 2015) e no “tempo das perturbações” (TSING, 2019). Experimentar modos de relação no diálogo com o rio Piracicaba colabora para pensar de modo efetivamente

diferente e propor, em conjunto, formas de viver em um mundo danificado (TSING, 2019). Isso contribui para se pensar alternativas de (con)vivência em um mundo marcado por uma “ecologia do desastre” (KRENAK, 2019), que se revela catastrófico diante dos crimes socioambientais – como os de Bento Rodrigues, em Mariana/MG e Brumadinho/MG –, do colapso climático, das epidemias (zika, dengue, febre amarela e, mais recentemente, a pandemia de covid-19), da exploração do garimpo ilegal na Amazônia, do genocídio do povo indígena Yanomâmi, dos deslizamentos de terras no litoral norte do Estado de São Paulo etc.

Ao olhar para a (re)existência dos rios – entidades *a priori* consideradas “naturais” –, esta pesquisa tem como objetivo compor uma biografia do rio Piracicaba, que serve de “rio condutor” para estabelecer relações com instituições, políticas, substâncias, mundos e visões de mundo. O foco sobre a singularidade da biografia do rio Piracicaba permite, por exemplo, discutir modos de existência, problematizar concepções de “desenvolvimento” e “progresso”, “natureza” e “cultura” e refletir sobre o entrelaçamento de diferentes vidas que envolvem a dinâmica das águas do rio.

Ao invés de responder “o que seria” o rio Piracicaba como um ser, entidade ou como representações culturais, busquei conhecer como mundos podem ser criados e alterados no e com o rio. Tive como objetivo, portanto, pesquisar com o rio Piracicaba, não partindo da ideia de “demonstrar” como os diversos “agrupamentos humanos” utilizam suas margens ou águas para o consumo, tampouco analisando seus aspectos morfológicos. Mesmo que isso às vezes apareça no texto, ofereço a possibilidade de contar histórias e produzir afetos a partir de diferentes relações outras-mais-que-humanas. Interessa-me a situação do rio Piracicaba, bem como as políticas concretas que o capturam, ativam, oprimem ou são compostas com ele. E com isso estabeleço algumas conexões entre as histórias que os trabalhos científicos e não científicos contam sobre o rio, o que contribui para ampliar as associações que entretecem sua vida.

Ao propor o trabalho de fazer uma etnografia com o rio Piracicaba, situo-me numa posição de aprendiz, que coleta materiais e histórias (TSING, 2018), transformando e (re) configurando diversas grafias do e no rio. A partir do exercício de descrição como experimentação (STENGERS, 2018), busquei com a etnografia torcer perspectivas, realizar comparações não convencionais, justapor imagens, conceitos, metáforas, fazer analogias, como uma espécie de bricolagem que possibilita contar coisas e histórias (HARAWAY, 2008; HARAWAY, 2016a). Proponho, com isso, assumir o es-

forço de experimentar uma escrita textual e também imagética, como agenciamento estético-político.

Importa quais histórias contamos para contar histórias; importa quais nós atam nós, quais pensamentos pensam pensamentos, quais descrições descrevem descrições, quais vínculos vinculam vínculos. Importa, quais histórias fazem mundos, quais mundos fazem histórias. (HARAWAY, 2016b, p. 12).

Inspirado, também, em Genevieve Azam e Ailton Krenak, procuro com a tese prolongar trocas silenciosas, sonhos, pesadelos, medos, tristezas e revoltas. O rio Piracicaba não é apenas um curso de água, tampouco apenas fonte de recurso hídrico para as populações humanas. Sem cair na “tentação da aldeia” (MAGNANI, 2003), olho para ele e, andando por suas margens, busco as relações entre modos de conhecimento distintos, mas entrelaçados. O rio se faz numa malha relacional (INGOLD, 2014), na qual a vida transborda no seu fazer-do-rio e o rio transborda no fazer de outros mundos – mundos-outros-transbordados. Cito um parágrafo do livro *Carta à Terra, e a Terra Responde* de, Genevieve Azam (2020). O diálogo da autora é com a Terra, mas é bastante inspirador para também falarmos com os rios.

Nós te havíamos excluído da nossa história, você, que vem do fundo dos tempos. Foi admitida à margem, como um recurso para a produção material, cujo o crescimento foi erigido como princípio de emancipação e de civilização. Mas você é martirizada por essa nova religião; sufoca e transborda. É sobre esse grande transbordamento que eu gostaria de conversar contigo. Se ele está pejado de perigos e destruições irreversíveis, não é também um apelo a uma metamorfose, a insurreições próprias a agitar este mundo infernal? E se as ameaças revelassem também a tua beleza e a força de nossos vínculos? (AZAM, 2020, p. 16).

# SERPENTEANDO O RIO

Parafrazeando Tim Ingold (2012), onde termina o rio e começa o resto do mundo? A margem do rio, por exemplo, é parte do rio? Se eu olhar para uma margem e a observar mais de perto, constatarei que ela é habitada por várias criaturas que lá fizeram suas casas. Serão elas parte do rio? E o musgo que cresce nas pedras do rio, ou as plantas aquáticas que moram/flutuam em suas águas? Se decidirmos que os peixes que vivem em suas águas pertencem ao rio tanto quanto a própria água, então não há razão para excluirmos seus outros moradores, inclusive capivaras, patos, pássaros, insetos, pescadores, fantasmas etc. Se considerarmos que o carácter desse rio também está em suas reações às alterações no modo como seu leito, suas margens, seus habitantes respondem ao movimento de vazão, então poderíamos nos perguntar: O que é rio, e o que é não rio? Tudo é rio?

Procurei começar a pesquisa em diferentes momentos e distintos lugares. Coletei documentos, imagens e outros materiais que contam sobre o rio Piracicaba. Percorri trechos de suas margens. Conversei com pescadores e moradores de seus arredores e que conhecem de perto o temperamento de suas águas. Ouvi histórias e narrativas pessoais carregadas de afetos e, por que não, desafetos pelo rio. E, por fim, observei-o de cima de uma ponte, de sua margem esquerda e direita, de dentro de um barco ou então do alto de um mirante. E foi a partir destas relações e de suas respostas que mergulhei na vida do rio e procurei compor um Atlas-biografia do rio Piracicaba.

Essas relações com o rio Piracicaba não foram construídas de forma calculada, racional, mas eu diria que são fruto de minhas experiências e respostas ao me sentir, muitas vezes interpelado por ele. Ou talvez sejam respostas do rio, ao se sentir, muitas vezes, interpelado por mim. Juliana Fausto, em *Cosmopolítica dos animais* (2020), conta que, ao se sentir interpelada por gatos, decidiu conviver com eles formando um vínculo de parentesco transespecífico por afinidade. É a partir de sua resposta diante dos gatos, mas sobretudo diante da resposta dos gatos a ela, que Juliana desenvolve sua reflexão. Mas o que seria essa capacidade de responder?

Em conversa com Clarissa Reche, uma colega do Laboratório de Estudos Socioantropológicos sobre Tecnologia da Vida – o Labirinto –, refletimos que essa habilidade de resposta não é algo simples. Na verdade, ser capaz de responder possui uma grande implicação: ser capaz de se engajar em uma conversa. Tal como Juliana com os gatos, eu levei o rio Piracicaba para dentro da minha casa - para bater um papo, prolongar uma conversa. No meu caso, o rio foi morar comigo por meio de diversos materiais, fragmentos encontrados em suas margens, meus textos, depoimentos de outras

peçoas, imagens, sonhos, pensamentos. Segundo Juliana Fausto, essa ideia de “resposta” e “responsabilidade” é mais bem compreendida a partir de Donna Haraway (2008), que estabelece que uma “primeira consequência do conceito de responsabilidade como ‘uma relação urdida em intra-ação através da qual entidade, sujeitos e objetos vêm a ser’ (HARAWAY, 2008, p. 71) é que ela deixa de ser apenas humana” (FAUSTO, 2020, p. 31).

O que a autora destaca é que passamos a existir nos fenômenos como entidades separadas com competências e responsabilidades distintas e não simétricas. “Não há de antemão nem um ‘eu’ nem um ‘eles’, mas emaranhamentos dos quais podemos emergir [...] em situações particulares segundo relações materiais-semióticas” (FAUSTO, 2020, p. 32). Eu, o rio e todos os outros seres e mundos estamos entrelaçados, numa malha relacional. Somos, portanto, entidades separadas que respondemos uns aos outros, mas possuímos responsabilidades distintas.

A ideia de vida do rio Piracicaba que trago neste texto é muito influenciada pela perspectiva de Tim Ingold (2011, 2012) e procura se afastar do conceito mais tradicional de ser vivo como oposição a seres não vivos. Para este autor, a vida é uma paisagem contínua “enquanto capacidade geradora do campo englobante de relações dentro do qual as formas surgem e são mantidas no lugar” (INGOLD, 2012, p. 27). Nessa perspectiva, entendendo o rio Piracicaba não como um objeto, mas como um agregado de fios vitais, em que cada participante desse emaranhado tece um fio que se realiza por meio do mundo. Em contraponto, trago, brevemente, alguns autores que tentam diluir as diferenças entre os chamados “sujeito e objeto”, utilizando recursos diferentes de Ingold, mas que muito têm colaborado para borrar essas fronteiras.

Alfred Gell (1998), por meio de uma inspiração cognitivista, desconstruiu uma visão estática sobre os objetos introduzindo neles um potencial de agência. Para o autor, dependendo do contexto, o objeto possui um potencial relacional que permite uma interação nas relações sociais. Dessa forma, buscando desconstruir a dicotomia entre objeto e pessoa, materialidade e imaterialidade e reconhecer a agência dos objetos, Gell afirma que os objetos assumem forma e função com os seres humanos. Isso faria com que esses objetos relacionais carregassem mais do que imagens aparentes, mas intencionalidades, relações e subjetividades. Tomando essa perspectiva de Gell (1998), poderíamos dizer que a agência do rio Piracicaba estaria no significado de sua materialidade, na sua relação na forma e na função que ele estabelece com os seres humanos.

Ao elaborar a teoria ator-rede, Bruno Latour (2012) oferece uma crítica à oposição entre subjetividade e objetividade na teoria social. Segundo ele, um aspecto fundamental dessa formulação é a de não considerar o humano uma unidade de análise principal. Nessa perspectiva, a vida social possui um caráter híbrido que perpassa todas as relações entre objetos e pessoas. Na teoria ator-rede, a agência possuiria um caráter relacional, não mais centrada nos humanos, mas distribuída entre todos da ação-rede. Dessa forma, um ator só é o que é em razão de sua posição na ação-rede composta por elementos heterogêneos. O objeto, portanto, não é somente uma ferramenta, mas tem a capacidade de alterar, mediar e subsidiar outras ações. Nessa perspectiva, a agência do rio Piracicaba estaria em sua capacidade de alterar as relações partilhadas entre todos que participam da ação-rede – humanos e não humanos.

Avançando um pouco mais, Ingold afirma que a ação no mundo não é somente o resultado de uma agência distribuída em torno da rede, mas, antes, emerge de um jogo de forças conduzido por meio de linhas de uma malha (2011, p. 92).

[...] sugiro que o problema da agência nasce da tentativa de reanimar um mundo de coisas já morto ou tornado inerte pela interrupção dos fluxos de substância que lhe dão vida. No ASO [Ambiente Sem Objetos] as coisas se movem e crescem porque elas estão vivas, não porque elas têm agência. E elas estão vivas precisamente porque não foram reduzidas ao estado de objeto. (INGOLD, 2012, p. 33-34).

Tim Ingold (2015), ao apontar o dualismo e as “ilusões” da ciência modernista, propõe um engajamento no mundo a partir daquilo que denominou “antropologia para além do humano”. Para ele, os seres produzem-se a si mesmos a partir das relações que são estabelecidas em suas ações e condições de desenvolvimento e crescimento. Esse processo de participação e transformação no mundo, ao mesmo tempo em que o mundo se desenvolve, dá-se a partir do desenvolvimento de habilidades de “improvisação criativa ao longo de linhas de ação e de vida” (TADDEI; GAMBOGGI, 2016, p. 35). Dessa forma, tomo o rio Piracicaba não como pontos isolados que estão conectados, mas como um emaranhado de linhas contínuas de crescimento e movimento (INGOLD, 2011, p. 63), como um emaranhado das narrativas biográficas que coletei com o rio e que se alteram continuamente.

Ingold utiliza a metáfora da aranha para mostrar que “os fios



de uma teia de aranha não conectam pontos ou ligam coisas [...] eles são extensões do próprio ser da aranha à medida que ela vai trilhando o ambiente” (INGOLD, 2012, p. 40). É essa vinculação entre vários seres – uma constituição mútua de “devir junto” – que entendo por vida. Outra metáfora interessante, utilizada por Emanuele Coccia (2018, p. 36), é a de que o “estar-no-mundo de todo ser vivo precisaria ser compreendido a partir da experiência de mundo do peixe”. Nessa metáfora, a água do rio não está apenas diante do peixe, mas nele, atravessando-o, entrando e saindo dele. A vida do rio Piracicaba estaria, assim, na relação entre seres e mundos – mundos-ou-tros-transbordados.

Elizabeth Povinelli (2016) também tem me ajudado a pensar a vida do rio Piracicaba. Em oposição à ideia de que a vida seria a capacidade que alguns seres teriam de nascer, crescer, reproduzir-se e morrer – ideia essa que a epistemologia ocidental atribuiu à vida biológica (POVINELLI, 2016) –, o que entendo por vida do rio Piracicaba é sua capacidade de construir múltiplas relações com seres, mundos, coisas etc. Segundo Elizabeth Povinelli,

Nas ciências naturais, sociais e filosóficas, “vida” atua como uma divisão fundacional entre entidades que possuem a capacidade de nascer, crescer, reproduzir e morrer, e aquelas que não conseguem realizar esses processos: biologia e geologia, bioquímica e geoquímica, vida e não vida. (2016, p. 421).

Segundo Alyne de Castro Costa (2016, p. 144), Elizabeth Povinelli tem o interesse de “empreender uma antropologia ontologicamente informada”. Nessa proposta, a ontologia é constituída por certo arranjo dos existentes em um plano de existência. Entretanto, “tanto os arranjos são iminentes ao plano de existência quanto o plano de existência também é iminente em relação a si mesmo e às entidades que nele se encontram” (COSTA, 2016, p. 144).

O rio e todos os seres que se emaranham em sua teia produzem-se mutuamente e, portanto, formam um plano de existência em constante transformação. As linhas de vida do rio Piracicaba são linhas de devir, de maneira que, por exemplo, quando suas águas transbordam para a Rua do Porto<sup>25</sup>, opera-se um como contraponto do outro. Ou seja, no movimento de



25 É frequente o transbordamento do rio Piracicaba na Rua do Porto. Nos últimos 20 anos, foram registrados 45 alertas emitidos pela Defesa Civil e 20 episódios de alagamento ou enchente do rio Piracicaba.

desbordar das águas, rua e rio acabam por se confundir – naquele instante, rua é rio e vice-versa –, existindo e provocando transformações de forma contínua. Nessa perspectiva, a ênfase está no fluxo do transbordamento do rio, nas linhas emaranhadas de crescimento e vida, ao longo das quais a vida acontece. Esse processo permanente do extravasar das coisas é o que Ingold chama de trazer as coisas de volta à vida. As coisas estão na vida porque vazam, porque estão imersas no fluxo constante e porque oferecem possibilidades de um desarranjar contínuo que provoca, por sua vez, o rearranjar de novos arranjos.



Compor uma biografia, finalidade primeira dessa pesquisa, é realizar esse movimento/transbordamento a partir de diferentes elementos e modos narrativos, o que não significa apenas constituir um mosaico, justapondo elementos aleatórios, mas realizar o esforço de olhar, selecionar, cortar, reenquadrar, deslocar, associar, transbordar, imaginar e dispor de maneira a “fazer ver” entre realidades e possibilidades distintas dispostas pelo material biográfico (BRUNO, 2019). Dessa forma, de cada material acabei extraindo pistas, informações, lembranças. e minha função, diante disso tudo, foi a de (re)colocar em novas relações, elaborando diversas mediações entre tudo que tenho encontrado. Isso significa passar por processos de escolhas políticas.

Meu desafio foi o de unir, colocar lado a lado, sobrepor coisas muito variadas, aparentemente desconexas, numa tessitura textual [mas não só] que lhes conferisse um enredo, uma trama, afetamentos (SILVA, 2019, p. 405). Dessa forma, o rio Piracicaba não aparece como um fundo homogêneo e estático, mas como “complexas ‘ecologias de seres’, meios dinâmicos que estão continuamente em modelagem e remodelagem; ativamente – mesmo que nem sempre conscientemente” (VAN DOOREN; KIRKSEY; MÜNSTER, 2016, p. 2). Na minha relação de pesquisa

corpos e órgãos de sensibilidade não podem ser separados. Já não sentiríamos com uma única parte do nosso corpo, mas com a totalidade do nosso ser. Seríamos um imenso órgão de sentidos que se confunde com o objeto percebido. Um ouvido que é o som que escuta, um olho que se banha constantemente na luz que lhe dá vida. (COCCIA, 2018, p. 37).

# DESBORDAMENTOS

Existem diversos autores, escolas, abordagens, perspectivas que se dedicaram a discutir questões relacionadas a biografias, trajetórias e histórias de vidas dentro das humanidades. Isto já foi muito bem abordado, por exemplo, por autores como Sueÿ Kofes (2001), Daniela Manica (2009) e Marco Antônio Gonçalves (2012). Diante do que foi apresentado por estes autores, cabe destacar que a intenção biográfica assumida nesta pesquisa permite a construção de uma narrativa etnográfica (KOFES, 2001) que rompe com a ideia de uma etnografia apenas como descrição excessiva de fatos vivenciados.

A construção da narrativa parte de escolhas teóricas e metodológicas, mas também políticas, uma vez que são tentativas de apreender aspectos de experiências e relações que inicialmente fogem das formas de análise mais convencionais na antropologia. Conforme aponta Sueÿ Kofes (2015, p. 37), “se a narrativa biográfica se encontra com a etnografia ao marcarem para a antropologia a experiência da alteridade”, essa perspectiva, orientada em sua atenção aos contextos de relações, não procura encaixar o objeto em categorias externas, mas extrair as construções com as quais operam os agentes em seus campos semânticos próprios. Refletir com o rio Piracicaba a partir de uma perspectiva biográfica impõe seguir o emaranhado de linhas que revelam relações entre modos de existência a partir da compreensão e comunicação com seus modos de expressão. No caso dos rios, a partir do transbordamento, da instabilidade que o meio aquoso proporciona.

Esse movimento em direção à comunicação com os rios é um primeiro desafio, uma vez que podemos dizer que nossa perspectiva acadêmica, desde o local em que escrevemos e teorizamos, baseia-se numa “perspectiva da terra”. A materialidade desse terreno sólido, da vida acadêmica, em certa medida, nos proporciona uma sensação de estabilidade. Para pensar com o rio é preciso, antes de tudo, perceber e reconhecer que existem mundos para além daqueles terrestres e que existem expressões de mundos para além daquelas percebidas desde a terra. Diante disso, é necessário sentir a partir da instabilidade que o meio aquoso nos proporciona, num movimento de deixar-se contaminar pela instabilidade dos rios (KRAUSE, 2019).

A maioria das pessoas pensa que só se vive em terra firme e não imagina que tem uma parte da humanidade que encontra nas águas a completude de sua existência, de sua cultura, de sua economia, e experiência de pertencer. No lago Titicaca tem um povo antiquíssimo que vive em cima de plataformas, dentro da água. Ali, naquele espaço, todos nascem e morrem, criam pequenos animais, as crianças brincam. (KRENAK, 2022, p. 18-19).

Krause (2019) provoca a reflexão de que para pensar com o rio é preciso reconhecer as materialidades específicas daquilo que o autor denomina heterotopias aquáticas e, também, as maneiras pelas quais a água pode engendrar certas formas sociais e políticas. Quais seriam as materialidades específicas não hegemônicas dos rios? A antropologia é lugar interessante para estar, pois talvez o caminho seja prestar atenção às miudezas dos rios e suas relações, de forma que nos ajude a proporcionar “um novo olhar sobre nossos pressupostos terrestres e identificar problemas e pontos cegos em nossos modos de pensar [...] lembrando a nossos pares e a nós como as coisas podem ser diferentes e quão estranhas são, de fato, muitas das verdades inquestionáveis em nossos mundos” (KRAUSE, 2019, p. 93; tradução minha<sup>26</sup>).

Nas noites silenciosas ouvimos sua voz e falamos com nosso rio-música. Gostamos de agradecê-lo, porque ele nos dá comida e essa água maravilhosa, amplia nossas visões de mundo e confere sentido à nossa existência. À noite, suas águas correm velozes e rumorosas, o sussurro delas desce pelas pedras e forma corredeiras que fazem música e, nessa hora, a pedra e a água nos implicam de maneira tão maravilhosa que nos permitem conjugar o nós: nós-rio, nós-montanha, nós-terra. Nos sentimos tão profundamente imersos nesses seres que nos permitimos sair de nossos corpos, dessa mesmice antropomórfica, e experimentar outras formas de existir. (KRENAK, 2022, p. 13-14).

O que aprendi com o rio Piracicaba é que, para “conversar” com os rios, precisamos permitir tornar nossa reflexão lenta, perceber a materialidade

26 “[...] a new look at our terrestrial assumptions and identify problems and blind spots in our received ways of thinking [...] reminding our peers and us how different things could be and how strange, indeed, many of the otherwise unquestioned truths in our worlds are.” (KRAUSE, 2019, p. 93).

dade das águas, acompanhar o movimento do rio, apreender com seus fluxos e transbordamentos, compreender suas dinâmicas em períodos de cheia e seca; precisamos descrever como é estar à tona, em vez de ancorado. E é igualmente fundamental ter em mente que diferentes tipos de rios podem oferecer perspectivas diferentes em situações diferentes, ou seja, diferentes águas e hidrovias produzem diferentes perspectivas. Isso significa,

Aprender com os rios que não é possível recuperar uma condição original, mas fazer da nascente constante nesse modo metamórfico de viver e pensar, que não é possível reaver um território existencial que se encontraria pressuposto desde o início, nem regenerar seu caráter supostamente real e verdadeiro, mas seguir proliferando modos de existência particulares que desafiam qualquer modelo de verdade e resistam a qualquer vontade de julgamento. (DIAS; WIEDEMANN, 2017, p. s/n).

A partir das diversas narrativas do e com o rio Piracicaba, falo não apenas de um percurso geográfico por onde as águas passam, mas de um rio condutor de relações e assombrações com pessoas, animais, políticas, instituições etc. Um rio que vai para além de sua calha, que desborda de suas margens encharcando territórios, e que, se estivermos dispostos, nos provoca novas experiências. Ao assumir a biografia do rio a partir das múltiplas narrativas, relaciono a elas a noção de uma experiência, uma experiência-rio de transbordamento, da instabilidade das águas, do mergulho profundo, da correnteza etc., que se revela como estrutura, conectando momentos distintos em sua expressão (KOFES, 2015).

Ao reivindicar as narrativas biográficas como experimentação, e não como depoimentos ou documento antropológico, Suely Kofes (2015) aproxima-se da ideia de experiência em Turner (1982), que considera que a experiência não é empiricamente observável. Nessa perspectiva, “a expressão da experiência (a experiência narrada) conectaria eventos e afecções, incorporando e germinando significações e valores” (KOFES, 2015, p. 35). É exatamente isso que eu espero com a construção desse Atlas-biografia do rio Piracicaba: provocar uma experiência a partir da expressão de uma experiência com o rio Piracicaba.

A narrativa biográfica, como experimentação, “leva em conta, nas experiências narradas, a ação e o agente, e cria uma relação entre quem narra e quem é afetado pela narrativa” (KOFES, 2015, p. 35). Nessa composição, tomo as narrativas biográficas não apenas como documentos, mas

como um modo privilegiado de conhecer os múltiplos mundos que se transbordam, encontram, negociam e produzem a biografia do rio Piracicaba. Ao conferir ao rio um estatuto “social”, “existencial”, procuro, tal como fez Daniela Manica (2012) ao estudar os “medicamentos”, não apenas ver por meio dele as relações sociais, mas percebê-lo como definidor de dinâmicas, resultados e ações de um “social” amplificado.

No entanto, ao pensar em construir uma biografia para o rio Piracicaba, uma das primeiras perguntas com que me deparei foi: “Onde começaria e terminaria uma narrativa biográfica do rio Piracicaba?” E esse questionamento passou a me assombrar ao longo de toda a pesquisa: “Mas afinal, o que é o rio?” É claro que não existe uma única resposta para essa pergunta, mas – parafraseando Lévi-Strauss – ela é boa para pensar. Isso porque, na medida em que me proponho a percorrer a singularidade do rio – aquilo que eu descubro e construo como rio Piracicaba –, acabo colocando em jogo a multiplicidade de mundos que são disputados em sua biografia.

E foi, talvez ingenuamente, na expectativa de dar conta de uma totalidade percorrendo o rio Piracicaba que acabei buscando incessantemente por elementos que poderiam delimitar de onde eu partiria e até onde eu iria com a pesquisa – Qual seria o limite a ser percorrido? Claro que estabelecer cortes é fundamental para a execução da pesquisa, entretanto, no início, esse pensamento estava mais ligado a uma noção de biografia “tradicional” – a cronológica – que a concebe como narração de fatos particulares das fases da vida, organizados em ordem dos acontecimentos, desde uma origem até um término, e que acabam constituindo um todo.

Mas, como já mencionado, não é essa a ideia de biografia que carrego nessa pesquisa. No entanto, quando comecei o doutorado, era ela que me contaminava. E acho importante trazer essa ideia aqui para pensar meu começo de pesquisa e, a partir disso, as possibilidades de percursos desenhados nessa etnografia. Suely Kofes destaca que o que é fascinante nas diferentes formas de narrar uma biografia é o como elas se iniciam de maneira distinta e como configuram temas distintos (KOFES, 2015, p. 37). Posso dizer que comecei tal como o personagem Juca Sabão, de Mia Couto (2002), em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*:

Recordo aquela vez em que [Juca] Sabão se encomendou de uma expedição: queria subir o rio até à nascente. Ele desejava decifrar os primórdios da água, ali onde a gota engravida e começa a missanguear do rio. Juca Sabão muniu-se de mantimentos e encheu a canoa com os mais estranhos e desnecessários acessórios, desde bandeiras a cornetas. Demorou umas tantas semanas. Regressou e fui o primeiro a recebê-lo, nas escadas do cais. Olhou-me, cansado, e disse:

— O rio é como o tempo!

Nunca houve princípio, concluía. O primeiro dia surgiu quando o tempo já há muito se havia estreado. Do mesmo modo, é mentira haver fonte do rio. A nascente é já o vigente rio, a água em flagrante exercício. (COUTO, 2002, p. 61).

O que tenho feito no processo da pesquisa é desenhar as relações entre o que compõe a vitalidade do rio Piracicaba, puxando fios que podem contar histórias e coisas, provocar conversas e/ou produzir afetos. São muitas as possibilidades de narrativas sobre o nascimento do rio e, a depender de onde partem, contam histórias diferentes. É certo que a origem é uma categoria histórica, um determinado passado que revela o presente a si mesmo. Para Benjamin (2011), uma investigação começa quando o pesquisador demonstra que o fato que ele investiga pode revelar-se como um fenômeno de origem, algo autêntico.

A origem, mesmo sendo uma categoria histórica, não tem nada a ver com a gênese das coisas. A origem não designa o devir do que é nascido, mas aquilo que está nascendo no devir e no declínio. A origem é um turbilhão no fluxo do devir... em cada fenômeno de origem define-se a figura na qual uma ideia não cessa de confrontar-se no mundo histórico até que ela se torne, se encontre incluída na totalidade de sua história. Em consequência, a origem não emerge de fatos constatados, mas ela toca sua pré e pós história. (BENJAMIN, 2011, p. 44).

Nesse meu estudo de doutorado, procurei compor com o rio nascimentos que permitam aprender formas de existência que possam produzir resistências ao mundo danificado, “inspirar nossas escolhas sobre o lugar em que queremos viver” (KRENAK, 2020, p. 24). Em minha pesquisa a ideia de “bio” segue sendo importante, uma vez que permitiu a mim compor a

etnografia. Isso por que entendo ela como expressão da minha experiência biográfica com o rio. Uma experiência mediada pelas câmeras fotográficas, celulares, desenhos, computadores, agenciamentos que me permitem compor uma certa escrita sobre a vida - bio-grafia. Além disso, com essa intenção biográfica da pesquisa procuro permitir que novas vidas se emaranhem e sejam compartilhadas.

A maioria das referências encontradas sobre rios está relacionada à sua utilização como recurso hídrico, para satisfazer às necessidades “humanas”. Como diria Genevieve Azam (2020), são os capitães da indústria, colonizadores e desenvolvedores que

ao mesmo tempo que acatam há vários séculos a ideia de uma Natureza entregue à guerra e a uma concorrência impiedosa pela vida, acreditam poder te transformar, sem qualquer dano, numa Terra [ou rio] à sua disposição, organizada e tranquila. Uma espécie de oikos burguês, um casarão em que seria suficiente repartir os andares e os cômodos e escolher móveis e cortinas. (AZAM, 2020, p. 20).

Ao contrário disso, tenho contado as histórias, não com o objetivo de reabilitar o rio para continuar servindo como recurso. Isto seria seguir propondo “alternativas infernais” (PIGNARRE; STENGERS, 2005) que prendem a vida do rio Piracicaba em algo que seja “útil”.

Uma operação de resgate tem como intuito salvar o corpo que está sendo flagelado e levá-lo para um outro lugar, onde será restaurado. Quem sabe, depois de uma reabilitação, ele pode até seguir operante na vida. Isso partindo da ideia de que a vida é útil, mas a vida não tem utilidade nenhuma. A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira. A vida é fruição, é uma dança. Só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária. Uma biografia: alguém nasceu, fez isso, fez aquilo, cresceu, fundou uma cidade, inventou o fordismo, fez a revolução, fez um foguete, foi para o espaço; tudo isso é uma historinha ridícula. Por que insistimos em transformar a vida em uma coisa útil? Nós temos que ter coragem de ser radicalmente vivos, e não ficar barganhando a sobrevivência. (KRENAK, 2020, p. 108–109).

É levando a sério aqueles mundos-outros-transbordados do rio Piracicaba que se fez necessário pensar em metodologias que permitissem



ampliar relações e que se fizessem a partir de diferentes modos de conhecimento. Dessa forma, além de provocar a reflexão entre modos de existência mais-que-humanos, o que nos permite pensar nas sobrevivências e no próprio lugar dos “humanos” no mundo, tenho explorado os modos de conhecimento a partir da construção de uma etnografia que possa produzir e apresentar o conhecimento biográfico do rio de modo “criativo”, “levando a sério uma forma holística e inventiva de ver o mundo” (GAMA, 2016, p. 118). É certo que desde o início da pesquisa, e por influência do trabalho que desenvolvi durante meu mestrado, tive a intenção de produzir minhas reflexões também com imagens, propondo uma construção conjunta de um pensamento poético em sintonia com as reflexões teóricas.

Para isso, entendo que uma pesquisa etnográfica que incorpore diferentes formas de conhecer o mundo dá-se a partir de um engajamento corporal que resgate o visual como sentido parcial e corporificado (HARAWAY, 1995). Segundo Donna Haraway (1995), cada vez mais a ciência tem utilizado equipamentos de produção de imagens, como os sistemas de manipulação gráfica vinculados à inteligência artificial, microscópios eletrônicos com *scanners*, sistemas de tomografia ajudados pelo computador, sistemas de vigilância via satélite, vários tipos de câmeras. Haraway escreve que os olhos na ciência moderna “têm sido usados para significar uma habilidade [...] de distanciar o sujeito cognoscente de todos e de tudo no interesse do poder desmesurado”. Para a autora, “os instrumentos de visualização na cultura multinacional, pós-moderna, compuseram esses significados de descorporificação” (HARAWAY, 1995, p. 19). Conforme aponta Marco Antonio Gonçalves, “do ponto de vista da etnografia, a imagem é apreendida de modo que revele que, desde que a imagem é imagem, ela é sempre situada num olho, num corpo, numa cultura, numa concepção estética” (2016, p. 20). Dessa forma, a produção imagética abre para possibilidades de construir a experiência do encontro além de permitir uma via mais fértil ao imaginário (BARBOSA et al., 2016).

Se, por um lado, imagens têm no visualismo sua possibilidade de emergência, sua apropriação pela pesquisa antropológica permite uma via mais fértil ao imaginário, às experiências sensoriais, a toda a plethora de sentidos que não se restringem a simplesmente olhar e descrever, mas a uma experiência sensorial sinestésica, que não deixa de lado gestos, olhares, posturas e movimentos. (BARBOSA et al., 2016, p. 11).

A partir da urgência em reativar práticas que nos permitam dialogar com esses mundos-outros-transbordados e diante das possibilidades que a produção imagética oferece na pesquisa etnográfica, foi fundamental nesta pesquisa fazer com que o texto escrito, modo de expressão tradicional das ciências humanas, transbordasse, cada vez mais, para outras expressões, como o desenho, a fotografia ou, até mesmo, uma composição de imagem que escoasse da fotografia para o desenho e vice-versa.

As experimentações visuais envolvem a utilização de desenhos e fotografias como produção de um conhecimento corporificado multissensorial. Ao buscar expandir as formas de narrar histórias (HARAWAY, 2008), entendo que “todos os olhos, incluídos os nossos olhos orgânicos, são sistemas de percepção ativos, construindo traduções e modos específicos de ver, isto é, modos de vida” (HARAWAY, 1995, p. 22).

É importante destacar que a escrita científica tradicional é uma forma de grafia supostamente objetiva que difere da proposta que trago em minha pesquisa. Ao examinar algumas conexões e tensões entre os domínios da antropologia da imagem e da antropologia da ciência e tecnologia, Magda dos Santos Ribeiro (2020) demonstra que existe um diálogo profícuo entre a produção imagética e os estudos da ciência e da tecnologia. Para a autora, a antropologia da ciência, inspirada, em grande medida, na etnografia de Bruno Latour e Steve Woolgar ([1979] 1997) – que investigaram os laboratórios e a própria constituição do fazer científico –, demonstrou como as grafias produzidas por cientistas e técnicos exercem força e influência nas sociedades modernas (RIBEIRO, 2020, p. 211).

Ainda segundo a autora, um argumento desenvolvido por Callon, Law e Rip (1986) apontava para a importância das inscrições e dos textos na atividade científica e também para o modo de organização social da ciência. Os textos científicos constituem também uma ferramenta política para os cientistas, “para os quais, por meio de suas inscrições e grafias, o mundo era estruturado, construído e encapsulava as inúmeras atividades envolvidas na feitura dos fatos, estabilizados na forma de um texto enquanto garantia científica” (RIBEIRO, 2020, p. 277).

No entanto, o uso de diferentes grafias pode nos ajudar a “atravessar os domínios da antropologia das imagens e da antropologia da ciência e da tecnologia, instigando o pensamento e a reflexão e promovendo debates cada vez mais frutíferos” para a construção do conhecimento (RIBEIRO, 2020, p. 282). Para a autora, as diferentes grafias desafiam “o pensamento justamente porque suas marcas, seus registros, possibilitam ver diferentes

práticas de conhecimento, ao mesmo tempo em que mantêm visível o nosso próprio modo de conhecer” (RIBEIRO, 2020, p. 274).

A fotografia e o desenho são formas de expressão que, de diferentes modos, vêm acompanhando a história da produção do conhecimento antropológico. Segundo Andréa Barbosa (2014), a imagem fotográfica e a antropologia nasceram praticamente juntas, durante o século XIX, mas “é com a complexificação das formulações dos problemas, perspectivas e práticas antropológicas do século seguinte que a imagem e a antropologia começam um diálogo fértil, culminando com a consolidação de uma antropologia especificamente visual” (2014, p. 4). É no final do século XIX, segundo Sylvia Caiuby Novaes, que “a fotografia, o cinema e a ciência assumem seus lugares como instrumentos e disciplinas privilegiados para a observação da experiência humana” (2009, p. 11).

A fotografia marcou presença nas pesquisas etnográficas muito cedo, desde a tão citada expedição ao estreito de Torres, em 1889, em Haddon e Rivers, passando pelas pesquisas de Boas na Colúmbia Britânica entre o fim do século XIX e início do XX, até Malinowski nas Ilhas Trobriand, nos anos de 1920, e no trabalho de vários outros antropólogos que empreendem pesquisas de campo. (BARBOSA et al., 2016, p. 14).

O desenho, por sua vez, faz-se presente na antropologia desde seus primórdios (AFONSO, 2004; KUSCHNIR, 2016; AZEVEDO, 2016; AZEVEDO; RAMOS, 2016; CABAU, 2016). Apesar disso, ocupou um território instável e descontínuo no campo antropológico (ALMEIDA; MARRIL, 2018, p. 16). Entretanto, nas últimas duas décadas esse diálogo está cada vez mais intenso, conforme descrito por Aina Azevedo, em 2016, no Dossiê “Antropologia e desenho”, publicado na revista *Cadernos de Arte e Antropologia* (2016).

Trabalhos pioneiros, como os desenvolvidos por Karina Kuschnir (2014) como parte de uma experiência de ensino e pesquisa em antropologia, são referência na relação entre antropologia e desenho. Nessa experiência didática descrita por ela, o desenho pode tanto fazer parte do processo de observação quanto do material de análise ou de apresentação dos resultados (KUSCHNIR, 2014, p. 26). Em seus trabalhos, Karina demonstra como as experiências dos alunos são diversas e podem aparecer de diferentes formas no processo de pesquisa. Para alguns, o desenho mostra-se como forma de interação no ambiente de pesquisa ou, como diz a autora,

“disparador de conversas”. Para outros, os desenhos dão-se como “um aliado para permanecer mais tempo no campo” (GAMA; KUSCHNIR, 2014, p. 4). Contudo, para alguns alunos, o desenho mostra-se como um dado construído em campo.

Michael Taussig, em *I swear I saw this* (2011), ao trabalhar com um desenho de seu caderno de campo produzido depois de um dia de pesquisa desenvolvida na cidade de Medellín, Colômbia, em 2006, ajuda-nos a pensar a imagem, o processo de produção textual e a etnografia. O desenho desenvolvido pelo autor, e analisado em seu livro, foi feito dentro de um táxi, depois de ele ter presenciado a cena de uma mulher fazendo um abrigo com sacos de nylon, para ela e seu companheiro, dentro de um túnel. O desenho é acompanhado do texto “Eu juro que vi isso”. Para o autor, sua imagem compõe a primeira fase da pesquisa na “lógica imaginativa da descoberta”. No livro, ele procura trazer a imagem como revelação de seus potenciais analíticos, conforme suas palavras, “desenhando pela segunda vez”. Dessa forma, os esboços feitos em seu caderno de campo abrem a possibilidade para o acaso dos encontros e para a dúvida. O desenho, para ele, é tanto descrição daquilo que ele viu (ou jura que viu) quanto apresentação. Ele se apresenta como um outro modo de olhar o campo de pesquisa, provocando um duplo ver tensionador de suas experiências. Assim, o desenho abre, ao mesmo tempo, para essa possibilidade entre o ver e o testemunhar. O desenho que Taussig apresenta em seu livro é mais do que o resultado do ver: é um ver que duvida de si mesmo e do mundo do humano (FERIANI, 2015, p. 236). Tal como descreve Daniela Feriani,

Os desenhos, no caderno de campo, levam a escrita para outra direção. Enquanto a escrita, o epítome da consciência, parece apagar a realidade sobre a qual está escrevendo – quanto mais escreve, mais a realidade é empurrada para fora da página –, o desenho, em sua quase inconsciência, supera o pretense realismo da escrita e, por isso, é mais real. Ao apontar para longe do real, o desenho captura algo invisível que faz da coisa representada algo que descreve. (FERIANI, 2015, p. 237).

Mais recentemente, é possível observar o quanto muitas pesquisas em antropologia têm cada vez mais realizado experimentações que (des) combinam imagens fotografadas, filmadas, desenhadas (KUSCHNIR, 2014; AZEVEDO, 2014; ALMEIDA, 2018), pintadas, moldadas, escritas, costuradas (VASCO, 2015; OLIVEIRA, 2018), recortadas, coladas, sobrepostas,

montadas (BRUNO, 2010; CAMARGO, 2016a; ELIAS, 2018), enterradas (VASCO, 2018), assombradas (FERIANI, 2017). Esses trabalhos citados aqui, todos eles de amigos que fiz ao longo de minha trajetória acadêmica, buscam “a perspectiva daqueles pontos de vista que nunca podem ser conhecidos de antemão, que prometam alguma coisa extraordinária, isto é, conhecimento potente para a construção de mundos menos organizados por eixos de dominação” (HARAWAY, 1995, p. 24).

Considero, portanto, que as imagens e as diferentes grafias como experimentação multissensorial na pesquisa antropológica impõem esforços de investigação e utilização das imagens como um modo de conhecimento e pensamento (BRUNO, 2019), e não como ilustrações ou anexos da pesquisa. Busco nelas, ou com elas, soluções metodológicas para lidar com as problemáticas, aproximando-me, portanto, de uma “antropologia gráfica” (INGOLD, 2012) que volta a interessar-se pelas imagens como método e forma analítico-antropológica, localizando-a como um modo de pensamento atrelado ao “fazer”.

Não se trata de apresentar essa realidade não ficcional de forma realista, mas de apresentá-la a partir de um ponto de vista que, mais do que retratar, expressa a realidade experimentada em uma poética visual que traz em si mesma sua verdade (CAIUBY NOVAES, 2015, p. 18).

O esforço de recorrer à fotografia, ao desenho e ao desbordamento do texto em imagem, como modo de expressar, testemunhar, duvidar as experiências com o rio Piracicaba, teve como objetivo deslocar esta pesquisa para um lugar não convencional, aproximando-se daquele ponto de vista do transbordamento, da instabilidade, do mergulho, da correnteza. Tal como o rio, o trabalho com imagens exige respeitar outras temporalidades.

# ATLAS-BIOGRAFIA DO RIO PIRACICABA

No movimento de construção de uma biografia do rio Piracicaba, recorri a uma ideia de atlas. Essa foi a maneira que encontrei para romper com a forma mais tradicional de se contar uma biografia, aquela escrita em terceira pessoa, contada por um escritor que não participa dos eventos narrados, que obedece a uma ordem cronológica dos fatos vivenciados na vida de uma pessoa e procura dar conta de uma totalidade. Era essa a forma mais tradicional que insistia em me incomodar durante todo o processo de pesquisa e que acabava me tirando o sono. Da forma como procurei construir a ideia de atlas em minha pesquisa e, como veremos, buscando alianças com alguns autores de referência, encontrei um caminho que possibilitou construir a biografia sem cair na tentação cronológica.

Cabe também citar que a construção da biografia em forma de atlas foi bastante inspirada em pesquisas realizadas pela professora Fabiana Bruno e por outros autores apresentados por ela em suas disciplinas. O *Atlas-biografia do rio Piracicaba* é, portanto, a expressão de minha experiência com o rio Piracicaba atravessada por outras experiências e expressões. Ele é, ao mesmo tempo, a vida do rio Piracicaba e suas expressões desbordadas em relações. E a ideia é que outras pessoas possam experimentar essa vida do rio e compor novas relações.

A construção de imagens durante o processo de pesquisa foi fundamental para viabilizar o atlas, uma vez que a vida e a materialidade do rio exigiram compor a biografia com outras formas de expressão. Como citado anteriormente, o meio de vida aquoso do rio Piracicaba impôs alguns desafios que, para mim, foram possíveis de enfrentar por meio das imagens. Isto significou acompanhar o movimento do rio, aprendendo e expressando seus fluxos e transbordamentos. Posso dizer que a construção das imagens durante a pesquisa permitiu experimentar e experimentar a vida com o rio Piracicaba em suas múltiplas dimensões. Segundo Fabiana Bruno,

diante do ser imagem, estamos diante de um ser fantasmal, isto é, aquilo que habita um tempo “sem tempo” ou ainda um nó de muitos tempos anacrônicos e impli-

cados [...] as imagens carregam tempos heterogêneos e montagens temporais profícuas para convocar o nosso olhar sobre a história e para acionar memórias e desejos (2019, p. 201).

As imagens que construí ao longo da pesquisa são formas de pensar *com* o rio Piracicaba. Elas me ajudaram a mergulhar em sua vida e a expressar esse encontro. Citando Etienne Samain (2012), Fabiana Bruno (2019) salienta que a imagem é mais do que objeto; ela é fenômeno; “ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante” (SAMAIN, 2012, p. 158).

Samain faz referência às reflexões de Gregory Bateson, reivindicando a emergência de uma nova epistemologia da imagem: um pensamento sobre as imagens como o lugar das “ideias que se encontram nos fenômenos – não somente as ideias que estão na minha cabeça, mas as ideias que se entrecruzam nos fenômenos organizados – e se apresentam em forma de camadas”. (BATESON, 2000 apud BRUNO, 2019, p. 202).

Algumas das imagens foram construídas antes do texto escrito, outras vieram depois – num movimento que em alguns casos partiram (e escorreram) das imagens para o texto e em outros casos partiram (e escorreram) dos textos para as imagens; um transbordamento dos textos em imagens e das imagens em textos. Identifico esse processo parecido com o que acontece na construção de etnografias. Processos que em alguns momentos escoam das experiências do pesquisador para a etnografia e em outros momentos da intenção etnográfica do pesquisador para as experiências. Um movimento de transbordamento da vida e de suas expressões.

Trago a seguir três inspirações, que foram fundamentais, para a construção do *Atlas-Biografia do rio Piracicaba*, de autores que trabalharam com a ideia de atlas em suas pesquisas. Respectivamente: o Livro *Atlas of Emotion*, de Giuliana Bruno; *Atlas Mnemosyne*, de Aby Warburg (principalmente a partir das leituras de Didi-Huberman [2015], Etienne Samain e Fabiana Bruno); *Projeto Atlas Feral*, de Anna Tsing. Reconheço que há diversos outros autores que também trabalharam com atlas em suas pesquisas, entretanto, quero destacar três dimensões que esses autores trabalharam que, para mim, foram essenciais para minha pesquisa com o rio Piracicaba. Como veremos, a *sensibilidade*, a *temporalidade* e a *associação*.

Giuliana Bruno é pesquisadora da área de arquitetura, cinema

e artes visuais da Universidade de Harvard. Em seu livro *Atlas of Emotion* (publicado em 2002), a autora traz a ideia de atlas como um espaço híbrido para pensar questões relacionadas ao cinema. Para ela, o cinema é uma jornada sentimental que oferece a opção de distintos percursos. Configura-se, portanto, como um “território da sensibilidade”, uma paisagem aberta para a experimentação. Para Bruno (2003), as imagens (no cinema) seriam construídas na habilidade que nossos corpos têm em sentir nosso próprio movimento no espaço. O espaço é, portanto, algo que se constitui a partir do que é praticado e o cinema proporcionaria ao observador/espectador uma jornada psíquica pelo espaço. Esse ponto é bastante importante, pois aponta para aquilo que Gilles Deleuze (1985) já tinha assinalado nos anos 1980: uma mudança na experiência cinematográfica de um modelo ótico para o háptico. Segundo Ishii, nessa perspectiva, o espectador é tido mais como um *voyageur* do que um *voyeur* (2015, p. 4).

Esta função [do cinema] também está relacionada à cinestesia, ou a habilidade dos nossos corpos em sentir seu próprio movimento no espaço. Desenvolvendo essa lógica relacional, se considera o elemento háptico como um agente na formação do espaço – tanto geográfico como cultural – e, por extensão, na articulação das próprias artes espaciais como a arquitetura, e também o cinema (ANDRADE, 2018, p. 22).

Cecília Antakly Mello (2016), ao comentar o trabalho de Giuliana Bruno, aponta que nessa passagem de modelo “a ideia do cinema como herdeiro direto da perspectiva Renascentista é posta por terra, e a apreciação do espaço fílmico passa a ser considerada a partir da experiência tátil e do movimento” (MELLO, 2016, p. 285). O cinema seria um terreno de “embarcações”: isto é, um lugar que tanto contém quanto se move. Proponho o mesmo sentido para o *Atlas biografia do rio Piracicaba*: em cada ponto/emaranhado, desenho, fotografia, texto, germina uma amorosa jornada. São emoções que se materializam num movimento topográfico com o rio. Uma narrativa de uma montagem entre linguagens e imagens; uma seleção orientada e um mapeamento sob a forma de diário de uma viagem visual (BRUNO, 2002). Pensar no Atlas como uma forma de arte que produza uma experiência capaz de proporcionar uma experiência imaginária por meio da biografia de um rio me parece um interessante ponto de partida para conhecer o rio Piracicaba.

Aby Warburg foi um historiador de arte alemão. Seu principal



projeto chama-se *Mnemosyne*. Em sua biblioteca, o autor reuniu, além dos livros, um grande arquivo de mais 25 mil fotografias, de onde ele escolheria 900 imagens que formaram seus 79 painéis de Atlas. Como historiador da arte, Warburg deixa claro em sua obra que ele estava mais preocupado com o “índice da imagem, do que com uma certa qualidade artística” (SANTOS, 2019, p. 16-17). Para o autor alemão o que mais importaria seria o sentido da imagem, “o pensamento do que acontecia com determinada imagem que aparecia em eco, em diferentes épocas e culturas, mas que possuía semelhante valor simbólico, como os cabelos ondulantes da Vênus de Botticelli ou os trajes esvoaçantes das mênades do selo da República da França” (SANTOS, 2019, p. 16-17).

O pensamento de Warburg, assim, nos apresenta dois conceitos fundamentais, o *Phatosformel* – onde a imagem deve ser entendida não por ela própria, mas por sua capacidade de gerar emoção, e a *Nacheleben* – que é o poder de sobrevivência de uma imagem através dos tempos. As imagens sobrevivem e retornam em um mesmo movimento que é o movimento do sintoma (*phatos*). (SANTOS, 2019, p. 17).

Quero destacar aqui que o Atlas de Warburg traz um modelo temporal que nos convida a refletir sobre um tempo – fora do tempo dito histórico e cronológico, um tempo fantasmal – que habita diferentes temporalidades. Dessa forma, o atlas impõe rigorosos “atos” e “movimentos” (corporais) de trabalho. As imagens não são meramente objetos ou registros, mas “entidades simbólicas” que exigem um tempo especial de dedicação. Se no dispositivo tradicional de biografia o ritual de memória é constituído para narrar e conhecer uma história, o dispositivo do atlas supõe a experiência de “ver” e “experimentar” visualmente imagens para saber algo (que podem ser histórias, mas também podem ser relações, formas etc.) (BRUNO, 2018, p. 14-15). É um processo de recolocar em relação e de permitir a imaginação. A montagem, na forma de um atlas, torna visíveis as sobrevivências, os anacronismos, os encontros de temporalidades, muitas vezes contraditórias.

Por fim, Anna Tsing – antropóloga, professora da Universidade da Califórnia, que realizou a curadoria do projeto *Atlas Feral* em 2020 (2021) – traz a dimensão de associação. O site <https://feralatlas.org/> agrega mais de 100 trabalhos de cientistas, acadêmicos, artistas e escritores, de origens variadas, que trazem narrativas baseadas em suas experiências íntimas

com a terra. Segundo a autora, os sujeitos desses trabalhos são seres vivos e não vivos que, ao se emaranharem em projetos imperiais e industriais humanos, estão contribuindo para destruir a habitabilidade da Terra. Esses seres são “ferais” porque são suas relações com as infraestruturas imperiais e industriais que provocam tantos problemas. O atlas de Tsing destaca como os seres vivos e não vivos podem ganhar novos poderes ao se associarem aos projetos humanos modificadores da terra, da água e da atmosfera. No atlas você encontra desenhos, vídeos, poemas, textos, fotografias, mapas, diagramas etc. É possível navegar pelas pesquisas postas em relação umas às outras.

Para a construção do *Atlas-biografia do rio Piracicaba*, coletei uma série de materiais. São histórias, momentos, imagens e sentimentos encontrados em jornais, revistas, textos científicos e não científicos, em cadernos de campo, nas minhas memórias e nas de outras pessoas com quem conversei. E foram as vidas desses materiais e a expressão dessas vidas que me permitiram a construção, criação e imaginação de novas histórias, novas relações e novas composições de vidas e grafias. Um desafio imposto foi o de como dispor esse material para fazer ver por entre as realidades reveladas por cada um deles.

Para enfrentar esse desafio imposto pelos materiais coletados durante a pesquisa, criei, a partir deles, alguns verbetes. Para mim, os verbetes são como as estrelas de Walter Benjamin (2006), brilhos mais intensos, fios emaranhados em nós, relações em que foi possível ver e fazer ver a vida do rio Piracicaba acontecendo.

Cada verbete é composto por uma imagem principal, um texto, um vídeo-instalação e um carrossel de imagens. Muitas das imagens principais foram construídas antes mesmo do nascimento da composição textual. Outras surgiram a partir da escrita da narrativa. As imagens principais de cada verbete foram construídas a partir de outras imagens, algumas que fotografei, outras que encontrei no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), ou ainda outras desenhadas por minha companheira Laura. Cada processo de construção de cada imagem principal foi realizado de uma forma particular. Foi fotografando, selecionando, imprimindo, recortando, montando sobre o papel, escaneando, desenhando, sobrepondo-as a outras imagens que elas surgiram.

Os verbetes estão acompanhados de pequenos vídeo-instalações que construí a partir de algumas imagens impressas que fiz do rio Piracicaba. Minha intenção era observar como o rio se comportava diante dessas ima-

gens. Ante a pergunta “O que acontece no encontro dessas imagens com o rio?”, levei as imagens para as margens do rio Piracicaba. A partir das imagens impressas, produzi novas imagens, transbordadas do papel para a tela, da experiência da vida das imagens e do rio para outras expressões. Além das imagens principais (cartões postais) e vídeo-instalações, cada verbete é acompanhado de um carrossel de imagens. Nele é possível ver outras imagens que construí durante a pesquisa.

Após esse movimento de construção dos verbetes (com textos-imagens, imagens-textos) a partir da visualização, no ato de me debruçar na criação e imaginação de narrativas, foi possível construir constelações de imagens que permitem enxergar algumas relações da vida do rio Piracicaba. Ao dar nome às constelações não procuro criar uma categoria fixa, mas dar entendimento às composições a aproximações entre os verbetes. Os verbetes tornaram visíveis as possibilidades de agrupamentos (constelações), ali onde a vida transborda, onde os mundos se (des) encontram. É na relação que é possível ver a biografia do rio Piracicaba.

As constelações representam instantes e podem ser aranjadas de diversas formas por outras pessoas e a todo momento, já que grande parte dela é constituída por subjetividades e entendimentos pessoais. O que se constitui como campo de investigação, portanto, é o método para chegar a elas, a construção teórica e física que antecede a construção de qualquer um dos conjuntos. (SANTOS, 2017, p. 24).

A criação das constelações e imagens foi necessária para estruturar o *Atlas-biografia do rio Piracicaba*. Essas constelações permitem navegar de um verbete para outro. Formam aqueles emaranhados mais intensos, em que as histórias, elementos, entidades se encontram. Mas como esses diversos elementos se relacionam com o rio? Quais as diferentes formas de se relacionar com a vida do rio Piracicaba? Diante disso, construí quatro (4) constelações de imagens, compostas com verbetes que se relacionam. Aproximei-me da ideia de constelações como forma de pensamento em Walter Benjamin (1892-1940). Segundo Rita Velloso (2018), constelação é um termo utilizado por Benjamin que ocupa um lugar importante em sua obra. Na concepção de Benjamin, para a autora,

A constelação é uma imagem na qual cada estrela, um singular, marca um extremo de linha que a liga a outra estrela, outro extremo singular. Nesse traçado de linhas

imaginárias que delimita uma forma, uma configuração, não há um centro – com o que, tem-se, no centro da constelação sempre está o vazio. (VELLOSO, 2018, p. 102).

Em Benjamin, as ideias se relacionariam com as coisas assim como as constelações se relacionariam com as estrelas. Diante disso, a ideia de constelação seria uma ferramenta de um método em que as coisas seriam análogas às estrelas, fenômenos particulares que, inseridos em uma classificação, por meio de conceitos mediadores, concretizariam ideias, como operadores do conhecimento e tendo como função o entendimento (VELLOSO, 2018, p. 102).

Como dito anteriormente, as constelações agrupam os verbetes por aquilo que os relaciona. São, portanto, modos de expressão das relações íntimas do rio Piracicaba, construídas a partir dos materiais encontrados e das relações que eu mesmo estabeleci com e entre os materiais. A construção de cada constelação foi realizada a partir da visualização dos verbetes num processo artesanal de dispor o material sobre a mesa, selecionar, recortar, encontrar vestígios e relações entres cada verbete.



Figura 7 – Processo de construção do atlas-biografia. Fonte: Acervo do autor. Autoria Fernando Camargo (2023).

O processo foi bastante desafiador, pois as imagens, as histórias e narrativas pareciam escapar da construção de cada verbete e, num primeiro momento, atrapalhavam-me na construção do *Atlas-biografia do rio Piracicaba*. Entretanto, com o tempo fui percebendo que era preciso prestar atenção ao transbordamento. Nas repetições de palavras e imagens, grafias do rio. Eram essas relações, por meio de suas grafias, que desbordavam de um verbete para o outro, que possibilitavam a formação das constelações. O resultado desse processo foi perceber que a vida do rio Piracicaba desbordava de verbete a verbete. Foi a partir desses transbordamentos que foi possível criar as constelações. Elas são, sobretudo, agrupamentos das narrativas que se contaminam, que borram suas fronteiras, que nos fazem escorregar na margem e mergulhar na vida do rio Piracicaba.

As linhas que ligam cada verbete dentro da constelação foram pensadas na construção de cada imagem. Quando mais curtas, representam relações de maior proximidade, quando mais longas, representam as relações um pouco mais distantes. Isso não quer dizer que uma constelação não pode se relacionar com um verbete de outra constelação. Claro que isso pode e deve acontecer, afinal, estamos falando da vida do rio Piracicaba. A visualização de sua vida nos termos de constelação possibilita uma relação específica com ele. São escolhas sobretudo políticas, que fazem aparecer vestígios dessa vida e possibilitam contar e compor novas histórias.

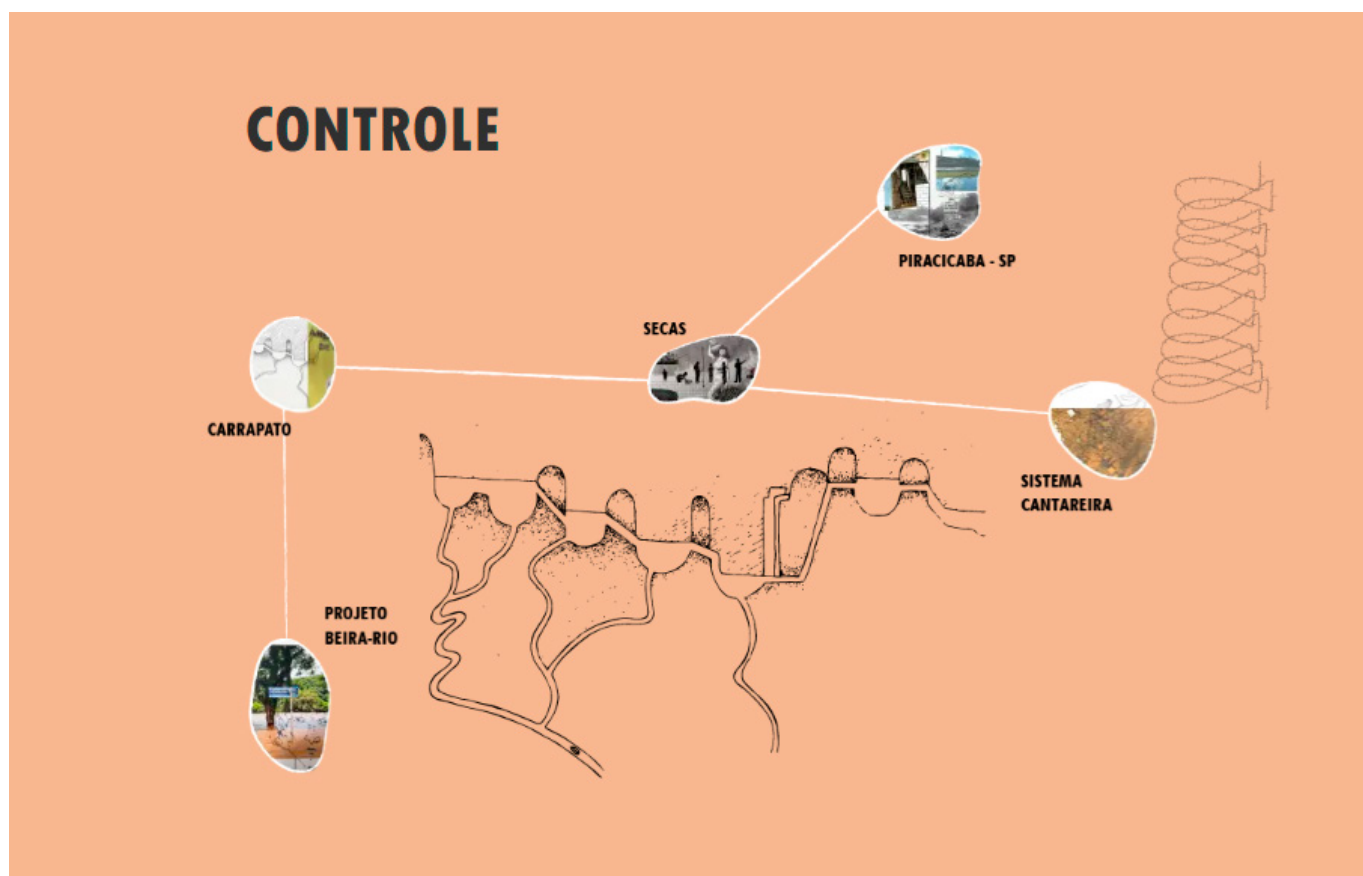
Com o *Atlas-biografia do rio Piracicaba* a ideia foi oferecer uma metodologia de composição, uma forma de contar uma história e possibilitar novas relações. Como contei anteriormente, toda vez que conto uma de minhas histórias com o rio Piracicaba, alguém manifesta um afeto por ele ou por outros rios que passaram por suas vidas. Desde um ponto de vista da instabilidade das águas, as constelações são possibilidades para se contar essas histórias, provocar memórias, produzir afetos, compor com as diferentes formas de vida que, por algum motivo, se encontraram. Descrevo abaixo as quatro constelações criadas a partir da visualização dos verbetes, respectivamente, *Comunicação*, *Controle*, *Assombração* e *Transbordamento*.

Em *Comunicação*, conecto as narrativas que de alguma forma criam uma relação de diálogo e negociação com o rio Piracicaba. São eventos que, para existirem de alguma forma, dialogam com o rio estabelecendo limites, trocas, combinados. É importante destacar que esse tipo de relação nem sempre é harmoniosa. Muitas vezes existem conflitos e disputas. Entretanto, é a partir da comunicação e da negociação que tanto o rio quanto esses outros seres reivindicam e possibilitam suas existências.



**Figura 8** – Constelação Comunicação. Fonte: Autoria Fernando Camargo, Laura Lino e Marina Cunha (2023).

Em *Controle*, estabeleço conexões entre as narrativas que estão desajustadas na comunicação com o rio Piracicaba. São aquelas que procuram de alguma forma controlar o rio, dominar suas águas e que não respeitam suas diversas grafias. São aquelas que, sobretudo, são fruto de uma sociedade capitalista industrial. Relações desajustadas que provocam sofrimentos e acabam por aniquilar vidas.



**Figura 9** – Constelação Controle. Fonte: Aatoria Fernando Camargo, Laura Lino e Marina Cunha (2023).

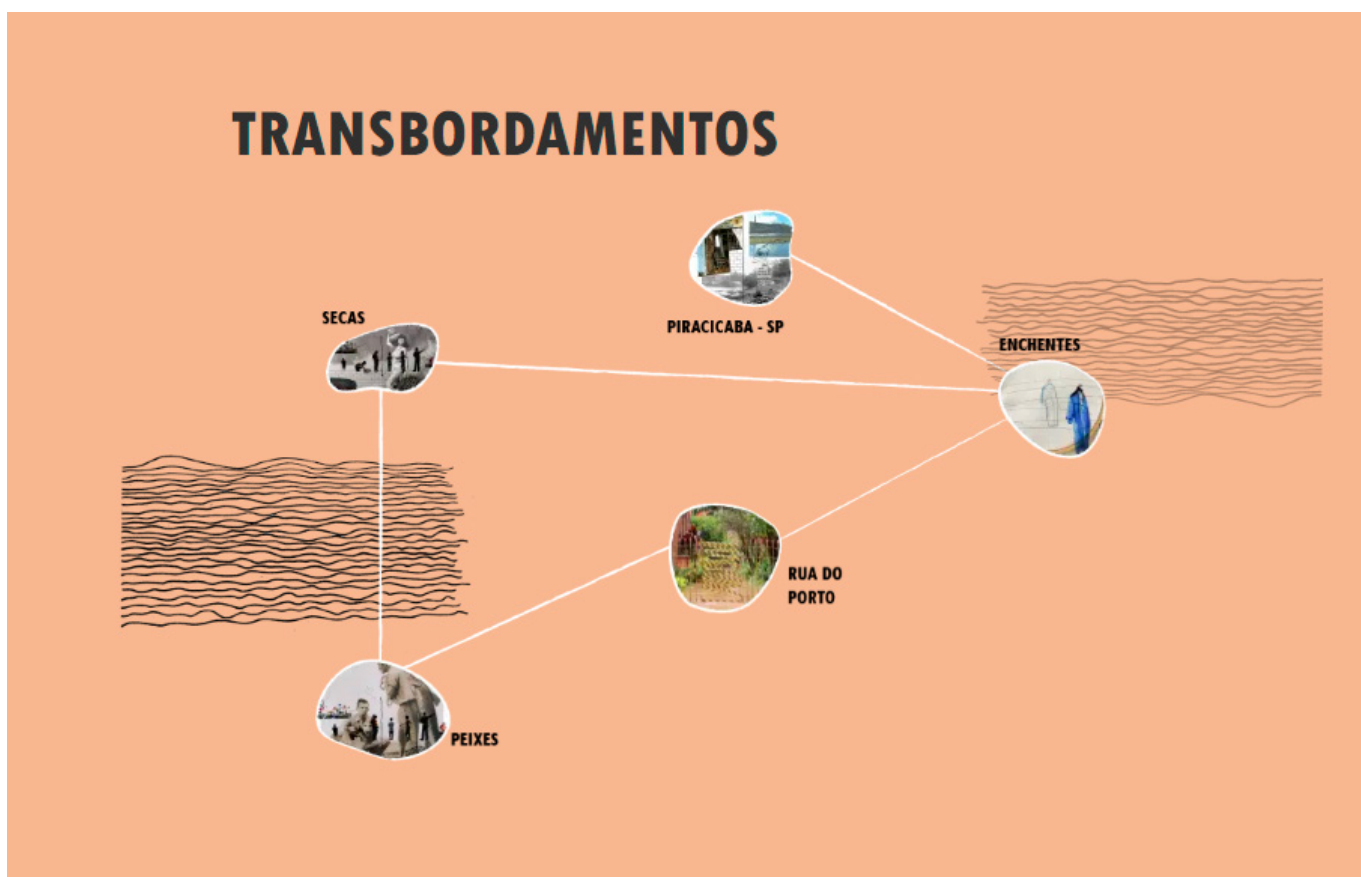
Em *Assombração*, relaciono narrativas que assombram as vidas no rio Piracicaba. São aquelas histórias, narrativas, eventos que provocam um desconforto e que insistem em (re) aparecer apesar do tempo. Mais do que relações com o rio, conecto aquilo que entendo como reação do rio Piracicaba diante das tentativas de controle de sua vida. São aparições, fantasmas emaranhados na vida do rio Piracicaba.



**Figura 10** – Constelação Assombração. Fonte: Autoria Fernando Camargo, Laura Lino e Marina Cunha (2023).



A última constelação foi denominada *Transbordamentos*. Nela está tudo aquilo que transborda as margens do rio Piracicaba. Aquelas histórias, narrativas e eventos que estendem suas fronteiras e nos causam confusão. Onde termina a biografia do rio Piracicaba e começa a de outros seres? Momentos, histórias que bagunçam e desestabilizam a realidade estão compostas nesse agrupamento. No transbordamento, nem sempre é possível saber até onde vai o rio.



**Figura 11** – Constelação Transbordamentos. Fonte: Autoria Fernando Camargo, Laura Lino e Marina Cunha (2023).

A imagem principal de cada constelação foi feita inicialmente de forma manual. Todas essas imagens dos verbetes foram coladas em papel panamá, formando uma espécie de mosaico de imagens. Em outro papel foram desenhadas as constelações, respeitando sua posição no mosaico de imagens e foram realizados cortes no papel para que, quando sobreposta cada constelação ao mosaico de imagens, fosse possível tornar visíveis as imagens de cada verbete. Esses esquemas originais tornaram-se a base para a criação de um site (<https://biografiariopiracicaba.com.br/>). Também foi desenhado um croqui de estrutura para viabilização do site.

O site *Atlas-biografia do rio Piracicaba* (ATLAS, s.p.) foi viabilizado pela equipe Tre.tra.co Criativo<sup>27</sup> a partir de minhas orientações e produções, com apoio institucional do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unicamp. Sua estrutura é simples e é composta por uma página de capa com as imagens de cada verbete do rio Piracicaba. A partir da capa é possível acessar os verbetes, as constelações e o menu inicial com acesso às informações da pesquisa. Uma segunda página dá acesso a visualização do desenho das quatro constelações, nela é possível também acessar os verbetes. Uma terceira página dá acesso a um rio de imagens da minha pesquisa.



O Atlas biografia do rio Piracicaba convida você a mergulhar na vida do rio Piracicaba a partir de quatorze verbetes e quatro constelações de imagens produzidos na minha pesquisa de doutorado, intitulada *Vida, escrita e transbordamentos: biografias e etnografia do rio Piracicaba/SP*. Considerando a abertura para experimentações etnográficas, a composição do atlas (suas fotografias e textos que compõem os verbetes, o arranjo e organização das constelações, a construção do site) é o principal resultado que apresento desse processo de pesquisa.

O Atlas nos mostra como diferentes vidas se encontram, dialogam, negociam, interagem e produzem biográfica e etnograficamente o rio Piracicaba. É no fluxo do movimento e da instabilidade dos transbordamentos que vemos como o rio participa da composição de um mundo a partir dos encontros entre outros mundos transbordados.



27 <https://tretraco.com.br/home/>.

Ao olhar para a (re)existência dos rios – entidades a priori consideradas “naturais” –, ao invés de responder “o que seria” o rio Piracicaba como um ser, entidade ou como representações culturais, o Atlas oferece a possibilidade de conhecer como mundos podem ser criados e alterados no e com o rio.

Ao navegarmos entre verbetes e constelações, somos convidados a nos debruçarmos sobre imagens e textos, encontrando na vida do rio Piracicaba nossas próprias experiências, memórias e desejos com os rios. As imagens aqui não são representações de acontecimentos e histórias; elas fazem parte do esforço de produzir um conhecimento por imagens. Nelas estão os vestígios, memórias e imaginações do passado, bem como são capazes de produzir imaginações de futuros. A intenção com o Atlas é proporcionar novas relações que nos permitam imaginar futuros.



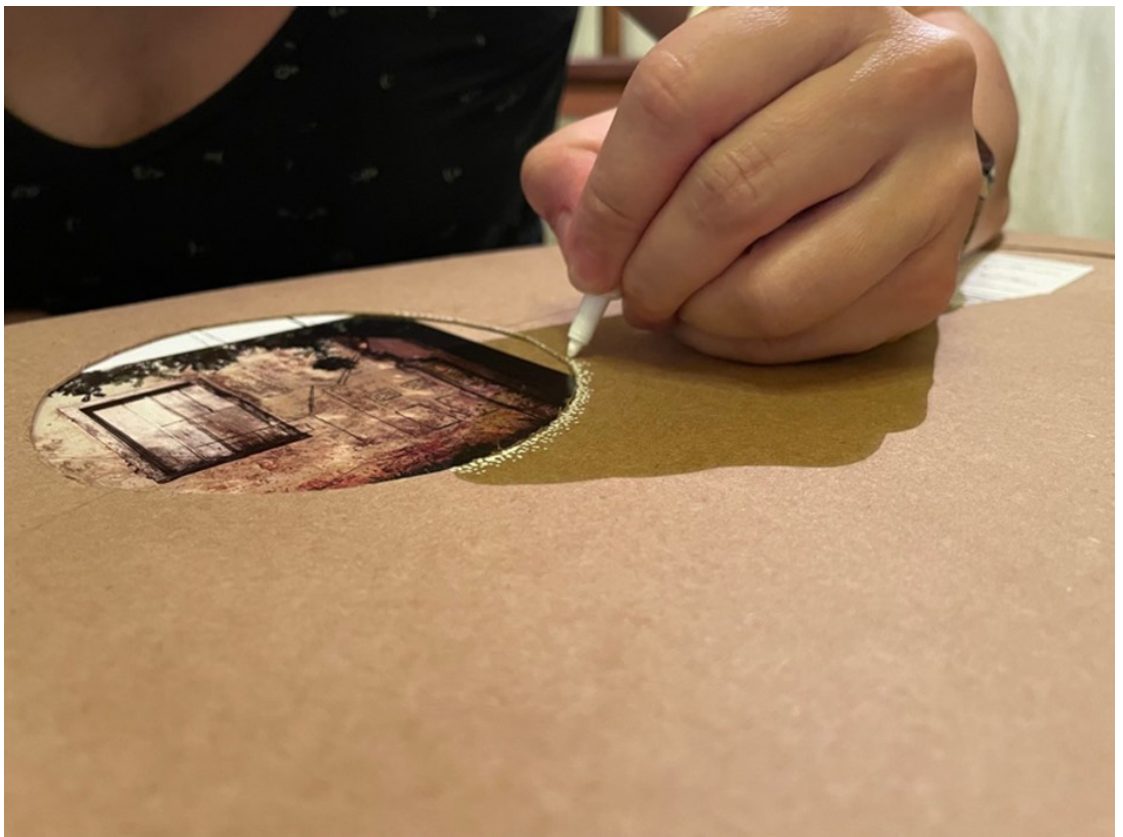
Ao entrar no site, é possível clicar sobre cada imagem e entrar nos verbetes que contam sobre o rio Piracicaba. Também é possível acessar uma das quatro constelações indicadas na barra localizada na parte superior da página. Nesta página, vê-se cada constelação a partir de imagens ampliadas que as compõem. Acessa-se também um resumo específico sobre cada uma delas. A partir de cada constelação, é possível chegar também aos verbetes clicando sobre as imagens e navegando pelo seu conteúdo. O final da página de cada verbete acessamos as constelações em que estes estão inseridos e, também a um botão de voltar ao início.

Para uma melhor navegação no site recomenda-se a utilização dos seguintes navegadores: Google Chrome, Mozilla Firefox ou Internet Explorer

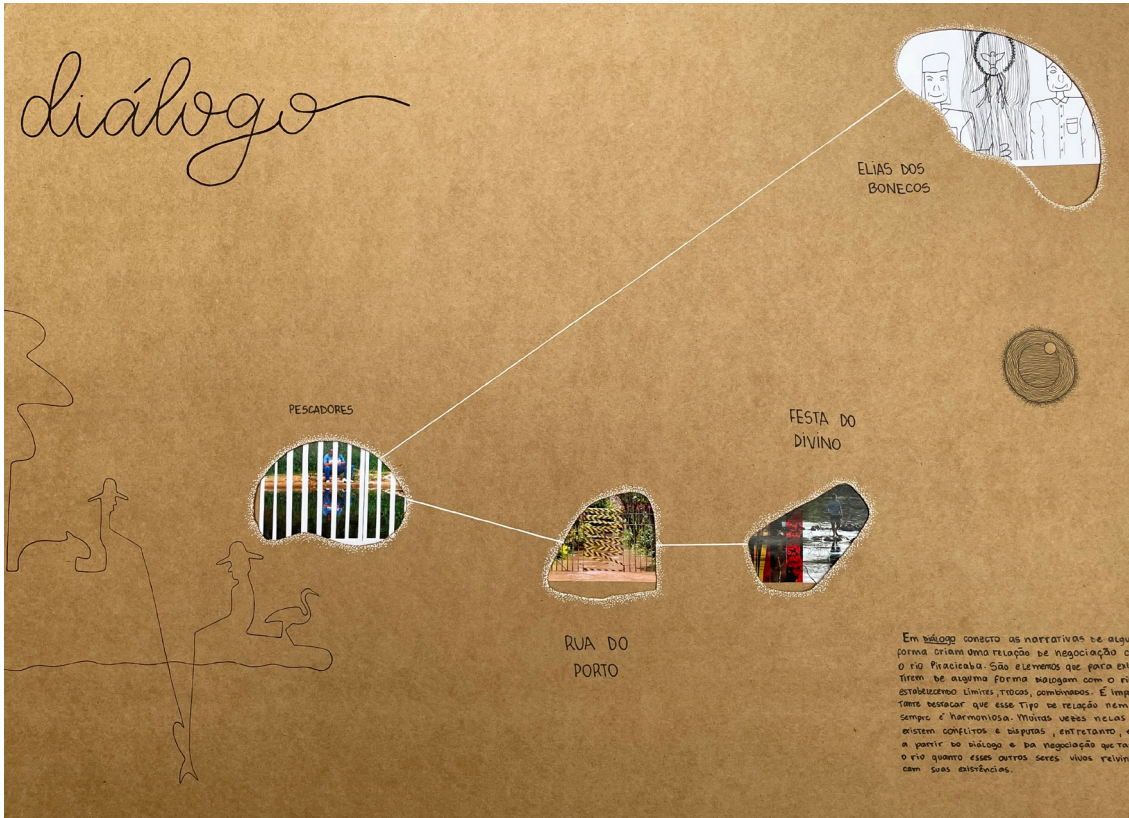
A construção do site foi fundamental para tornar o *Atlas biografia do rio Piracicaba* acessível, uma vez que não seria viável a construção manual de cada constelação no formato analógico, como foi experimentado inicialmente. O modelo proposto no site também possibilita que ele se torne um repositório biográfico da vida do rio Piracicaba, aberto para que outras pessoas possam compor suas relações com o rio Piracicaba enviando suas contribuições.



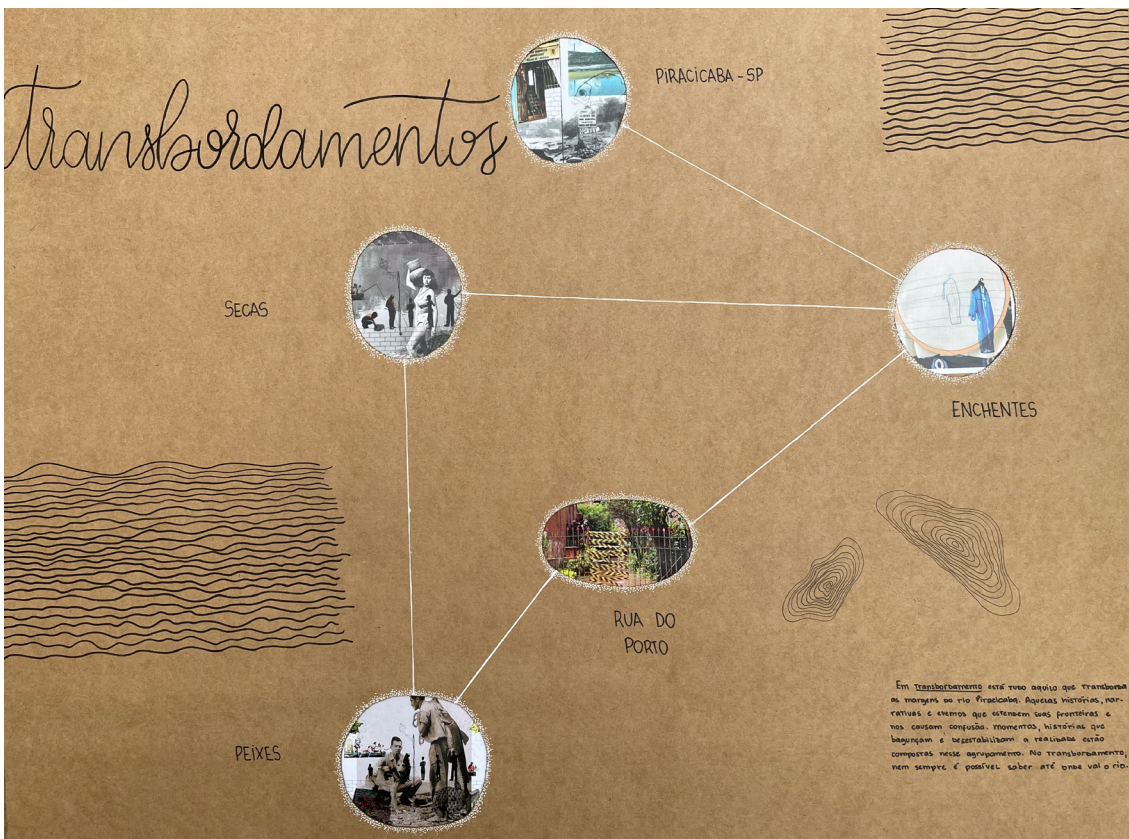
**Figura 12** – Processo de construção das constelações I: seleção de imagens.  
Fonte: Acervo do autor. A autoria Fernando Camargo (2023).



**Figura 13** – Processo de construção das constelações II: destaque para os verbetes. Fonte: Acervo do autor. A autoria Fernando Camargo (2023).



**Figura 14** – Processo de construção das constelações: conexões I<sup>28</sup>. Fonte: Acervo do autor. Autoria Fernando Camargo e Laura Lino (2023).



**Figura 15** – Processo de construção das constelações: conexões II. Fonte: Acervo do autor. Autoria Fernando Camargo e Laura Lino (2023).

28 Entre o analógico e o digital, repensamos o título da constelação de “diálogo” para “comunicação”.

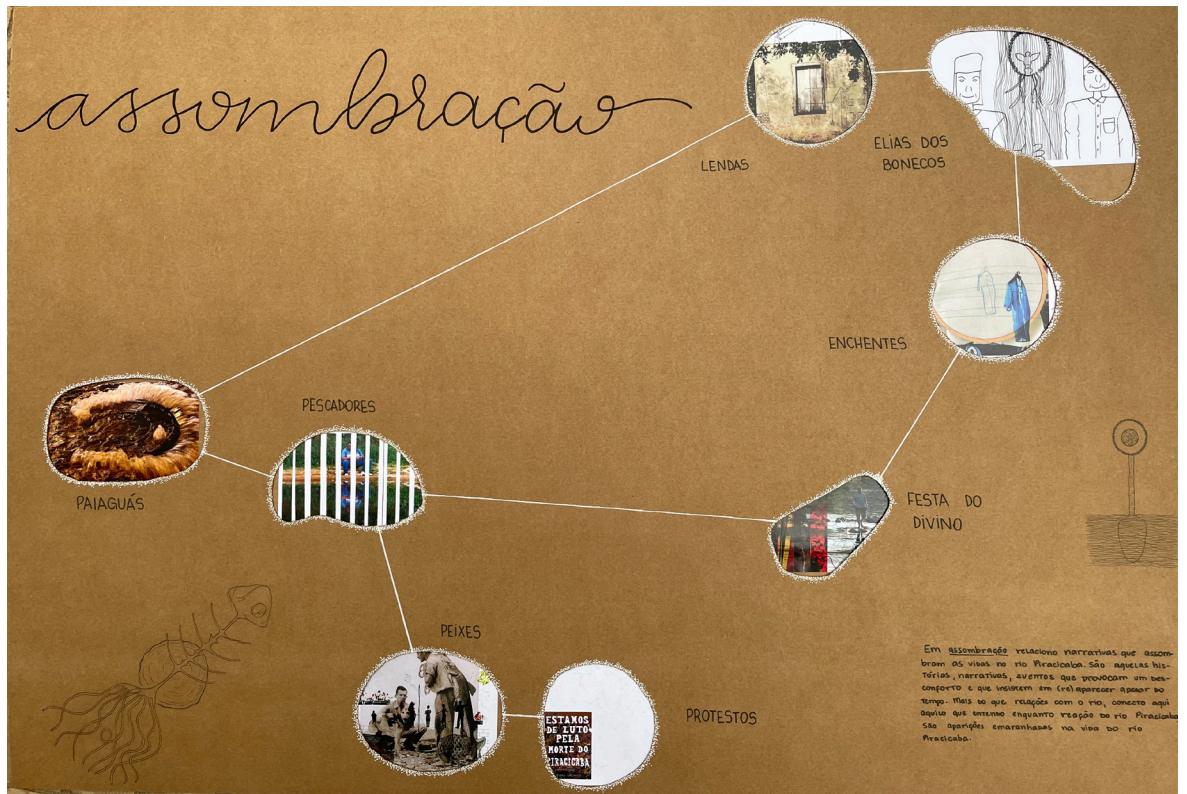


Figura 16 – Processo de construção das constelações: conexões III. Fonte: Acervo do autor. Autoria Fernando Camargo e Laura Lino (2023).

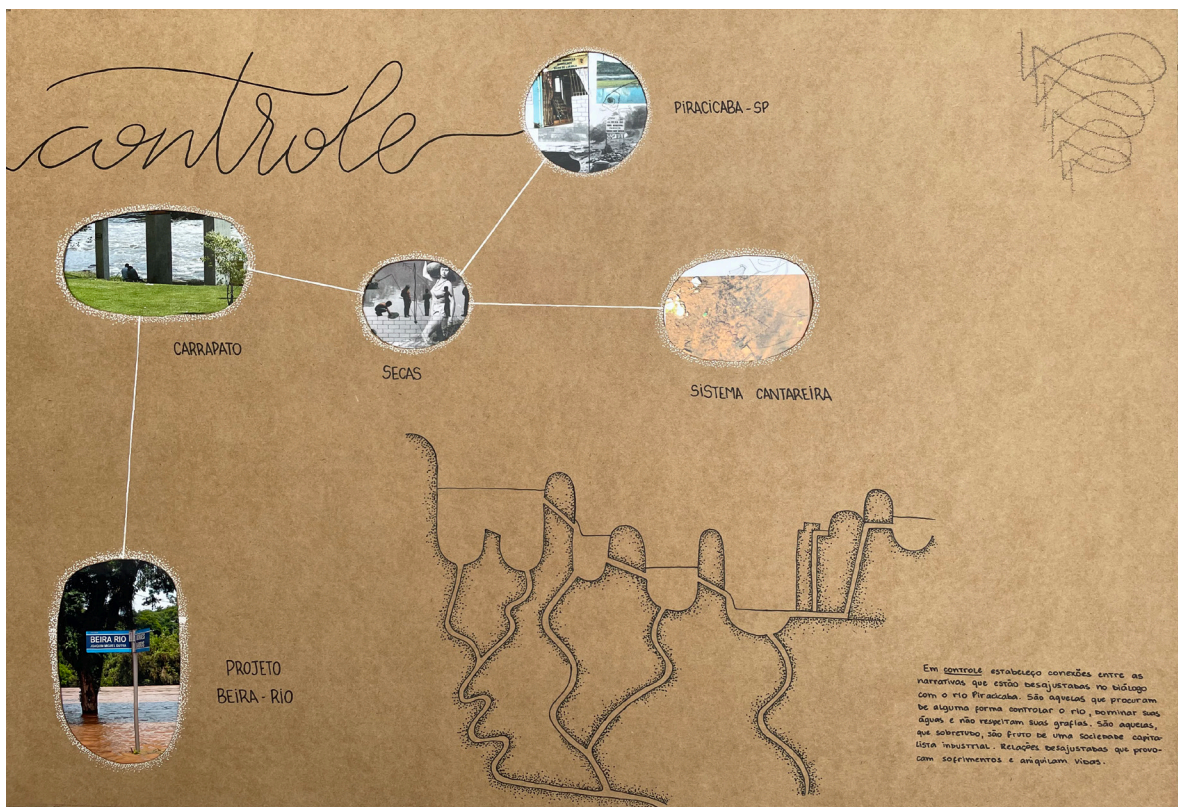


Figura 17 – Processo de construção das constelações: conexões IV. Fonte: Acervo do autor. Autoria Fernando Camargo e Laura Lino, 2023.

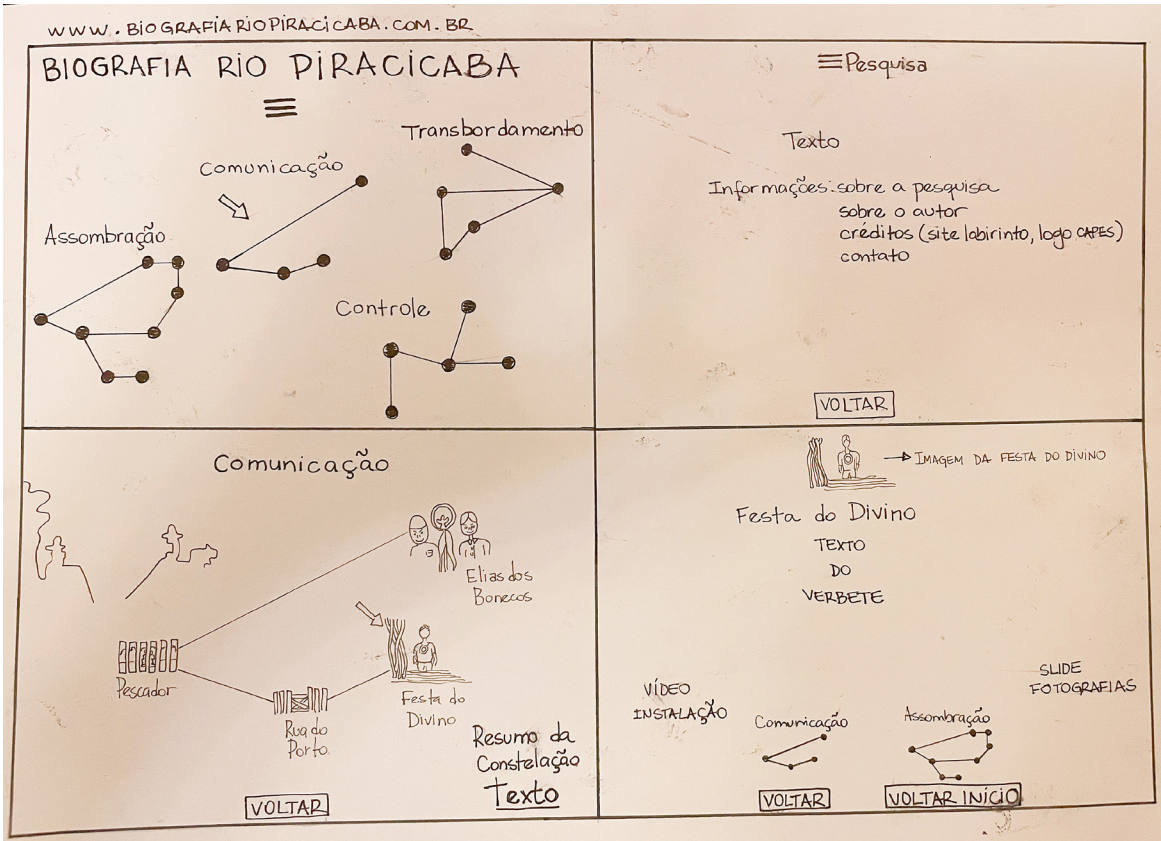


Figura 18 – Esboço de estrutura do site. Fonte: Acervo do autor. Autoria de Laura Lino.



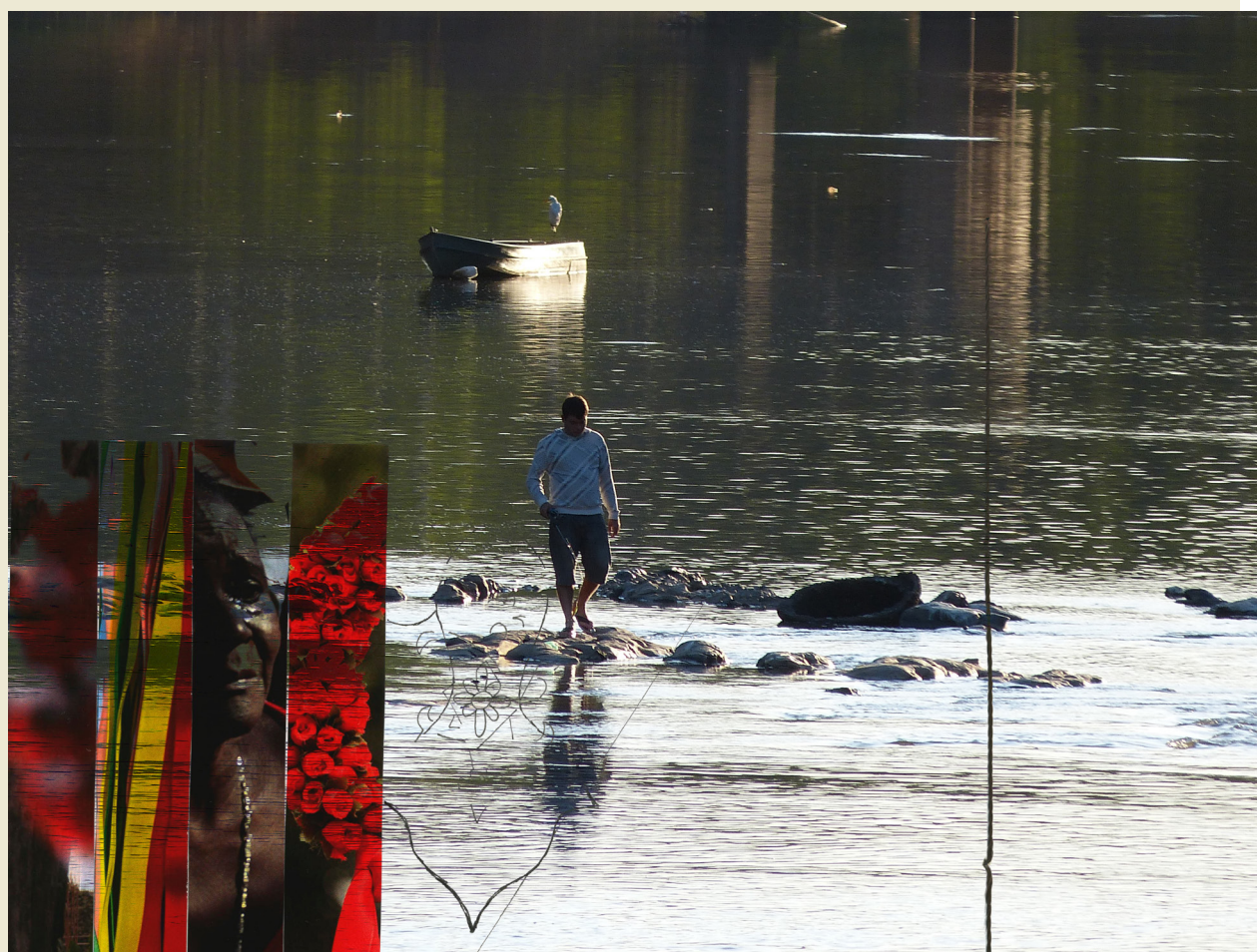
Figura 19 – Capa do site. Fonte: Acervo do autor. 2023.

Eu também escolhi trazer as imagens dos verbetes soltas do texto. São como cartões postais que podem ser manuseados pelo leitor. Atrás da imagem estão suas possíveis relações com outros verbetes. São instruções para que os postais sejam postos em relação. Mas também é possível brincar com as imagens aproximando e distanciando-as umas das outras. Assim como as águas dos rios que, ao se movimentarem, aproximam vidas. Essa também é uma característica dos cartões postais, que aproximam pessoas e lugares distantes.



# VERBETES DO RIO PIRACICABA

## Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba



**Figura 20** – Sobreposição fotografia e desenho. Fonte: Acervo do autor (2021)

A imagem é formada por camadas de fotografias e desenhos produzidos durante minhas pesquisas com o rio Piracicaba. As fotografias recortadas em fragmentos que compõem a imagem foram feitas por mim em julho de 2014, na região da Rua do Porto<sup>15</sup>. Para essa montagem, utilizei cinco fotografias e alguns traços desenhados por minha companheira Laura. A parte da montagem com imagens da festa do Divino foi feita em um processo

15 <https://biografiariopiracicaba.com.br/rua-do-porto/>

que consistiu em selecionar as fotografias, imprimi-las, recortá-las, remontá-las como um mosaico. Essa montagem foi escaneada e, com um aplicativo de edição de imagens, sobreposta à fotografia do pescador<sup>16</sup> que caminha sobre o leito do rio e aos desenhos de Laura. Outras sobreposições foram testadas antes de chegarmos a esse resultado.

No centro da imagem, um pescador caminha sobre as pedras do rio Piracicaba. Ao fundo, uma garça faz-se presente navegando num barco. A imagem é sobreposta por outra, que se revela do lado esquerdo. A sobreposição é composta por um desenho e por fragmentos de fotografias da bandeira do Divino Espírito Santo. O rosto de uma devota chorando também está presente. É o tempo das promessas e dos agradecimentos. É o tempo do Divino Espírito Santo. O leito do rio está seco<sup>17</sup>. Suas águas ficam mais calmas nesse período de estiagem.

No início do mês de julho, um mastro, fixado às margens do rio Piracicaba, anuncia a chegada de um novo tempo. No dia da “derrubada dos barcos do Divino”, em frente ao Largo dos Pescadores, centenas de pessoas circulam com bandeiras vermelhas com fitas coloridas. As águas do rio Piracicaba, apesar de mais calmas do que em relação aos períodos chuvosos, provocam um som alto que se mistura ao dos instrumentos dos músicos da banda União Operária.

Dois barcos com a inscrição da Irmandade do Divino Espírito Santo estão posicionados numa rua lateral do salão da Irmandade. Ali, um altar fica preparado para a celebração das missas. Rei, rainha e outros integrantes da “Congada do Divino” caminham pelo local. Fotógrafos, cinegrafistas, políticos, curiosos, crianças, jovens, velhos, muitos deles vestidos com roupas brancas e vermelhas, compõem a paisagem durante o dia no Largo dos Pescadores. À noite, nesse mesmo local, são montadas barracas que vendem comida e brincadeiras: pastel, espetinho, cuscuz, tiro ao alvo, argola, roleta, pula-pula. Um palco serve de referência para a realização de um leilão de objetos variados e para a apresentação de shows de seresteiros. (IPPLAP, 2012, p. s/n).

A festa é realizada às margens do rio Piracicaba, nas imediações da Rua do Porto e do Largo dos Pescadores. Com a publicação do Decreto 16.890, de 15 de dezembro de 2016 (PIRACICABA, 2016), pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (Codepac), a festa tornou-se patrimônio histórico e cultural imaterial da cidade. Ela é realizada na primeira quinzena de julho; são oito dias de eventos religiosos e festivos, como a bênção de barcos, bandeiras e casas, procissões, jantares, leilões, queima de fogos e danças. A principal procissão é realizada nas águas do rio, por isso é preciso esperar pela época em que a correnteza está mais fraca, respeitando essa temporalidade. A cidade de Piracicaba<sup>18</sup> é uma das poucas do Brasil em que a Festa do Divino Espírito Santo não acontece no dia de

16 <https://biografiariopiracicaba.com.br/pescadores/>

17 <https://biografiariopiracicaba.com.br/secas/>

18 <https://biografiariopiracicaba.com.br/piracicaba-sp/>

Pentecostes e, sim, cerca de quarenta dias depois (FONTES DE SÁ, 2021).

É durante a festa que os devotos do Divino Espírito Santo fazem seus pedidos ou agradecem as graças alcançadas. Os pedidos são de naturezas diversas, e a cura de pessoas adoentadas é um dos mais frequentes. Interessei-me em especial pelos pedidos para amenizar os períodos de seca e de cheia do rio Piracicaba. Os pescadores e moradores que vivem às margens do rio contam muitas histórias de como enfrentaram as secas e as enchentes<sup>19</sup> na Rua do Porto.

Num encontro com dona Margarida, 78 anos, moradora da Rua do Porto, ela me contou que cuida da irmã mais velha, de 83 anos, acamada em razão de um câncer. Minha conversa com ela foi mediada por Vera, uma das responsáveis pela parte religiosa da Festa do Divino. Ao entrarmos na casa de dona Margarida, ela e Vera foram logo me mostrando as marcas do rio nas paredes, consequências de uma enchente – as marcas registram que as águas chegaram a um metro de altura. Depois de uma rápida reza, dona Margarida deu três nós nas fitas presas ao mastro da bandeira do Divino: o primeiro nó foi pela saúde da irmã, para que fique curada do câncer; o segundo nó foi pela saúde do rio, para que se amenizem os períodos de seca e cheia do rio Piracicaba; e o terceiro foi pela continuidade da festa.

O barqueiro João, de 35 anos, pescador no rio Piracicaba, me contou que herdou a atividade do pai. Ele me disse que frequenta a festa porque depende do rio para viver, e a celebração é a maneira que encontrou para homenageá-lo. O nó dado na fita vermelha da bandeira do Divino foi um pedido para que o rio não deixe de dar alegria a todas as famílias e também, nas palavras dele, “para que ele transborde com saúde”.

É importante destacar que durante a realização da Festa do Divino de Piracicaba, como em outras festas devotadas ao Divino em todo o País, é possível identificar certa descentralização das relações de poder dominante da Igreja. Diversos setores da sociedade contribuem direta ou indiretamente para a concretização da festa. Comunidade local, Igreja, políticos e empresários inter-relacionam-se na produção do evento. Não é o caso de dizer que as relações de poder se invertem, mas todos interagem para a louvação ao Divino e, conseqüentemente pela vida do rio Piracicaba.

Outro ponto interessante presente na festa de Piracicaba é a realização da congada, uma herança dos negros escravizados, que apresenta elementos do catolicismo, dos rituais e simbolismos indígenas, das religiões de matriz africana. Durante a congada, a comunicação com o Divino dá-se por meio da dança, da cantoria e das cores.

O rio Piracicaba negocia com os devotos do Divino ao fazer com que eles aguardem quarenta dias após o Pentecostes para realizar a Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba. É preciso esperar que as águas estejam mais calmas e que força da correnteza

19 <https://biografiariopiracicaba.com.br/enchentes/>

não seja tão imprevisível para que a procissão de barcos aconteça e ocorra o momento, considerado pelos festeiros como o mais importante da festa: o encontro das bandeiras do Divino Espírito Santo. Nesse momento, rio e devotos se misturam e se compõem. É o rio que impõe o tempo da festa. Os devotos do Divino, por sua vez, incluem em suas preces pedidos e agradecimentos ao rio Piracicaba – “para que as águas não invadam suas casas”, “por ele mostrar-se vivo novamente”, “para que ele transborde com vida”. Respeitando o tempo das águas, agradecendo e fazendo pedidos, os devotos se comunicam com o rio Piracicaba, que em troca

se enfeita de mil cores, por conta do sol. E a gente de Piracicaba, vinda de todos os recantos, se debruça à borda do rio, na circunspeção da roupa de festas; no multicolorido das blusas de seda; [...] E da curva mansa do rio, como se surgissem da alvorada de um sonho, em toadas e preces, em movimento rítmico e uniforme, no alvoroço de remos que se cruzam, eis as canoas, pilotadas por pirangueiros, em uniforme branco. Agora, uma balsa, toda enfeitada, apinhada de gente, sacerdote, acólitos, festeiros – uma procissão fluvial – se desliza, cortando as águas, ao encontro das canoas [...] *Dá-se o encontro! Foguetes cruzam-se no ar. A multidão aclama os canoeiros. A banda de música rasga-se num dobrado alegre. O padre abençoa os remadores, que conduzem a bandeira do Divino. O salto [do rio Piracicaba] está a revolver-se, em gargalhadas de turquesas e prata. [...]* É o rio Piracicaba, encanecido de espumas, a contar as proezas de que foi testemunha, como irmão de confidências do Tietê! É a cidade de Piracicaba a reler sua história, na página inapagável do rio formoso! (AYRES, 1952 apud IPPLAP, 2012, grifos meus).



**Rio de lágrimas**

Compositores: Lourival Dos Santos / Piraci / Tião Carreiro

O Rio de Piracicaba  
 Vai jogar água pra fora  
 Quando chegar a água  
 Dos olhos de alguém que chora.  
 Quando chega a água  
 Dos olhos de alguém que chora.

Lá no bairro que eu moro  
 Só existe uma nascente  
 A nascente de meus olhos  
 Já formou água corrente

Pertinho da minha casa  
 Já formou uma lagoa  
 Com lágrimas de meus olhos  
 Por causa de uma pessoa  
 O Rio de Piracicaba  
 Vai jogar água pra fora  
 Quando chegar a água  
 Dos olhos de alguém que chora  
 Quando chegar a água  
 Dos olhos de alguém que chora

Eu quero apanhar uma rosa  
 Minha mão já não alcança  
 Eu choro desesperado  
 Igualzinho uma criança.

Duvido alguém que não chora  
 Pela dor de uma saudade.  
 Quero ver quem que não chora  
 Quando ama de verdade.

O Rio de Piracicaba  
 Vai jogar água pra fora  
 Quando chegar a água  
 Dos olhos de alguém que chora.  
 Quando chegar a água  
 Dos olhos de alguém que chora.

**Figura 21** – Sobreposição fotografia, desenho e bordado.

Fonte: Acervo do autor (2022).

[https://soundcloud.com/fabianodiasgoncalves/ti-o-carreiro-e-pardinho-rio?utm\\_source=clipboard&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=social\\_sharing](https://soundcloud.com/fabianodiasgoncalves/ti-o-carreiro-e-pardinho-rio?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing)

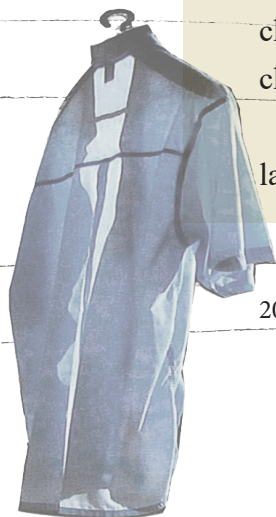
A imagem é formada por camadas de fotografias e desenhos produzidos durante minhas pesquisas com o rio Piracicaba. As fotografias recortadas em fragmentos que compõem a imagem foram feitas por mim em janeiro de 2016 na região da Rua do Porto<sup>20</sup>. Para essa montagem utilizei duas fotografias além de alguns traços desenhados por minha companheira Laura. A camisa azul foi recortada de uma fotografia e colada numa folha de papel branco. Os traços desenhados por Laura vieram depois. A imagem foi escaneada e impressa novamente para que eu a utilizasse como molde do bordado feito no tecido bege. Fotografei o processo do bordado e, com um aplicativo de edição de imagens, fiz uma sobreposição das duas imagens. Outras sobreposições foram testadas antes de chegarmos a esse resultado.

No centro da imagem, o desenho de uma camisa azul está bordado no tecido bege. A imagem é sobreposta por outra, que se revela do lado direito. A sobreposição é composta por traços desenhados por Laura e pela fotografia da camisa azul. As imagens, fotografadas, desenhadas e bordadas estão transbordadas umas nas outras. É o tempo dos transbordamentos. A camisa está secando no varal, aguardando a água baixar. O leito do rio está cheio. Suas águas agitadas desbordam das margens entrando nas casas dos moradores da Rua do Porto.

A primeira quinzena de janeiro de 2016 foi de muita chuva. Depois de dias chovendo, com raros momentos de trégua, os moradores e comerciantes da Rua do Porto começaram a se preocupar com o nível da água do rio, que subia rapidamente. Chamaram a Defesa Civil, que garantiu não haver risco de transbordamento, mas não foi o que aconteceu e, por volta das 22h30, as águas do rio invadiram as casas e os restaurantes da Rua do Porto. Nessa ocasião, sabendo do avanço da água que subia rapidamente eu fui para a Rua do Porto para conversar com as pessoas que ali estavam.

O nível do rio registrou seu maior valor às 5 horas da manhã. Apesar da madrugada de muita chuva, pela manhã o sol resolveu aparecer. Os moradores, em sua maioria, já tinham retirado seus pertences e, sentados em cadeiras de praia, esperavam a água baixar. A luz do dia revelava os dejetos que a enxurrada havia trazido para a Rua do Porto e os estragos que provocara. Alguns garotos nadavam na água barrenta e outros pulavam com boias da ponte de pedestres construída no modelo estaiada. Muitas pessoas curiosas chegavam para ver o rio e fotografar a rua tomada pelas águas. Um homem, abaixado próximo à água, chorava. Perguntei-lhe se havia perdido alguma coisa nas águas do rio, mas ele disse que seu choro era de felicidade por poder ver o rio “vivo” novamente.

Uma equipe de repórteres procurava por pessoas que pudessem dar depoimentos lamentando a enchente na Rua do Porto, mas os discursos eram de felicidade. Dois jovens,



20 <https://biografiariopiracicaba.com.br/rua-do-porto/>

de costas para o rio, atiravam a linha de suas varas de pesca em direção à rua alagada; alguns minutos depois, capturaram um peixe<sup>21</sup>, o que os fez cair na gargalhada. Uma camisa, aparentemente passada a ferro, pendurada por um cabide no quintal de uma das casas alagadas e um cheiro de café no ar indicavam que alguém se preparava para ir trabalhar. Algumas casas exibiam nas janelas uma bandeira do Divino Espírito Santo<sup>22</sup>. A bandeira do Divino posicionada na janela é um pedido ao rio Piracicaba para que a água não invada a casa, mas também é sinal de agradecimento por ele se mostrar vivo.

Naquele ano, 2016, o Sistema de Acompanhamento dos Reservatórios, que também monitora as represas localizadas na bacia hidrográfica do rio Piracicaba, acabou por recomendar a abertura de algumas comportas localizadas no rio Piracicaba, como as da represa da Usina Hidrelétrica de Salto Grande de Americana, administrada pela Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL), para prevenir o rompimento das barragens. A previsão do tempo mostrava que o período chuvoso e o nível de água das represas estava alto para aquela época do ano.

É importante citar que em 30 de abril de 2019, após o rompimento da barragem da Vale em Brumadinho (MG), a barragem de Salto Grande, em Americana, foi incluída na lista de estruturas onde há riscos em caso de rompimento, sendo classificada como de “alto risco e dano potencial alto”.

É importante dizer que, durante os períodos de cheia do rio Piracicaba, muitas vezes a Rua do Porto fica alagada. Além de as águas entrarem nas residências e nos restaurantes, as enchentes impactam as atividades de pesca, turismo e lazer. Com os barrancos tomados pelas águas os pescadores procuram estratégias para pescarem em lugares, de cima de uma ponte, em barcos. Os restaurantes deixam de funcionar. E as pessoas não conseguem utilizar a rua para corrida e caminhadas. Entretanto, moto aquáticas, lanchas e caiaques são cada vez mais frequentes nesses momentos. Nos últimos vinte anos, foram registrados 45 alertas emitidos pela Defesa Civil e vinte episódios de alagamento ou enchente. Os imóveis da Rua do Porto estão todos numerados com placas pela Defesa Civil, indicando a prioridade de retirada dos moradores e seus pertences em caso de transbordamento do rio Piracicaba.

O notável nas enchentes do rio Piracicaba era o comportamento dos moradores da Rua do Porto, pescadores<sup>23</sup> em sua grande maioria. Eles se recusavam a deixar suas casas, mesmo quando as águas entravam pelas janelas. A tragédia chegava a ser atração também turística pelo quase inacreditável: pescadores dormindo em seus botes dentro de suas próprias

21 <https://biografiariopiracicaba.com.br/peixes/>

22 <https://biografiariopiracicaba.com.br/festa-do-divino/>

23 <https://biografiariopiracicaba.com.br/pescadores/>

casas. Depois do Sistema Cantareira<sup>24</sup>, as enchentes se tornaram cada vez mais raras, sendo a mais impressionante, nos últimos tempos, a da década de 1970 (NETTO, 2015c).

Algumas pessoas afirmam que os períodos de cheia e de seca do rio Piracicaba são provocados pela dinâmica de regulação e captação das águas da bacia hidrográfica do rio, operada por sistemas de abastecimento e de produção de energia elétrica, como por exemplo, as operadas pelo Sistema Cantareira ou a represa de Salta Grande. Outros sustentam que a seca e a cheia são o resultado da vazão natural do rio, em decorrência de períodos mais ou menos chuvosos. Nos documentos que tenho pesquisado, encontrei muitos relatos sobre as secas<sup>25</sup> e cheias do rio Piracicaba, o que demonstra que a variação sempre fez parte da história do rio. Mas muitos relatos dizem que isso se intensificou e que a imprevisibilidade é consequência da construção de barragens.

Enchentes do rio [Piracicaba], inundando a Rua do Porto, chegaram a ser uma quase poética tradição de Piracicaba. Era uma tal beleza trágica que o bem e o mal pareciam unidos num mesmo fenômeno natural que, trazendo desespero para muitos, arrebatava como espetáculo também humano. Pois os moradores da rua, pescadores e seus familiares, negavam-se a sair, como se o rio, como entidade por assim dizer sagrada, não lhes desse autorização para abandonar suas águas (NETTO, 2000, p. 36).

O transbordamento do rio Piracicaba é narrado no noticiário local como um acontecimento que “pega a todos de surpresa”. As equipes de reportagem buscam sempre por pessoas que sofreram perdas com as enchentes. Os representantes do poder público também adotam a narrativa da imprevisibilidade nos discursos públicos sobre os episódios. Na verdade, poucas são as vezes em que os moradores não conseguem se preparar para a chegada da inundação e são pegos de surpresa. A imprevisibilidade dos transbordamentos, segundo os moradores da Rua do Porto, está relacionada à abertura das comportas das barragens localizadas ao longo do rio Piracicaba. Se algumas narrativas tentam evidenciar o transbordamento como tragédia, outras o descrevem como espetáculo – como o homem que chorou por poder “ver o rio vivo novamente” e os garotos que nadam e pescam na rua alagada.

No transbordar das águas, o rio reivindica que todo seu entorno também seja rio, borrando suas bordas. É nesse movimento que ele corre com força envolvendo rua, casa, pescador, garoto, barco, num movimento vivo que revela sua trajetória.



24 <https://biografiariopiracicaba.com.br/sistema-cantareira/>

25 <https://biografiariopiracicaba.com.br/secas/>



Para muitos, havia prejuízos e dramas. Mas, no fundo da alma de cada um, pulsava um sentimento de alegria por ver o rio exuberante, vivo, fecundo. Pescadores teimavam em ficar dentro de suas casas, dormindo nos barcos, bebendo cachaça, conversando, contando causos, enquanto familiares eram abrigados no Clube de Regatas (quando também não inundado), em escolas, na sede da Irmandade do Divino. Misto de tragédia e de alegria, as enchentes do rio Piracicaba fazem parte de nossa história. E, mais do que maus presságios, as águas, transbordando, sempre foram sinal de bons augúrios, de fartura, de vitalidade e, em réveillon, indícios de um ano novo pródigo. (NETTO, 2013; grifos meus).

## Elias dos Bonecos



**Figura 22** – Sobreposição fotografia e desenho. Fonte: Acervo do autor (2023).

A imagem é formada por desenhos produzidos por minha companheira Laura e por uma fotografia de autoria desconhecida, em que aparece Elias dos Bonecos. Encontrei a fotografia durante minha pesquisa com o rio Piracicaba. Os desenhos foram feitos em caneta nanquim sobre uma folha de papel branco em 2014. Para essa montagem, utilizei dois desenhos e uma fotografia sobrepostos em um aplicativo de editor de imagem. O desenho dos bonecos do Elias segurando uma bandeira do Divino Espírito Santo<sup>26</sup> foi sobreposto por outro com linhas contínuas e, posteriormente, sobrepostos à fotografia de Elias dos Bonecos. Outras sobreposições foram testadas antes de chegarmos a esse resultado.

No centro da imagem, a bandeira do Divino se faz presente. Os bonecos seguram a bandeira que é sobreposta por linhas contínuas (pelo fluxo das águas do rio) que atravessa a imagem. Do lado direito, Elias segura um de seus bonecos no colo. As águas do rio transpassam a imagem, os bonecos se mantêm em pé, segurando no mastro da bandeira do Divino, insistindo em permanecerem com o rio.

26 <https://biografiariopiracicaba.com.br/festa-do-divino/>

Na margem direita do rio Piracicaba, na região da Rua do Porto<sup>27</sup>, desde a década de 1970 fazem parte da paisagem bonecos segurando varas de pescar, feitos de materiais descartados coletados ao longo do rio. Esses bonecos foram feitos por um antigo morador que viveu na Rua do Porto entre 1931 e 2008, o Elias dos Bonecos (ROCHA, 2008). Elias era um “barranqueiro” (aquele que pesca dos barrancos do rio), nascido e criado nas margens do rio. O antropólogo John Dawsey (2012; DAWSEY; SANTANA, 2020) realizou pesquisa com Elias dos Bonecos e descreveu o susto que levou ao deparar com essas figuras nas margens do rio.



Em meio à mata, nos barrancos, vi alguns bonecos pescadores<sup>28</sup>. Seriam humanos? Levei um pequeno susto. Imagens fantasmagóricas. Pareciam visagens, assombrações ou espantalhos. Depois viria a saber que eram os bonecos do Elias, um dos moradores da Rua do Porto. Revivi esse leve susto em duas ocasiões, em 1982 e em 1989, quando revi os bonecos após dois períodos de ausência de Piracicaba<sup>29</sup>. (DAWSEY, 2012, p. 187).

Em entrevista que concedeu a Dawsey em 1993, Elias narrou que tudo começou com a filha de sua vizinha, que queria um boneco. “Já havendo feito bonecos para as festas de malhação de Judas na Rua do Porto, Elias fez um boneco para a criança. A menina gostou. Mas seu irmão mais novo se assustou. [...]. A mãe das crianças então pediu que Elias levasse o boneco embora. Ele o levou para a beira do rio” (DAWSEY; SANTANA, 2020, p. 32). Em seguida, outros bonecos foram criados e passaram a fazer parte da paisagem do rio Piracicaba. Elias disse que ele próprio se assustou, “pois, na imagem do boneco, ele reconheceu as pessoas de sua própria família e vizinhança, inclusive as que haviam falecido [...]. Se essas figuras às vezes eram chamadas de ‘bonecos do Elias’, o artista e artesão Elias Rocha, invertendo e corrigindo a formulação, chamava a si mesmo de ‘Elias dos bonecos’” (DAWSEY; SANTANA, 2020, p. 32).

Elias contou também que os bonecos, assim como os moradores e pescadores, não deixam os barrancos do rio. Eles resistem até mesmo às enchentes<sup>30</sup>. Entretanto, ele diz que algumas pessoas arrancam os bonecos: “aproveitam a ocasião [da enchente]. Levam embora, jogam na água só pra ver rodar, mas [o boneco] não sai de lá, está enfiado mais de meio metro”. Tal como os bonecos, Elias conta que mesmo quando a água do rio entrou em sua casa, por ocasião de alguma enchente, ele também não saiu dali. “O rio já chegou até aqui, ó. [Ele indica na parede a marca da enchente.] Mas nada me tira daqui. Eu até gosto de enchente” (DAWSEY, 2012, p. 193).

27 <https://biografiariopiracicaba.com.br/rua-do-porto/>

28 <https://biografiariopiracicaba.com.br/pescadores/>

29 <https://biografiariopiracicaba.com.br/piracicaba-sp/>

30 <https://biografiariopiracicaba.com.br/enchentes/>

Por que Elias fazia os bonecos? Um circuito mimético imerso em relações de dádiva envolvendo vivos e mortos ressoa na experiência do artesão que age como quem deve obrigação ao rio. Como um remoinho de onde surge a própria dádiva da vida, tanto para os que vivem no aqui e agora quanto para os que já viveram ou ainda poderão nascer, se apresenta o rio no imaginário de Elias. [...] Em suas trocas com o rio e com o ambiente do seu entorno, moradores tornam-se semelhantes às criaturas que ali vivem. O irmão de Elias se chama Lambari, Elias se compara a um sapo do brejo. Até anos recentes, moradores comiam as plantas e os frutos de hortas cultivadas em barrancos do rio. Bebiam de suas águas e se alimentavam dos peixes<sup>31</sup>. Assemelhando-se ao rio e às suas criaturas, Elias e outros barranqueiros não conseguem ver-se longe de suas margens. “Se sair daqui eu morro!” Se a força das dádivas vem, como diria Mauss (2003, p. 197), do “espírito da coisa dada”, esse “espírito”, diria Elias, vem principalmente das águas do rio. À sua imagem e semelhança são feitas as suas criaturas. Ao rio Elias pertence. Ao seu cavalo, que o acompanha na coleta de sucata, ele deu o nome de Lontra – um cavalo do rio. Assim também ele entende os bonecos: ao rio pertencem. (DAWSEY; SANTANA, 2020, p. 193, grifos meus).

Elias dos Bonecos ficou doente em 1993 e passou por uma cirurgia em 1996, depois disso perdeu a voz. Faleceu em 1º de abril de 2008. Alguns de seus bonecos foram levados para dentro da “Casa do Povoador” para que ficassem preservados. Réplicas foram colocadas nas margens do rio Piracicaba. Os bonecos, assim como Elias, permanecem lá até hoje.



31 <https://biografiariopiracicaba.com.br/peixes/>

## Sistema Cantareira



**Figura 23** – Sobreposição fotografia e desenhos. Fonte: Acervo do Autor (2022).

A imagem é formada por camadas de fotografias e desenhos produzidos durante minhas pesquisas com o rio Piracicaba. A fotografia foi feita por mim de cima da ponte estaiada sobre o rio Piracicaba, na região da Rua do Porto<sup>32</sup>, em agosto de 2018. O desenho que compõe a montagem foi feito por minha companheira Laura. As imagens foram sobre-

32 <https://biografiariopiracicaba.com.br/rua-do-porto/>

postas com um aplicativo de edição de imagens. Outras sobreposições foram testadas antes de chegarmos a esse resultado.

Na imagem aparece o leito do rio raso fotografado de cima, que é sobreposto com desenhos de peixes<sup>33</sup> transbordados das margens da fotografia. O leito do rio está seco.

Apesar de o rio Piracicaba receber esse nome nas proximidades do município de Americana/SP, as chamadas “nascentes do Piracicaba” estão localizadas na Serra da Mantiqueira. Sua bacia hidrográfica abrange uma área de mais de 12 mil km<sup>2</sup>, distribuída pelo sudeste do estado de São Paulo e pelo extremo sul do estado de Minas Gerais.

Logo ali, próximo às nascentes, está o Sistema Cantareira. A bacia do rio Piracicaba é considerada uma das principais do estado de São Paulo e, junto com a bacia hidrográfica do Alto Tietê, abastece o Sistema Cantareira por meio de quatro reservatórios de água que, além de abastecer as cidades da Grande São Paulo, também abastecem cidades do interior do estado.

O Sistema Cantareira é um dos maiores sistemas de captação de água do planeta com capacidade de abastecer nove milhões de pessoas da região metropolitana de São Paulo. Sua superfície ocupa uma área de 227.803 hectares (2.278,0 km<sup>2</sup>), abrangendo 12 municípios, sendo quatro deles no estado de Minas Gerais (Camanducaia, Extrema, Itapeva e Sapucaí-Mirim) e oito em São Paulo (Bragança Paulista, Caieiras, Franco da Rocha, Joanópolis, Nazaré Paulista, Mairiporã, Piracaia e Vargem). Cerca de 55% do Sistema faz parte do Estado de São Paulo e 45% de Minas Gerais. (UEZU et al., 2017, p. 35).

Desde o início dos anos 1970, as cabeceiras da Bacia do rio Piracicaba abastecem cerca de 9 milhões de habitantes da Região Metropolitana de São Paulo através do Sistema Cantareira, conjunto de barragens de regularização de vazões, de canais e de túneis operados pela Sabesp – Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (MONTICELLI, 2019, p. 23).

Esse grande sistema foi construído em duas etapas, a partir da década de 1970, tendo como objetivo a captação e formação estratégica de um principal manancial para abastecimento de água para diversos municípios próximos e ligados à capital paulista. De 1965 a 1975, foram realizadas as obras para construção dos reservatórios Cachoeira, Atibainha e Paiva Castro, e, entre 1975 e 1981, a construção dos reservatórios interligados Jaguari e Jacareí. O Sistema, desde sua origem, apresenta como finalidade a transposição das águas da bacia do rio Piracicaba para a bacia do Alto Tietê. As águas são recebidas através do rio Juqueri, escoando naturalmente até o reservatório Paiva Castro e através do bombeamento na

33 <https://biografiariopiracicaba.com.br/peixes/>

estação elevatória de Santa Inês, atinge o reservatório de Águas Claras. Deste reservatório, por gravidade, atinge a Estação de Tratamento de Água do Guaraú e, então, é distribuída para a Grande São Paulo. (UEZU, 2017, p. 36).

Inaugurado em 1974, no auge do “milagre econômico” da ditadura militar, por Laudo Natel, governador de São Paulo (1971-1975), o Sistema Cantareira é o maior dos seis sistemas de abastecimento hídrico de São Paulo. Possui reservatórios de água interconectados que captam água de rios da bacia hidrográfica do rio Piracicaba e do Alto Tietê para abastecer aproximadamente 46% da população da Região Metropolitana de São Paulo.

Entretanto, o primeiro projeto que indicou o aproveitamento das águas da Serra da Cantareira como solução para os problemas de abastecimento da cidade de São Paulo data de 1863. Naquele ano, o governo da província encarregou um engenheiro britânico, Brunless, para elaborar um estudo que embasasse o desenvolvimento de um plano geral de abastecimento de água e coleta dos esgotos para a capital.

Auxiliado pelos engenheiros Hooper e Daniel Makinson Fox, Brunless levantou a planta topográfica da cidade traçando um projeto para abastecimento de água e implantação de uma rede de esgotos. No ano seguinte, os engenheiros apresentaram relatório que indicava a adução das águas da Serra da Cantareira para abastecimento da cidade de São Paulo. (COMPANHIA DE SANEAMENTO, 2008, p. 3).

Em razão do alto custo, o projeto não foi executado naquele período, e em 1868 foi realizada outra tentativa de aproveitamento de uma das fontes localizadas nos arredores da capital, denominada “Vertentes do Tanque Reúno”, que também não foi suficiente para atender à demanda populacional da época. Protestos<sup>34</sup> da população, presentes nos jornais da época, exigiam do poder público uma solução definitiva para o problema. Em 1877, após a criação da Companhia Cantareira e Esgotos,

Foram construídos dois grandes reservatórios de acumulação para represamento dos mananciais na Serra, e em 12 de maio de 1881 foram então concluídas as obras capazes de abastecer o dobro da população existente, que nesse período era de 30.000 habitantes. Em 1882, alguns chafarizes da cidade já recebiam as águas do novo manancial e, em 1883, os primeiros beneficiários, os moradores de 71 prédios do bairro da Luz, começam a receber água em casa. (COMPANHIA DE SANEAMENTO, 2008, p. 4).

34 <https://biografiariopiracicaba.com.br/protestos/>

Em 1883 foi concluída a obra do reservatório da Consolação, que atenderia ao centro da cidade de São Paulo. E, seguindo as recomendações da Repartição de Águas e Esgotos da Capital, o Estado desapropriou fazendas na Serra da Cantareira com o objetivo de utilizar essa área para a captação de águas e proteção de nascentes. O sistema foi sendo construído e novas captações de águas foram implantadas. Apesar disso, em 1920 foi criada uma Comissão de Saneamento para procurar novas soluções para o abastecimento da cidade e foi levado a efeito um plano de emergência. O abastecimento de água da cidade passou por duas outras crises nos anos de 1932 e 1937.

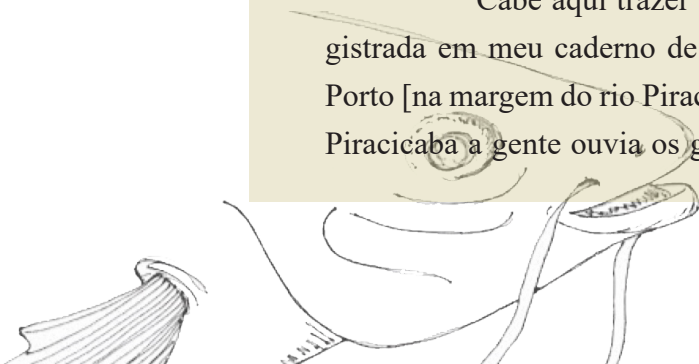
Segundo um dossiê elaborado pela Sabesp em 2008, o

Sistema Cantareira Velho continuou em funcionamento até a década de 1970, contribuindo para o abastecimento da cidade, quando entrou em funcionamento sua nova etapa, iniciada com o aproveitamento das águas do rio Juqueri, hoje denominado Sistema Cantareira. (COMPANHIA DE SANEAMENTO..., 2008, p. 8).

O projeto do Sistema Cantareira atual, que inicialmente visava ao aproveitamento das águas do rio Juqueri para o abastecimento da cidade de São Paulo, foi idealizado em 1962, sob o governo de Abreu Sodré. Em 1968, foi concluído o relatório final que apontou o Sistema Cantareira como prioritário para resolver os “problemas de abastecimento” de água que a Região Metropolitana de São Paulo vinha enfrentando. Para reforçar e justificar a decisão do governador de enfrentar a construção do Sistema Cantareira, o médico sanitário Walter Leser elaborou, em 1969, um estudo no qual demonstrava que a ampliação do abastecimento de água de uma população diminuiria consideravelmente a taxa de mortalidade infantil. Além da solução milagrosa para os problemas de falta de água e de mortalidade infantil da Região Metropolitana de São Paulo, a efetivação do projeto anunciava a possibilidade do sonho cosmopolita de desenvolvimento econômico.

A construção do Sistema Cantareira consolida um processo de desenvolvimento modernista para o rio Piracicaba, com forte impacto na transformação dos lugares vitais para os diferentes mundos que se entrecruzam nele. O conflito em torno da construção e operação do Sistema Cantareira, durante o período da ditadura militar no Brasil, põe em evidência o projeto moderno de desenvolvimento. Uma necropolítica (BUBANDT, 2016) do Sistema Cantareira mata e concreta diferentes vidas em suas barragens. Podemos dizer que, com o movimento de desbordar das margens, o rio Piracicaba resiste, fazendo jorrar seus massacres.

Cabe aqui trazer a narrativa de Dona Cida, companheira do rio Piracicaba, registrada em meu caderno de campo do mestrado: “Um pouco mais pra baixo da Rua do Porto [na margem do rio Piracicaba], naqueles anos [da ditadura militar], do lado de lá do rio Piracicaba a gente ouvia os gritos de pessoas torturadas pelos policiais. Da minha casa eu





ouvia tudo”. Ou seja, a concretização de uma necropolítica do sistema capitalista industrial parece ter ocorrido concomitantemente ao silenciamento das vozes de oposição e resistência a esse projeto de nação.

O caráter processual do desastre nos alerta que a morte do rio Piracicaba não se inicia no dia 29 de dezembro de 1973, dia em que o Sistema Cantareira começou a ser operado. O desastre idealizado, planejado e desenvolvido no período da ditadura militar faz parte de um projeto necropolítico que se estende no tempo, continuando a matar determinadas formas de vida, tendo como justificativa possibilitar a existência de outras. Nessa perspectiva, a inauguração do Sistema Cantareira é um marco incontornável para o rio Piracicaba, tal como a ditadura militar que, por meio de ações, instituições (polícia militar) ou pessoas, perdura no tempo torturando e matando até os dias de hoje. Podemos dizer que o desastre da construção do Sistema Cantareira não aconteceu num momento específico, e tampouco se resolveu com o tempo, mas permanece violentando o rio lentamente.

Em artigo intitulado “Turbulent River Times”, Lisa Blackmore (2020) comenta que “Barragens e reservatórios são as antíteses dos rios, cuja ‘ontogênese’ é fluir em diferentes volumes e intensidades, mas sempre fluir” (2020, p. 18; tradução minha<sup>35</sup>). Para ela, as estruturas das barragens alteram e param o batimento cardíaco dos rios.

Entre os anos 2013 e 2015, o Sistema Cantareira passou por um período de seca<sup>36</sup>, considerada a pior da história do sistema, em que o nível dos reservatórios chegou a cerca de 5,0% de armazenamento. Essa crise hídrica representou um alerta para o estado de degradação dessa região, dando indicações de que são necessárias mudanças para aumentar a resiliência desse sistema.

---

35 “Dams and reservoirs are the antitheses of rivers, whose ‘ontogenesis’ is to flow in different volumes and intensities, but always to flow.” (BLACKMORE, 2020, p. 18).

36 <https://biografiariopiracicaba.com.br/secas/>

## Protestos

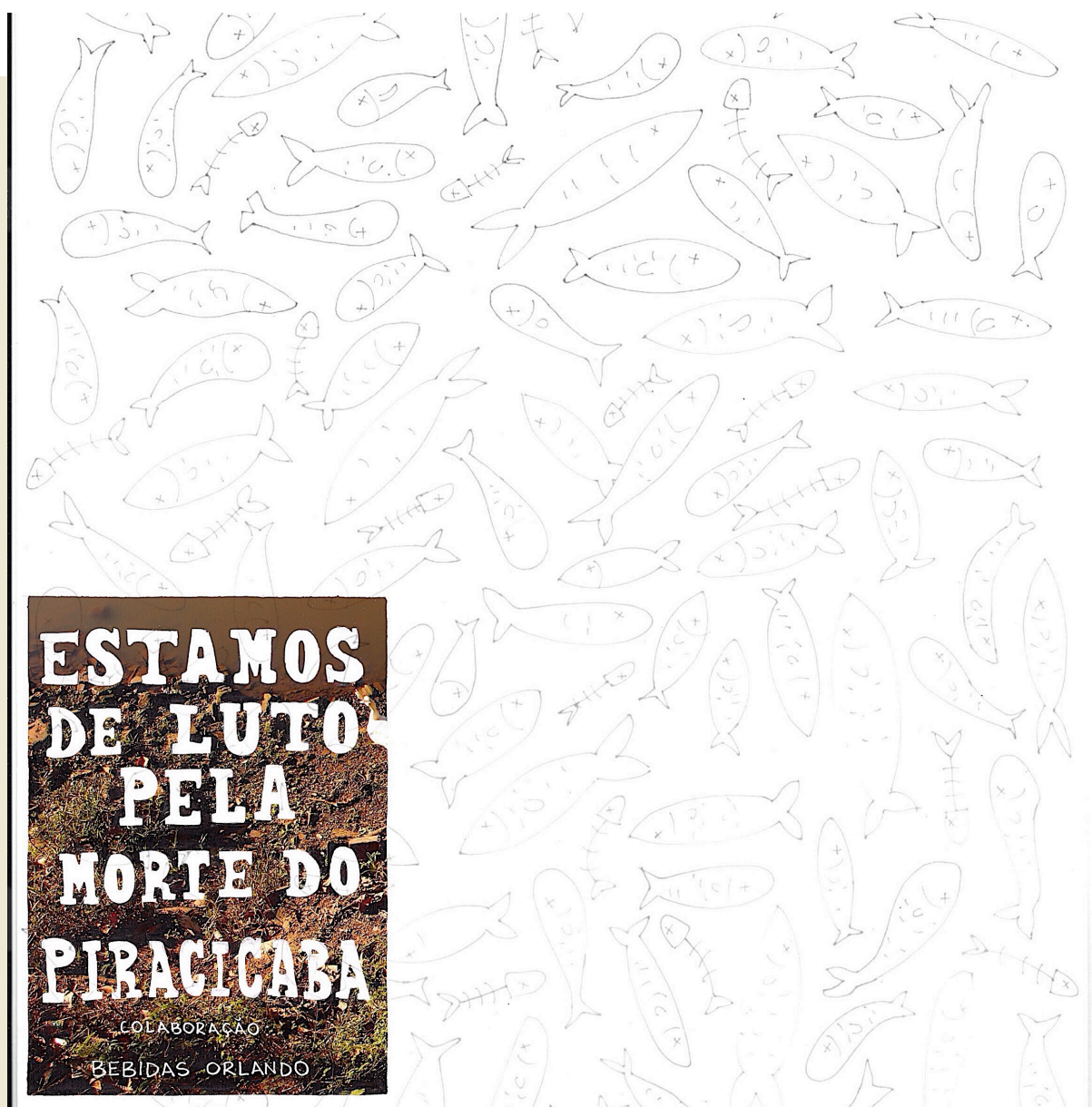


Figura 24 – Sobreposição fotografia e desenho. Fonte: Acervo do autor (2022).

A imagem é formada por camadas de fotografias e desenhos produzidos durante minhas pesquisas com o rio Piracicaba. Para essa montagem, utilizei uma fotografia que tirei em julho de 2016 e alguns traços desenhados por minha companheira, Laura. A inscrição “Estamos de luto pela morte do Piracicaba – Colaboração Bebidas Orlando” foi copiada de um encarte que encontrei no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Laura copiou à mão o encarte e, posteriormente, com um aplicativo de edição de imagens,

sobrepus à imagem uma fotografia do rio Piracicaba. Após esse processo, a montagem foi novamente sobreposta a desenhos de peixes<sup>37</sup>. Outras sobreposições foram testadas antes de chegarmos a esse resultado.

No canto esquerdo da imagem, a inscrição “Estamos de luto pela morte do rio Piracicaba” aparece sobreposta por desenhos de peixes. No fundo da inscrição, a imagem fotográfica aparece com os tons de marrom do barranco do rio Piracicaba. As águas do rio não aparecem, mas do barranco é possível ver os peixes.

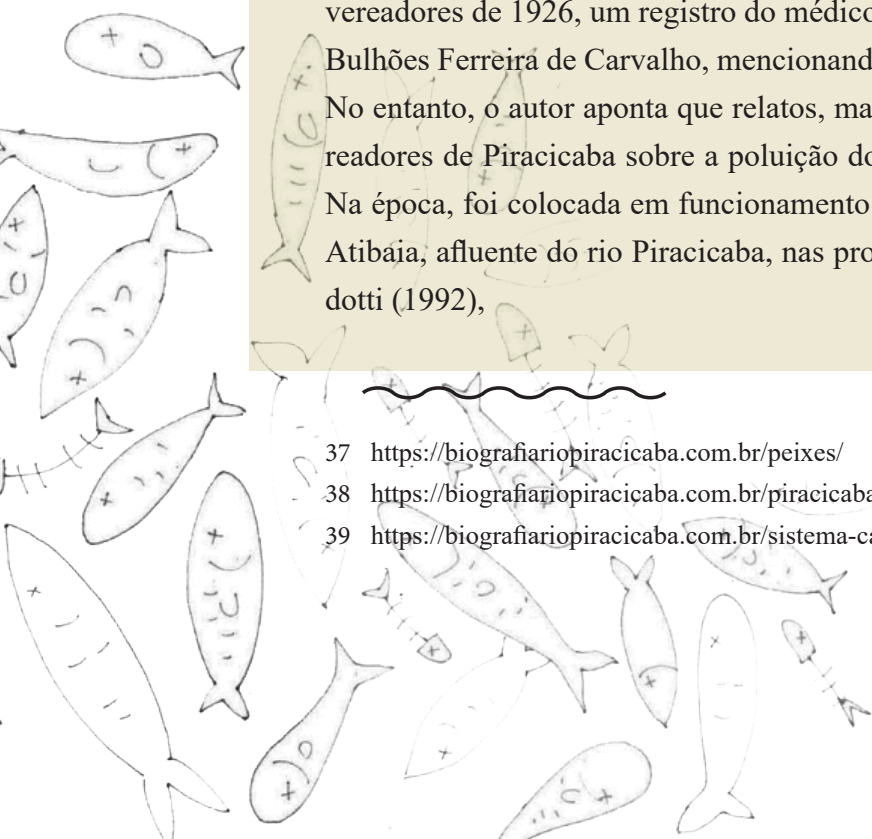
Em 1º de agosto de 1979, às 10 horas da manhã, por ocasião dos 212 anos de aniversário da cidade de Piracicaba, SP<sup>38</sup>, cerca de 1.500 pessoas participaram da fixação de uma placa de mármore na Praça do Protesto Ecológico, localizada em uma rotatória construída próxima à Ponte do Mirante do rio Piracicaba. O evento era de nomeação da praça e anunciava a “morte do rio Piracicaba”. Diversos documentos assinados por autoridades políticas e por jornais da cidade foram colocados dentro de um cilindro e enterrados ao lado da placa. Segundo os jornais da época, os organizadores do protesto tinham como intuito mostrar para as gerações futuras as preocupações que a cidade tinha com o futuro do rio Piracicaba. O protesto tinha como motivação o alto grau de poluição em que o rio Piracicaba se encontrava, consequência da redução do volume das águas em razão do início da operação do Sistema Cantareira<sup>39</sup>, do desenvolvimento urbano e industrial das cidades que margeiam o rio, da expansão e do lançamento no rio do resíduo da cana-de-açúcar.

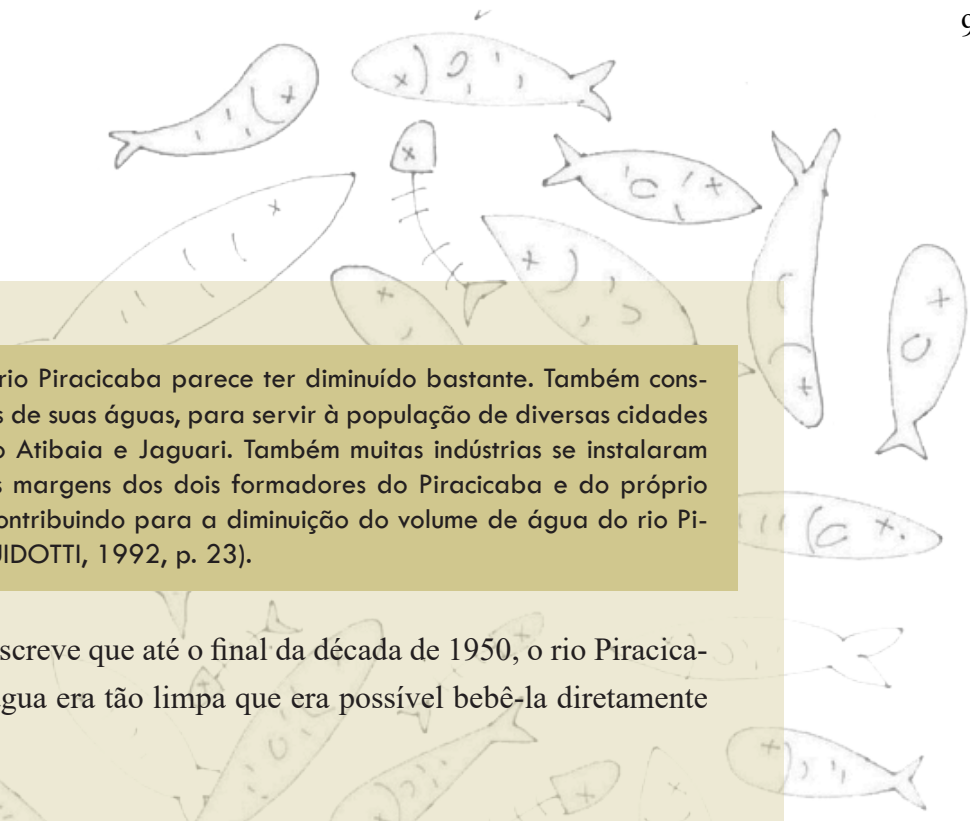
Cabe lembrar que documentos que demonstram certa preocupação com o futuro do rio datam de 1913. Naquele ano tinha nascido um projeto, abandonado posteriormente, de construção de um “enorme forno crematório para queimar o lixo da cidade, que não seria mais lançado no rio” (GUIDOTTI, 1992, p. 61). Gadotti encontrou, nos anais da câmara de vereadores de 1926, um registro do médico sanitário e vereador de Piracicaba, Godofredo Bulhões Ferreira de Carvalho, mencionando preocupação com a poluição do rio Piracicaba. No entanto, o autor aponta que relatos, matérias de jornais e documentos da câmara de vereadores de Piracicaba sobre a poluição do rio podem ser observados desde os anos 1950. Na época, foi colocada em funcionamento a barragem de Salto Grande, que represou o rio Atibaia, afluente do rio Piracicaba, nas proximidades de Americana. Conforme aponta Gadotti (1992),

37 <https://biografiariopiracicaba.com.br/peixes/>

38 <https://biografiariopiracicaba.com.br/piracicaba-sp/>

39 <https://biografiariopiracicaba.com.br/sistema-cantareira/>





o volume do rio Piracicaba parece ter diminuído bastante. Também constantes desvios de suas águas, para servir à população de diversas cidades ribeirinhas do Atibaia e Jaguari. Também muitas indústrias se instalaram ao longo das margens dos dois formadores do Piracicaba e do próprio Piracicaba, contribuindo para a diminuição do volume de água do rio Piracicaba (GUIDOTTI, 1992, p. 23).

Apesar disso, o autor descreve que até o final da década de 1950, o rio Piracicaba tinha abundância de peixes e a água era tão limpa que era possível bebê-la diretamente do rio.

Em 1º de agosto de 1976, o jornal O Diário noticiou uma matéria que dizia:

Este rio [Piracicaba] está morrendo – O rio, que foi motivo de orgulho para várias gerações, acabou sendo transformado em preocupação constante. Águas escuras e malcheirosas prejudicam hotéis e restaurantes localizados às suas margens. O esgoto de diversas cidades, entre as quais se inclui Piracicaba, é lançado rio acima. Cargas poluíticas maciças tornam difícil o tratamento de suas águas. [...] Enquanto a poluição industrial elimina cardumes inteiros (no ano passado, somente num mês, foi estimada em mais de 30 toneladas de peixes), o pequeno pescador em companhia de renintes turistas continuam a ter suas varas apreendidas pela fiscalização, que cumpre os ditames da legislação de proteção à pesca e à caça. [...] O rio Piracicaba vem sofrendo processo progressivo de degradação de suas águas, com grande aceleração a partir da década de 1960, atingindo atualmente um estágio bastante elevado de poluição apresentando-se no período de estiagem com suas águas fortemente enegrecidas. (apud GUIDOTTI, 1992, p. 23).

Miguel Hernández (2019) descreve em seu artigo “Movimiento de redención ecológica de la cuenca del río Piracicaba: una experiencia de acción colectiva” como os movimentos sociais que protestaram contra o processo de degradação do rio Piracicaba, intensificado principalmente a partir da década de 1970, forçou a criação da nova legislação da gestão da água (inicialmente no estado de São Paulo e posteriormente em todo o Brasil).

[...] A pressão política do movimento obrigou o governador a promulgar o Decreto 28.489, de 9 de junho de 1988, pelo qual a bacia do rio Piracicaba foi declarada modelo de gestão. A partir dessa iniciativa, foram alocados recursos monetários e elaborados programas de secretariado para serem implementados na bacia de Piracicaba. (HERNÁNDEZ, 2019, p. 917; tradução minha<sup>40</sup>).

Em 2014, um protesto com enterro simbólico do rio Piracicaba, foi realizado pelo jornalista César Costa, com o objetivo de chamar a atenção para a necessidade de preservação do rio Piracicaba.

---

40 “[...] la presión política del movimiento obligó al gobernador a promulgar el Decreto 28.489, el 9 de junio de 1988, en el que se declaró a la cuenca del río Piracicaba como modelo de gestión. A partir de esta iniciativa se destinaron recursos monetarios y se elaboraron programas de las secretarias para ser implementados en la cuenca del Piracicaba.” (HERNÁNDEZ, 2019, p. 917).

## Piracicaba-SP



Figura 25 – Sobreposição fotografia e desenho. Fonte: Acervo do autor (2022).

A imagem é formada por camadas de fotografias e desenhos produzidos e encontrados durante minha pesquisa com o rio Piracicaba. Para essa montagem, utilizei três fotografias que fiz em julho e agosto de 2014 na região da Rua do Porto<sup>41</sup>, uma fotografia encontrada no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e alguns traços desenhados por minha companheira, Laura. As fotografias que realizei foram impressas, recortadas e coladas em uma folha de papel branco e Laura fez desenhos à mão livre, complementando as fotografias. Posteriormente, a imagem foi escaneada e, com um aplicativo de edição de imagens, sobreposta pela fotografia encontrada em arquivo.

41 <https://biografiariopiracicaba.com.br/rua-do-porto/>

Do lado esquerdo da imagem está um anúncio de venda de varas, minhocas, minhocoçus e bichos-de-laranja. Um pouco mais para baixo, as pedras do rio aparecem na sobreposição com a imagem da Avenida Beira-Rio em construção. Do lado direito, um peixe<sup>42</sup> está sobrepondo uma imagem do rio. À beira-rio a cidade se desenvolve, carrega seu nome transbordando para dentro do rio. Outras sobreposições foram testadas antes de chegarmos a esse resultado.

Em todo o mundo, os rios atuam como definidores para a fundação e o desenvolvimento de muitas cidades. Os rios Nilo (Egito), Jordão (Israel/Palestina), Tigre e Eufrates (Mesopotâmia, atuais Iraque e Kuwait) ocupam lugar importante na história das civilizações. Outros, como os rios Sena (França), Mississippi (Estados Unidos), Tejo (Portugal), Amarelo (China), Ganges (Índia), dentre muitos outros, foram fundamentais para a constituição de diversas cidades ao redor do mundo. Nas margens dos rios agruparam-se núcleos populacionais, desenvolveu-se a agricultura, formaram-se cidades, estabeleceu-se o comércio. Baptista e Cardoso (2013) apontam que, para o surgimento das cidades, os rios, além de proverem água para consumo, higiene, agricultura e atividades artesanais, proporcionaram a comunicação e o comércio. Além disso, em muitos casos eles foram importantes para a defesa e a proteção das cidades (BAPTISTA; CARDOSO, 2013, p. 127).

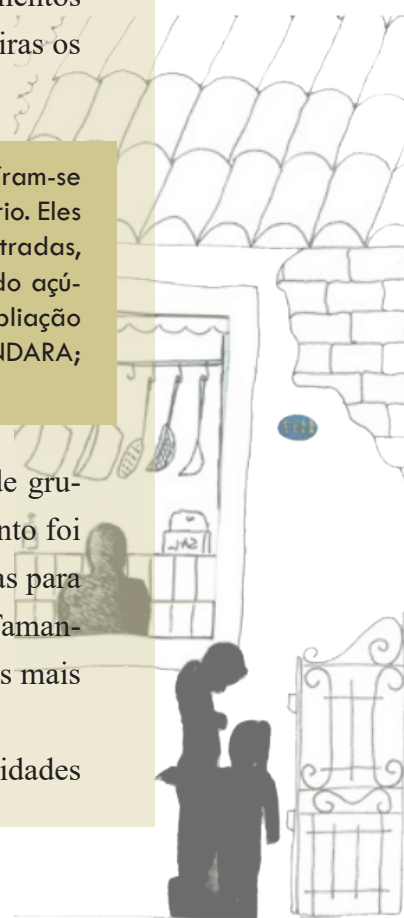
No Brasil, muitos dos surgimentos citadinos tiveram os rios como elementos definidores. Conforme apontam Gandara e Vidal (2017), em todas as capitais brasileiras os rios ocuparam lugar central no desenvolvimento urbano.

Nas margens dos rios brasileiros se estabeleceram núcleos, constituíram-se engenhos, fizeram[-se] penetrações horizontais e verticais do território. Eles foram colaboradores fundamentais às bandeiras, às missões, às entradas, [...] às descobertas de ouro e pedras preciosas, à agroindústria do açúcar, à fixação de núcleos, ao desenvolvimento da pecuária, à ampliação da lavoura de gêneros alimentícios, povoamento e cidades. (GANDARA; VIDAL, 2017, p. 6).

Para a criação da Vila de São Paulo, os jesuítas instalaram-se ao lado de grupos indígenas que viviam entre o rio Tamanduateí e o ribeirão Anhangabaú. Esse ponto foi considerado estratégico, uma vez que, de um lado, os jesuítas acessavam águas limpas para consumo no ribeirão Anhangabaú e, do outro, podiam deslocar-se pelas águas do rio Tamanduateí até o rio Tietê. A via fluvial da bacia dos rios Tietê e Paraná tornou-se uma das mais importantes hidrovias brasileiras.

Os rios exerceram papel importante também no desenvolvimento das cidades

42 <https://biografiariopiracicaba.com.br/peixes/>



do estado de São Paulo. Apesar de muitos historiadores do início do século XX mencionarem o papel dos rios na fundação das cidades do interior do estado, sabe-se hoje que as vias fluviais não foram muito utilizadas para o deslocamento dos bandeirantes pelo território. Canoas e barcos eram usados esporadicamente para travessia de pequenos trechos e depois abandonados.

Outro grande erro, do qual não tem escapado mesmo muitos historiadores de certo renome, consiste na suposição de que o movimento expansionista das bandeiras se deu pelas vias fluviais. O Tietê, o velho Anhembi, que à primeira vista parece ter sido o grande caudal que determinou o bandeirismo, foi desconhecido de grande parte do movimento. (ELLIS JÚNIOR, 1934, p. 44).

No entanto, Cassiano Ricardo (1959), ao se referir à geografia do estado de São Paulo, aponta que o rio Tietê teve influência decisiva sobre o grupo de bandeirantes liderado por Piratininga. “A serra abrupta (geografia estática), o planalto dinâmico (geografia motora) e o Tietê, que dava as costas para o mar (geografia móvel), tiveram decisiva influência sobre o grupo de Piratininga” (RICARDO, 1959, p. 60). Capistrano de Abreu (1999) conta que os bandeirantes, ao encontrarem algum rio que servisse para a navegação, “improvisavam canoas ligeiras, fáceis de varar nos saltos, aliviar nos baixios ou conduzir à sirga. Por terra, aproveitavam as trilhas dos índios; em falta delas, seguiam córregos e riachos” (ABREU, 1999, p. 143). Embora existam divergências quanto ao papel dos rios na expansão bandeirante pelo interior do estado de São Paulo, o fato é que muitas cidades surgiram nas margens de rios, como Piracicaba, Itu, Salto, Pirapora, dentre muitas outras, demonstrando o importante papel deles para a formação dessas cidades.

Em 1766, o Capitão-General de São Paulo, D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, encarregou o Capitão Antônio Corrêa Barbosa de fundar uma povoação na foz do rio Piracicaba. Este, no entanto, optou pelo local habitado pelos índios Paiaguás<sup>43</sup>, onde já se haviam fixado alguns posseiros, à margem direita do salto, a 90 quilômetros da foz, entendendo ser o lugar mais apropriado da região. A povoação seria ponto de apoio às embarcações que desciam o rio Tietê, oferecendo retaguarda ao abastecimento do forte de Iguatemi, fronteiro do território do Paraguai. Em 1784, Piracicaba foi transferida para a margem esquerda do rio, logo abaixo do salto, onde os terrenos melhores favoreciam sua expansão. (IPPLAP, [s.d.a]).

A facilidade de navegação no rio Piracicaba possibilitou a entrada pelo território e suas águas serviram para o cultivo de pequenas lavouras, fazendo com que povoaamentos

43 <https://biografiariopiracicaba.com.br/paiaguas/>



se fixassem nas margens, o que desencadeou o processo de fundação da cidade de mesmo nome.

O rio Piracicaba também tem um papel central na história da cidade, e muitas vezes foi objeto de disputas políticas identitárias. Com registro de fundação no ano de 1767, e carregando o mesmo nome do rio que a corta de ponta a ponta, Piracicaba está localizada na média depressão periférica paulista, 152 km a noroeste da capital do estado de São Paulo e a 71 km de Campinas. Sua extensão territorial é de 1.368 km<sup>2</sup> e, segundo estimativa para o ano de 2021, possui 410.275 habitantes (IBGE, [s.d.]). Piracicaba é uma referência para os moradores das demais cidades da região, que buscam bens e serviços especializados, serviços de saúde, atividades artístico-culturais e de lazer. Além de a cidade levar o mesmo nome do rio, é na sua margem que estão a Casa do Povoador (reconhecida como marco para o povoamento dessa região), os restaurantes da Rua do Porto<sup>44</sup>, que vendem o “tradicional peixe<sup>45</sup> no tambor”, a Festa do Divino Espírito Santo<sup>46</sup> etc. Para a cidade, o rio Piracicaba é seu principal cartão-postal, o que faz dele foco de disputas de memórias.

---

44 <https://biografiariopiracicaba.com.br/rua-do-porto/>

45 <https://biografiariopiracicaba.com.br/peixes/>

46 <https://biografiariopiracicaba.com.br/festa-do-divino/>

## Pescadores



Figura 26 – Fotografia pescador. Fonte: Acervo do autor (2016).

A imagem é formada por fotografia que produzi durante minha pesquisa com o rio Piracicaba; foi feita em junho de 2016 na região da Rua do Porto<sup>47</sup>. A imagem, cortada manualmente em filamentos e invertida, é de um pescador sentado às margens do rio Piracicaba. Não é possível saber o que é margem e o que é rio. No centro da imagem está o barranco que espera pelo peixe<sup>48</sup>.

No ano de 2014, numa segunda-feira, estacionei meu carro na região da Rua do Porto, às 6h30 da manhã e, de dentro do carro, observei o movimento de pessoas que caminhavam por ali. Desci do carro para observar mais de perto e encontrei os barrancos do rio Piracicaba preenchidos por centenas de pescadores. Uma placa informa que a prática da pescaria não é permitida nessa região o ano todo. A movimentação dos pescadores que chegavam pela Rua do Porto era bastante diversificada. Muitos são os caminhos percorridos para chegar à margem do rio Piracicaba. Sozinhos ou acompanhados, alguns estacionavam perto de onde estava meu carro e retiravam seus equipamentos do porta-malas; alguns chegavam caminhando de algum lugar distante carregando uma vara de pescar e uma mochila pequena; outros chegavam de moto e estacionavam próximos à margem; outros achegavam

47 <https://biografiariopiracicaba.com.br/rua-do-porto/>

48 <https://biografiariopiracicaba.com.br/peixes/>

de bicicleta e as prendiam a alguma árvore bem próxima das águas do rio. Em conversa com alguns, soube que havia entre eles moradores da Rua do Porto, alguns vindos de bairros mais distantes e outros, de cidades da região.

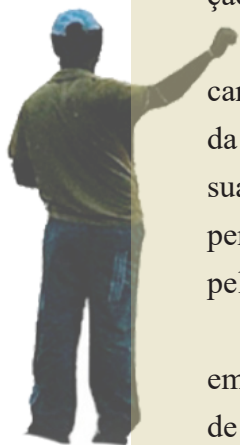
Em minhas caminhadas, desde 2013 até 2023, deparei com diferentes pescadores com diferentes motivações para estar ali: velhos, adultos, jovens e crianças; mulheres, homens e famílias. Existem aqueles que formam o circuito esportivo da modalidade de pesca de barranco; o aposentado, como Seu Antônio, que vende o peixe para complementar sua renda; os que pescam e levam para casa para comer, como Seu José; os que nunca pescaram na vida e “brincam de pescar” pela primeira vez; uma pessoa em situação de rua que pedia dinheiro por ali para comprar uma vara de bambu, para pescar seu alimento e cozinhá-lo ali mesmo na beira do rio.

Apesar de também proibida, a pesca de tarrafa também é praticada por alguns até hoje no rio Piracicaba. Seu José conta que, como alternativa para conseguir burlar a fiscalização, os pescadores de tarrafa carregam junto ao material de pescaria uma câmara de pneu de caminhão. Ao avistarem a fiscalização jogam a câmara no rio e pulam em cima, deixando a correnteza levá-los para longe dali. Apesar disso, muitos pescadores de tarrafa são pegos pela polícia durante o ano. Quando perguntei a Seu José como ele fez para pescar durante os episódios de mortandade de peixes no rio Piracicaba, ele reclamou da fiscalização, que proibiu a pesca, mas não faz nada para impedir a morte dos peixes.

Ao longo desses anos, encontrei-me com esses pescadores não somente pescando nos barrancos, embaixo dos deques de madeira construídos pelo Projeto Beira-Rio<sup>49</sup>, da prefeitura. Algumas vezes encontrei-os em seus barcos que compõem a paisagem ou em suas varas de pescar e minhocas vendidas em pequenas casas e mercadinhos. Outras vezes percebemos sua presença nos restos de iscas e nos materiais utilizados na pescaria deixados pelo barranco.

A história contada pelos documentos oficiais da cidade de Piracicaba<sup>50</sup> diz que em 1950, as margens do rio Piracicaba eram conhecidas por serem a segunda maior colônia de pescadores do estado de São Paulo (NEPTUNE, 2003, p. 44). Quase duas mil embarcações se enfileiravam nos barrancos do rio e capturavam, em média, mil quilos de peixes diariamente (CARRADORE; BUZETTO, apud DAWSEY, 2012, p. 198). Foi por essa razão que dois restaurantes se instalaram nos anos 1970 ali para assar em latões de ferro os peixes capturados pelos pescadores no rio Piracicaba.

Em 1969, Hélio Pecorari transformou o armazém da família no restaurante Arapuca, o primeiro da Rua do Porto. Segundo o jornalista Cecílio Elias Netto:



49 <https://biografiariopiracicaba.com.br/projeto-beira-rio/>

50 <https://biografiariopiracicaba.com.br/piracicaba-sp/>

a Rua do Porto tem, no restaurante “Arapuca”, como que um símbolo de resistência e de manutenção das tradições. O lugar, tendo sido venda e olaria no final do século XIX, adquirido por Afonso Senofonte Pecorari, passou, por herança, a seu filho Alidor e deste a seus filhos Nida, Paulo e Hélio Pecorari. Foi com Hélio e Paulo Pecorari que se criou o Restaurante Arapuca, no ano de 1969, o pioneiro na rua que se tornou o principal ponto de encontro da Cidade e centro turístico. No ano 2000, as tradições da “Arapuca” se mantêm com o casal Hélio e Alaíde Pecorari e os filhos Paulo César e Marcos. (2000, p. 36).

A partir dos anos 1990, diversos restaurantes começaram a se instalar na Rua do Porto. Até 1998, já eram onze os restaurantes que ocupavam a margem do rio na região da Rua do Porto. Apesar disso, é importante relatar que, desde 1979, representantes da colônia de pescadores da Rua do Porto manifestavam preocupação com a diminuição de suas atividades, pois, segundo eles, os peixes estavam sumindo dali. A partir de 1990, os peixes comercializados nos restaurantes da margem do rio Piracicaba vinham de outras localidades. Guidotti escreveu em 1992 que

O rio, há muito tempo está morrendo. [...] Despejos industriais eliminam gradativamente a fauna das águas. O dourado, um dos peixes que fizeram a tradição do Piracicaba, desapareceu. E com ele muitos outros espécimes, pois cardumes inteiros rodam quando das épocas mais drásticas, fazendo com que os restaurantes e hotéis de Piracicaba adquiram, para o consumo, peixes oriundos dos rios do Estado do Mato Grosso. (GUIDOTTI, 1992, p. 64, grifo meu).

Entretanto, os pescadores que habitam o passado da Rua do Porto alimentam o imaginário de se comer peixe fresco na beira do rio. Atualmente, o peixe vendido nos restaurantes à beira-rio é pescado em outras localidades, limpo, embalado e congelado em processos de relações exploratórias que vão desfigurando a imagem do rio.

Em minha pesquisa de mestrado, realizado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo, a primeira questão que emergiu de algumas imagens que construí durante minha pesquisa foi a dos pescadores como figuras fantasmagóricas na tensão das temporalidades do rio Piracicaba. Só percebi os pescadores depois de um olhar prolongado no espaço, ou na imagem, quando me debrucei sobre as fotografias feitas em campo, num processo quase arqueológico, recortando-as e compondo sobreposições – movimentos de pesquisa realizados em parceria com minha companheira, Laura Lino.

Foi nesse processo de pesquisa que eles surgiram para mim como fantasmas. Pensar o fantasmagórico é olhar para os modos como a rua, a cidade ou o desenvolvimento é imaginado e subjetivado, pois o fantasma habita uma zona de imprecisão: pertence ao

imaginário, mas vive no real, revelando uma temporalidade tensionada por dois vetores:

um deles apontando para o passado, a falência e a morte, o tempo ido; outro, apontando para o presente efêmero, com todos os vestígios de uma vitalidade significativa, o tempo do agora [...] “imagens despertadas”, comoalaria Benjamin – é também um lugar liminar, semiocupado, nas margens. (SILVEIRA, 2012, p. 59).

Durante a pandemia de Covid-19, nos anos de 2020, 2021, 2022, passando de carro pela região da Rua do Porto, era possível ver pescadores caminhando em direção ao rio. Por conta da condição de isolamento imposta pela pandemia, não pude me aproximar das pessoas, e não foi possível observar se a atividade de pesca na beira do rio diminuiu ou não nesse período. Entretanto a impressão é de que a pandemia não afastou os pescadores de suas atividades. Em algumas incursões de campo nas margens do rio Piracicaba, em 2023 pude presenciar muitas pessoas pescando nas margens do rio. Os peixes, não possuem qualidade comprovada para o consumo das pessoas. E tal como encontrei em 2014, a pesca realizada segue não sendo comercial.



## Peixes



**Figura 27** – Sobreposição fotografia e desenho. Fonte: Acervo do autor (2022).

A imagem é formada por fotografias que fiz ou encontrei e por desenhos produzidos por minha companheira, Laura, durante minha pesquisa com o rio Piracicaba. Os desenhos foram feitos com caneta nanquim sobre uma folha de papel branco em 2016. Para essa montagem, utilizei um desenho e fragmentos de fotografias feitas em 2014, 2016 e 2018 e uma fotografia que encontrei no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. As fotografias foram impressas, recortadas e coladas em uma folha de papel branco. Laura compôs a imagem com desenhos. Posteriormente, essa imagem foi escaneada e sobreposta, com um aplicativo de editor de imagens, à fotografia encontrada no arquivo. Outras sobreposições foram testadas antes de chegarmos a esse resultado.

Na imagem, vários pescadores<sup>51</sup> tentam capturar os peixes do rio Piracicaba. A fotografia é de um homem carregando um peixe nas costas ao lado de outro, com seu cachorro. A fotografia de uma coruja e de um peixe desenhados na parede também compõem a imagem.

Um dos livros que adquiri durante a pesquisa de doutorado foi escrito por Nelson de Souza Rodrigues e Luccas Longo, *Piracicaba, seu rio, seus peixes* (s.d.). Em seus catorze capítulos, os autores abordam como tema principal os peixes do rio Piracicaba, incluindo uma série de desenhos detalhados de sua anatomia. Segundo Rodrigues e Longo (s.d.), a intenção foi oferecer conhecimento sobre a geografia do rio, a biologia dos peixes, além de estabelecer a relação do rio com a história da cidade de Piracicaba. Os autores contam que a dificuldade de transpor as quedas e corredeiras do rio Piracicaba favoreceu a concentração de cardumes de diversas espécies na região do salto do rio Piracicaba.

Essa circunstância determinou, desde período imemoriável, a instalação de uma aldeia do povo indígena Paiaguá<sup>52</sup> que, pela fartura de peixes e pela facilidade com que eram apanhados, geraram o nome, 'Pira – cycaba', em que pira = peixe e cycaba = lugar ou modo de cercar ou apanhar o peixe". (RODRIGUES; LONGO, s.d., p. 18).

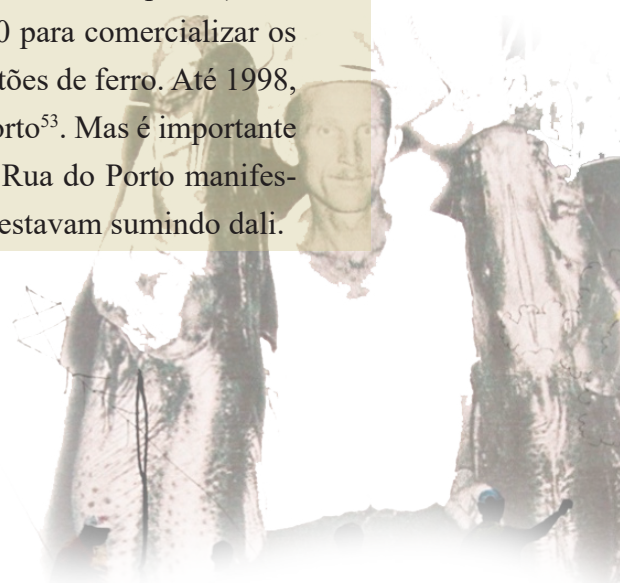
Nos finais de semana e feriados, encontramos os restaurantes da Rua do Porto bem cheios: um único restaurante chega a servir mais de trezentas refeições em um domingo. A principal procura dos clientes é pelo "tradicional peixe no tambor". Os peixes são pré-assados na beira do rio e os diferentes tipos podem ser escolhidos pelos clientes direto nos tambores de lata: filhote, pintado, piapara, tambaqui, linguado, tilápia, abadejo, merluza, tucunaré, anjinho, cascudo, salmão. Geralmente, os garçons oferecem como complemento cuscuz, salada e batata frita. Caipirinha, cerveja, refrigerante, suco e água são as bebidas compartilhadas pelos clientes em suas mesas (CAMARGO, 2016a, p. 45).

Em 1950, essas margens do rio Piracicaba eram conhecidas por serem a segunda maior colônia de pescadores do estado de São Paulo (NEPTUNE, 2003, p. 44). Quase duas mil embarcações se enfileiravam nos barrancos do rio e ali capturavam, em média, mil quilos de peixes diariamente (CARRADORE; BUZETTO, apud DAWSEY, 2012, p. 198). Em razão disso, dois restaurantes se instalaram ali até a década de 1990 para comercializar os peixes capturados pelos pescadores no rio Piracicaba, assados em latões de ferro. Até 1998, onze restaurantes ocupavam a margem do rio na região da Rua do Porto<sup>53</sup>. Mas é importante contar que desde 1979 representantes da colônia de pescadores da Rua do Porto manifestavam preocupação com a diminuição de suas atividades: os peixes estavam sumindo dali.

51 <https://biografiariopiracicaba.com.br/pescadores/>

52 <https://biografiariopiracicaba.com.br/paiaguas/>

53 <https://biografiariopiracicaba.com.br/rua-do-porto/>



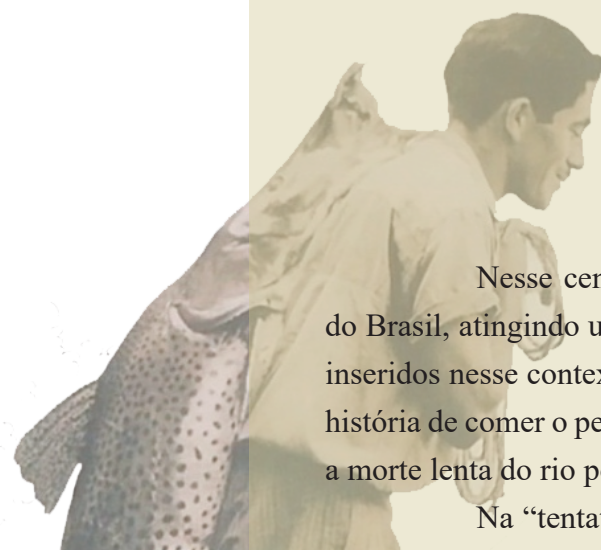
Conforme descrição de Guidotti (1992), em 1992 os restaurantes da Rua do Porto já comercializavam alguns peixes oriundos do estado do Mato Grosso. Atualmente, nenhum dos peixes vendidos nos restaurantes da Rua do Porto foi pescado no rio Piracicaba. Isso porque a quantidade já não é suficiente para os restaurantes; e a qualidade dos peixes já não é própria para o consumo – muitos deles estão contaminados por conta da poluição do rio. Lucimar Curvo et al. (2020) destacam que a produção de peixes no Brasil vem aumentando exponencialmente desde 2005. Segundo os autores,

Entre 2005 e 2017, novas empresas foram estabelecidas e a rápida profissionalização e a intensificação tecnológica aumentaram a produção da piscicultura brasileira em 268,8%, passando de 257 mil para 691 mil toneladas de pescado nesse período. Nesse mesmo aspecto, a produção de peixes em cativeiro no Brasil vem aumentando, principalmente devido às políticas públicas de incentivos governamentais. (2020, p. 2).

Nesse cenário, o estado de Mato Grosso é o quarto maior produtor de peixes do Brasil, atingindo uma produção de 54.510 toneladas em 2018 (CURVO et al., 2020). E, inseridos nesse contexto, estão os peixes comercializados nas margens do rio Piracicaba. A história de comer o peixe produzido no Mato Grosso na beira do rio Piracicaba mostra como a morte lenta do rio pode ser escondida embaixo de seus barrancos.

Na “tentativa” de “reparar os danos causados pela atividade humana” na bacia do rio Piracicaba, há cerca de oito anos, a Empresa de Energia Tietê (AES Tietê ou AES Brasil), em parceria com a prefeitura de Piracicaba, o Instituto Beira-Rio e a Associação dos Pescadores Esportivos do rio Piracicaba e Afluentes (Aperp) realizaram uma soltura de alevinos no rio. Dentre eles estavam espécies que se encontram em extinção, como a piracanjuba e o dourado. Segundo o site da empresa, o Programa de Manejo Pesqueiro da AES Tietê tem por objetivo fazer a manutenção reprodutiva, genética e ambiental de seis espécies nativas de peixes, além de monitorar a qualidade da água em reservatórios de responsabilidade da empresa. Alevino é a designação dada aos peixes recém-saídos do ovo e que já reabsorveram o saco vitelino. A apresentação do projeto, encontrada no site da empresa, destaca que anualmente as parcerias têm conseguido repovoar com 2,5 milhões de alevinos os rios afetados pelos reservatórios. Isso, segundo eles, possibilita manter a produção pesqueira dessas regiões, gerando renda para as comunidades locais. Entretanto, no site a empresa não cita o alto grau de poluição em que se encontra alguns pontos do rio Piracicaba.

A AES Tietê é a operadora que faz a gestão do reservatório de Barra Bonita, instalado no rio Tietê, próximo à foz do rio Piracicaba. É uma empresa de comercialização de energia elétrica que possui um parque gerador composto por nove usinas e três centrais hidrelétricas no Brasil. Ela faz parte da companhia global AES Corporation, com sede em





Arlington, na Virgínia/EUA. Por meio de um processo de privatização, o grupo AES adquiriu, em 1999, a Companhia de Geração de Energia Elétrica Tietê, uma das três empresas criadas no processo de cisão da Companhia Energética de São Paulo (Cesp).

Em 12 de março de 2014, o então secretário de Defesa do Meio Ambiente de Piracicaba solicitou à AES Tietê ajuda para uma ação de repovoamento do rio. Conforme o portal de notícias G1,

Há exato um mês, o manancial registrou mortandade estimada em 20 toneladas de peixes. A AES informou à Prefeitura que avaliará o pedido e responderá em até 60 dias. Milhares de peixes apareceram mortos no rio Piracicaba na tarde do dia 12 de fevereiro em razão das baixas vazão e oxigenação causadas pela falta de chuvas. “Estamos buscando alternativas para o repovoamento e para tentar reduzir o prejuízo relacionado aos peixes que deixaram de nascer no período da piracema, que é de reprodução das espécies”, afirmou Vidal. Na avaliação do secretário [do Meio Ambiente], a mortandade impactou na diversidade do rio e também na autoestima da população local. “Procuramos a AES Tietê, que tem programas ambientais, para estudar uma soltura extra e significativa para ajudar na recuperação da população de peixes”, disse o titular da Secretaria Municipal de Defesa do Meio Ambiente (Sedema). A gerente de Meio Ambiente, Programas Corporativos e Gestão de Programas Ambientais da AES Tietê, Sônia Hermsdorff, explicou que a companhia mantém um programa que distribui alevinos para a repovoação dos rios. “São 2,5 milhões de peixes de seis espécies divididos ao longo das nossas bacias. Será feita uma reavaliação dessa possibilidade para contribuir com o município para amenizar essa mortandade”, declarou. (DECISÃO..., 2014)

Na semiologia do capitalismo, o rio é reduzido a um recurso natural fundamental para a produção de energia elétrica para satisfazer “necessidades humanas” e é também espaço compensatório de um tipo de desenvolvimento insustentável. O “repovoamento” promovido pela AES Tietê no rio Piracicaba tem por objetivo compensar processos de exploração, repovoando o rio com algumas espécies de peixes, muitas delas ameaçadas de extinção. Mas isso não resolve o problema, e não podemos falar de solução para a mortandade dos peixes se não estivermos implicados nela. Essa é uma renúncia às responsabilidades e o que precisamos é de uma avaliação crítica, um olhar que sabe tanto *de onde* se olha quanto *para o que* se olha. O envolvimento do Estado, de ONGs e da empresa que se diz “exemplo de responsabilidade ambiental” funciona como o “truque de Deus” (HARAWAY, 1995); a ideia do “repovoamento do rio Piracicaba” nos enfraquece, entorpece e chantageia, fazendo-nos acreditar que é possível compensar os danos causados “devolvendo” algumas vidas ao rio.

Os peixes são vidas fantasmagóricas, como a “areia das praias, os desertos do campo, os brinquedos de nossas crianças, o ar que respiramos, a água que bebemos, as ter-

ras rachadas por secas<sup>54</sup>, as áreas inundadas ou os incêndios” (AZAM, 2020, p. 77). O rio é reduzido a um “cenário bonito para *selfies*”. Não podemos reduzir os rios a recursos naturais destinados a satisfazer nossas necessidades e nos conformar com a opção do repovoamento do rio com algumas espécies de peixes.

Até o final da década de 1950, o rio Piracicaba tinha uma abundância de peixes e a água era tão limpa que era possível bebê-la diretamente do rio. Mas em 13 de maio de 1959, o *Jornal de Piracicaba* noticiou:

Milhares de peixes mortos – Durante 48 horas seguidas, milhares de peixes mortos coalharam o rio Piracicaba. Seria necessário mais cuidado por parte das indústrias ao fazerem descargas de detritos poluidores no rio Piracicaba. Com isso sofrem toda a população ribeirinha e a fauna do rio Piracicaba, outrora o mais piscoso dos rios do Estado de São Paulo (*Jornal de Piracicaba* apud GUIDOTTI, 1992, p. 62).



Enquanto a poluição industrial elimina cardumes inteiros (no ano passado, somente num mês, foi estimada em mais de 30 toneladas de peixes), o pequeno pescador em companhia de renintes turistas continuam a ter suas varas apreendidas pela fiscalização, que cumpre os ditames da legislação de proteção à pesca e à caça. [...] O rio Piracicaba vem sofrendo processo progressivo de degradação de suas águas, com grande aceleração a partir da década de 1960, atingindo atualmente um estágio bastante elevado de poluição, apresentando-se no período de estiagem com suas águas fortemente enegrecidas (apud GUIDOTTI, 1992, p. 23).

Em 25 de dezembro de 1979, o *Diário Oficial* do município de Piracicaba trouxe uma matéria em que dizia:

Repetiu-se o massacre no rio Piracicaba – Incalculável volume de peixes mortos roda no rio Piracicaba, segunda e terça-feira, um dos mais altos índices de poluição atingiu o Piracicaba, dizimando sua fauna aquática já em fase de extinção. [...] O fato foi provocado pelo rompimento de um tanque de resíduos industriais (lixíria negra) da indústria de Papel e Celulose RIPASA, e o despejo no Rio que abastece de água a população de Piracicaba foi de tal monta que obrigou o SEMAE a suspender o tratamento químico na manhã de segunda-feira. [...] A grande vazão que ocorre atualmente no Rio Piracicaba, foi um dos fatores que não permitiu que a cidade entrasse em colapso no sector de abastecimento de água. A vazão atual de 200 metros cúbicos por segundo, fez com que a grande mancha passasse rapidamente, sendo que, por pouco tempo, o sistema de captação de águas teve seu trabalho suspenso (*Diário Oficial* apud GUIDOTTI, 1992, p. 62).

54 <https://biografiariopiracicaba.com.br/secas/>

## Rua do Porto



**Figura 28** – Fotografia. Fonte: Acervo do autor.

A imagem é uma fotografia que fiz em janeiro de 2016 durante um transbordamento do rio Piracicaba na Rua do Porto. Na ocasião, eu estava dentro de um barco que navegava pela rua alagada e fiz a imagem da entrada interdita de uma das casas. No centro da cidade de Piracicaba<sup>55</sup>, situada à margem esquerda do rio, a Rua do Porto é consagrada como um corredor de lazer e como local de rememoração histórica que ultrapassa o tombamento dos edifícios nela situados, alcançando personagens e situações que constituem o imaginário daqueles que vivem e falam sobre seu passado.

Desde o início da povoação, a Rua do Porto foi palco das paixões humanas que nela surgiram cruamente: conflitos, contradições, disputas. Nela pulsava a vida de negros, índios, caçadores, capitães do mato, garimpeiros, pescadores, pagadores do governo. As principais lendas de Piracicaba subsistem à sua sombra, como se fantasmas ainda a habitassem com seus amores, paixões, desejos. (NETTO, 2015a, p. 56).

55 <https://biografiariopiracicaba.com.br/piracicaba-sp/>

Essa rua é uma marca na cidade de Piracicaba, pois constitui-se como um baú de memórias que desperta inúmeras lembranças – individuais e coletivas, afetivas e políticas – em moradores e visitantes. O relato abaixo, escrito pelo jornalista e escritor piracicabano Cecílio Elias Netto, mostra o lugar simbólico que essa rua ocupa na cidade de Piracicaba:

A Rua do Porto é o umbigo de Piracicaba, nossa pia batismal, como o escrevinhador se acostumou a repetir. A Rua do Porto contém a história da cidade, numa tradição oral [...]. Os moradores daquela rua ribeirinha conheciam cada pedra do rio por seu nome, cada trecho por seu apelido. Lugar de histórias e de fantasmas, de amores e de crimes, de boemia e de fascínio a artistas, poetas, escritores. (NETTO, 2017).

Os edifícios tombados na Rua do Porto buscam preservar a memória de bens reconhecidos oficialmente pelo poder público. Atualmente, a Rua do Porto é palco de inúmeras relações e formas de sociabilidade que se transfiguram com a passagem do tempo e atuam na transformação do espaço. Ora ela é ocupada por aposentados jogando caxeta ou dominó, ora serve de palco para apresentações e exposições artísticas; algumas vezes vira trajeto de procissão, outras vezes é local de confraternização; também é lugar de turismo gastronômico ou, então, local de passagem para chegar à pista de skate. É ponto de encontro de jovens e local de apreciação das águas do rio Piracicaba e de edifícios antigos reconhecidos como patrimônio histórico da cidade. Já abrigou um engenho de cana-de-açúcar, olarias, uma indústria de tecidos e fabriquetas de pamonha. Foi local de prostituição e de crimes que marcaram a cidade. Também foi local de disputas de projetos e suas interpretações do lugar, como o projeto para a implantação do Museu da Cana-de-Açúcar, iniciado em 2011; o Projeto de Requalificação Urbana Beira-Rio; e a publicação do livro Piracicaba, o rio e a cidade: ações de reaproximação desenvolvido pelo Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP, 2011).

Na década de 1970, um projeto da prefeitura anunciado como a “reconquista da Rua do Porto” propunha-se a restaurar o imaginário bandeirante. O projeto envolvia: “além das obras de restauração – a promoção do turismo, a urbanização da principal rua beirando o rio, a construção da nova sede da prefeitura e a remoção de moradores” (DAWSEY; SANTANA, 2020, p. 3). A visão que inspira a política da prefeitura, de “reconquista das margens do rio Piracicaba” (cf. OTERO; SOUZA, 2011) e talvez de conquista do próprio rio parece enxergá-lo somente como um “vetor de desenvolvimento”.

Essa rua hoje é conhecida pelos restaurantes que vendem o “tradicional peixe<sup>56</sup> no tambor”. O peixe é o principal atrativo gastronômico da Rua do Porto. Muitas pessoas

56 <https://biografiariopiracicaba.com.br/peixes/>

vêm de outras cidades para comer o famoso peixe na beira do rio.

Nos finais de semana e feriados, encontramos os restaurantes da Rua do Porto bem cheios. Em um único restaurante podem ser servidas mais de trezentas refeições em um domingo, tal o movimento. Os peixes são pré-assados na beira do rio e os diferentes tipos podem ser escolhidos pelos clientes direto nos tambores de lata: filhote, pintado, piapara, tambaqui, linguado, tilápia, abadejo, merluza, tucunaré, anjinho, cascudo, salmão etc. Geralmente, os garçons oferecem como complemento cuscuz, salada e batata frita. Caipirinha, cerveja, refrigerante, suco e água são as bebidas compartilhadas pelos clientes em suas mesas. (CAMARGO, 2016a, p. 45).



## Secas



**Figura 29** – Sobreposição fotografia e desenho. Fonte: Acervo do autor (2022).

A imagem é formada por fotografias que fiz ou encontrei e desenhos produzidos por minha companheira Laura durante minha pesquisa com o rio Piracicaba. Os desenhos foram feitos com caneta nanquim sobre uma folha de papel branco em 2016. Para essa montagem, utilizei um desenho e fragmentos de fotografias que fiz em 2014, 2016 e 2018 e uma fotografia que encontrei no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. As fotografias foram impressas, recortadas e coladas em uma folha de papel branco. Laura compôs a imagem com desenhos. Posteriormente, essa imagem foi escaneada e sobreposta, com um aplicativo de editor de imagens, à fotografia que encontrei no arquivo. Outras sobreposições foram testadas antes de chegarmos a esse resultado.

Na imagem, vários pescadores<sup>57</sup> tentam capturar os peixes do rio Piracicaba. A fotografia é de uma mulher na margem do rio Piracicaba carregando um jarro de barro no ombro. Uma coruja e um peixe desenhados na parede também compõem a imagem.

57 <https://biografiariopiracicaba.com.br/pescadores/>

Em 2014, o nível das águas dos reservatórios do Sistema Cantareira<sup>58</sup> chegou a níveis críticos, o que fez com que novas soluções “urgentes” fossem adotadas para garantir o abastecimento de água da cidade de São Paulo. Nessa ocasião, o então governador Geraldo Alckmin (governador do estado de São Paulo pelo PSDB de 2001 a 2006 e de 2011 a 2018) ordenou a realização de obras de emergência para bombeamento das águas daquilo que é chamado pelos engenheiros de “volume morto”. A crise hídrica de 2014, como ficou conhecida, foi anunciada como consequência de um grande período de estiagem, considerado anormal pelos consultores do governo do estado. As causas especuladas para a crise hídrica foram: desmatamento na Amazônia, aquecimento global, deslocamento de massas de ar quente.

O leito do rio Piracicaba se transformou num grande calçamento e era possível caminhar sobre as pedras. Muitos atribuem os períodos de cheia ou de seca do rio Piracicaba à dinâmica de regulação e captação das águas da bacia hidrográfica do rio Piracicaba, operado por sistemas de abastecimento e de produção de energia elétrica. A bacia do rio Piracicaba junto com a bacia hidrográfica do Alto Tietê abastece o Sistema Cantareira por meio de quatro reservatórios de água. Sua bacia, além de abastecer as cidades da Grande São Paulo, também abastece cidades do interior do estado.

Inicialmente, o Sistema Cantareira foi considerado prioritário para resolver os “problemas de abastecimento” de água que a região metropolitana de São Paulo vinha enfrentando, mas ele também provoca um forte impacto na transformação dos movimentos das águas do rio Piracicaba.

No início do mês de abril de 2020, as águas do rio Piracicaba estavam novamente baixíssimas. As pedras do fundo do rio foram novamente protagonistas da estiagem que afeta a cidade de Piracicaba<sup>59</sup>. Do alto da ponte estaiada era possível observar alguns peixes<sup>60</sup> nadando na água rasa do rio. Arbustos cresciam por entre as pedras expostas do salto do rio Piracicaba. Os dados do Departamento de Água e Energia Elétrica do Estado de São Paulo indicavam que a vazão do manancial estava em torno de 27 metros cúbicos por segundo, sendo que a média histórica para o mesmo período é de 91 metros cúbicos por segundo.

A vazão do rio Piracicaba em 2020 ficou muito próxima à da crise hídrica de 2014. O Sistema Cantareira teve 10 pontos percentuais a menos de armazenagem e operou em estado de alerta. O prefeito Luciano Almeida (DEM), que também ocupa o cargo de presidente do Comitê de Bacias Hidrográficas do PCJ, pediu a cooperação da população quanto ao uso consciente da água. A solução, segundo ele, é a construção de uma nova barragem no rio Corumbataí – o principal leito de abastecimento para o consumo humano em Piracicaba,

---

58 <https://biografiariopiracicaba.com.br/sistema-cantareira/>

59 <https://biografiariopiracicaba.com.br/piracicaba-sp/>

60 <https://biografiariopiracicaba.com.br/pescadores/>

responsável por 90% do consumo. Atualmente, o rio Corumbataí é utilizado pelo município e por outras dez cidades da região. Em 2020, o represamento estava em estudo junto ao governador do estado de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB), e pretendia garantir água pelos próximos 100 anos. Com a pandemia de Covid-19 e com a eleição de 2022 o governo do estado não deu andamento ao projeto.

Para solucionar o problema causado pela construção do Sistema Cantareira, o poder público propõe a construção de uma nova barragem, dessa vez no rio Corumbataí. A impossibilidade de separar a natureza da política é parte constituinte do regime de necropolítica que ronda o rio Piracicaba e os entes que dele/nele vivem (MBEMBE, 2018), ou seja, uma política em que a violência é soberana sobre a vida.





## Paiaguás



**Figura 30** – Fotografia. Fonte: Acervo do autor.

A imagem é uma fotografia que fiz em janeiro de 2016. Era noite e as águas do rio Piracicaba entravam pelos bueiros da Rua do Porto<sup>61</sup>, anunciando a enchente<sup>62</sup>. Apreensivos, os moradores da região observavam a água tomar conta da rua. Uma moradora me disse que se a água do rio ultrapassasse a tampa do bueiro do meio da rua, podíamos ter a certeza de que as águas invadiriam as casas. Ao fazer a fotografia, lembrei-me dos relatos sobre os indígenas Paiaguá, senhores das águas, e anotei em meu caderno de campo: “os Paiaguá ainda resistem”.

A margem direita do salto do rio Piracicaba, a 90 km da foz, já foi lugar de morada do povo indígena Paiaguá. Os Paiaguá antecederam a povoação fundada em 1766 pelo Capitão Antônio Corrêa Barbosa para servir de apoio às embarcações que desciam o rio Tietê, oferecendo retaguarda ao abastecimento do forte de Iguatemi, fronteiro ao território do Paraguai (IPPLAP, s.d.a.).

61 <https://biografiariopiracicaba.com.br/rua-do-porto/>

62 <https://biografiariopiracicaba.com.br/enchentes/>

As expedições fluviais bandeirantes, denominadas monções, adentravam os territórios dos Paiaguá provocando uma série de confrontos nas rotas dos rios.

Após os primeiros ataques ocorridos na década de 1720, os monçoeiros passaram a estabelecer estratégias para fugir dos assaltos dos Paiaguá, como navegar apenas em comboios e com canoas artilhadas, mas isso não cessaria as investidas dos índios, já que eles conheciam o curso das águas. A escolha dos meses também influenciava no sucesso das monções. O ideal era que as embarcações que saíssem de Povoado para as minas cuiabanas partissem no princípio de junho até o dia de São João. As que saíam das minas para Povoado deveriam partir ao final do mês de julho início de agosto, pois nesse período as águas estavam baixas, o que facilitava o percurso nos rios e dificultava a organização dos Paiaguá nos sangradouros.

Diante do desconhecido, “era muito natural que os primeiros sertanistas aprendessem com os nativos os processos para melhor e menos perigosamente navegarem os rios de águas revoltas”. Logo, os tripulantes das monções aprenderam a remar de pé como os Paiaguá. Diante das dificuldades em conservar os alimentos, foi preciso aprender a caçar, pescar e coletar como os indígenas. (PERES, 2015, p. 40-41).

O rio Piracicaba é narrado como território dos Paiaguá, que se autodenominavam evuevi, “gente do rio”. Dawsey e Santana (2020) narram que na região do Largo dos Pescadores, na Rua Morais Barros, por onde passava a velha trilha caiapó, e que na época dos bandeirantes virou o “Picadão do Mato Grosso”, os índios Paiaguá foram desalojados e dizimados pelos bandeirantes. Segundo Dawsey e Santana (2020),

Na literatura sobre essa história, os paiaguás (evuevi) ganharam fama de terem sido o povo ameríndio que mais resistiu à conquista colonial portuguesa. Em 1734, deu-se início à chamada “guerra justa”, uma guerra de extermínio contra os índios paiaguás e caiapós (NEME, 2009, p. 45). Há relatos de horrores, inclusive descrevendo a colocação, por soldados de tropas expedicionárias, das cabeças dos paiaguás (evuevi) mortos, espetadas em paus, nos barrancos de rios. (PAIVA, 1987 apud DAWSEY; SANTANA, p. 51).

Em Piracicaba<sup>63</sup> há relatos da existência de um cemitério indígena, que estaria localizado próximo às margens do rio Piracicaba na região onde está uma antiga fábrica de tecidos, a Fábrica da Boyes, hoje desativada. A primeira vez que ouvi este relato foi em 2011, numa apresentação realizada pelo arqueólogo Wagner Gomes Bernal, contratado para fazer uma pesquisa preliminar na região para se criar o Museu da Cana-de-Açúcar nos



63 <https://biografiariopiracicaba.com.br/piracicaba-sp/>

edifícios do Engenho Central de Piracicaba. O museu até hoje não foi implantado, e apesar de sua pesquisa não ter contemplado a localidade em que dizem haver o cemitério indígena, lembro-me de ele ter citado a existência desses relatos. Anos mais tarde, num encontro com o antropólogo John Dawsey, chegamos a conversar sobre a existência desse cemitério. Também encontrei um relato do historiador Cecílio Elias Netto sobre a preocupação com a preservação do cemitério indígena. E, mais recentemente, numa caminhada com o grupo produtor do podcast “O que te assombra?”, o cemitério indígena foi um dos assuntos abordados. Apesar dos relatos, pouco se sabe sobre o cemitério.

Piracicaba parece estar, agora, diante de uma dessas provas fundamentais: somos ainda civilizados, mesmo perdendo a antiga nobreza, ou caminhamos, realmente, para a barbárie descontrolada? A resposta – pelo menos provisória ou relativa – pode ser-nos dada à luz da informação de que, na histórica Fábrica Boyes – criada por Luiz de Queiroz e palco de história e cultura memoráveis – um grupo de empresários – já conhecido por outras realizações cada vez mais ousadas – estaria pronto para erigir, no local, um dos novos monumentos ao mercado. A iniciativa até que poderá ser louvável, apesar de ser, aquele, um dos mais históricos sítios de Piracicaba. Fica a pergunta: e o que será feito do “Cemitério dos Índios”? Será que os empreendedores sabem de sua existência? E essa nova Piracicaba, sabe que – naquela área e antes da chegada do homem branco – índios haviam criado seu campo santo e sagrado, descoberto em buscas arqueológicas? (A PROVÍNCIA, 2013)



No princípio, era o rio. E as matas virgens. E índios. O primeiro homem branco apareceu não se sabe quando. Nem quem foi ele. Mas ele trouxe o negro escravo. O fato é que tudo começou a acontecer quando o “rio paulista por excelência”, o Tietê – “o rio fundo, rio verdadeiro, rio dos canários” – era, ainda, para o índio, o Anhembi, “rio dos nambus, das anhumas”.

Um dia o homem branco apareceu nele, o rio de muitas grafias. E outra história começou. Muita coisa aconteceu, coisas incríveis de se contar. Mas, para a aldeia de nossa história, o que importa surgiu da aventura das monções, expedições que, saindo da Capitania de São Paulo, iam em busca de riquezas descobertas em terras distantes. Os “caçadores de índios” foram atacados pela febre do ouro e, ainda no final do Século XVII, vão Tietê abaixo em direção ao Eldorado, em busca das “minas gerais do ouro de São Paulo”.

Depois, o chamamento viria de Cuiabá: ouro e maldições de doenças, febres, massacres humanos. Índios das tribos guaicuru, caiapó e paiaguás reagem e enfrentam as multidões que formam as bandeiras, as monções.

O homem branco vai dizimando multidões que ele chama de “selvagens”, queimando matas, destruindo florestas. O rio Piracicaba passa a ser, também, uma dessas “estradas fluviais”. E há pequenos grupos de roceiros em um ou outro ponto. de suas margens. (NETTO, 2009).

Em 2022, o SESC Piracicaba realizou um projeto cujo o resultado foi o documentário Piracicaba - Um documentário sobre a presença indígena em Piracicaba. Que pode ser assistido acessando aqui - [https://www.youtube.com/watch?v=x7VPCG\\_FdtQ](https://www.youtube.com/watch?v=x7VPCG_FdtQ). Por meio de resquícios arqueológicos e entrevistas, o filme traz à tona a história e a pré-história da região conhecida anteriormente como Campos de Araraquara, confluência de inúmeros povos indígenas que por aqui se estabeleciam e passavam atraídos por suas águas piscosas. O documentário foi baseado na pesquisa: “Mapa Indígena de Piracicaba” - (Projeto SESC PIRACICABA 2022) de autoria de Romualdo da Cruz Filho e Fábio San Juan.



## Projeto Beira-Rio



**Figura 31** – Sobreposição fotografia e desenho. Fonte: Acervo do autor (2023).

A fotografia foi feita em janeiro de 2016. A Avenida Beira-Rio estava tomada pelas águas do rio Piracicaba. Fiz a imagem de dentro de um barco que navegava pela rua. Como veremos, o Projeto Beira-Rio tinha como um de seus principais objetivos livrar o rio de sua condição de barranco. Com o movimento das águas, quando o rio desborda de suas margens, não é possível ver os barrancos; eles ficam submersos.

No ano 2000 foi elaborada uma Agenda 21 local que incluiu em suas metas a elaboração de um plano de “requalificação” da orla do rio Piracicaba.

Agenda 21 é um instrumento de planejamento para a construção de sociedades sustentáveis, em diferentes bases geográficas, que concilia métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica. A Agenda 21 brasileira é um instrumento de planejamento participativo para o de-

envolvimento sustentável do país, resultado de uma vasta consulta à população. Foi coordenado pela Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e Agenda 21 (CPDS), construído a partir das diretrizes da Agenda 21 global e entregue à sociedade, por fim, em 2002. A Agenda 21 local é o processo de planejamento participativo de um determinado território que envolve a implantação, ali, de um Fórum de Agenda 21. Composto por governo e sociedade civil, o Fórum é responsável pela construção de um plano local de desenvolvimento sustentável, que estrutura as prioridades locais por meio de projetos e ações de curto, médio e longo prazos. No Fórum são também definidos os meios de implementação e as responsabilidades do governo e dos demais setores da sociedade local na implementação, acompanhamento e revisão desses projetos e ações” (BRASIL, s.d.).

Em Piracicaba, a Agenda 21 Local foi elaborada por uma ONG batizada de “Piracicaba 2010”. O Projeto Beira-Rio foi a principal ação da Prefeitura de Piracicaba para a “requalificação” da Rua do Porto<sup>64</sup>. Entre 2001 e 2012, as margens do rio Piracicaba que estão localizadas na área central da cidade foram o palco do “Projeto Beira-Rio”:

A ideia do Projeto Beira-Rio surge desta constatação – rio e a cidade [de Piracicaba<sup>65</sup>] formam um sistema biocultural uno e generalizado, no qual o desenvolvimento da cidade passa pelo desenvolvimento de sua relação com o rio. O planejamento desta relação é fundamental para a construção de uma cidade sustentável, calcada na indissociabilidade entre evolução econômica, preservação dos recursos e inserção social (IPPLAP, s.d.b).

O projeto foi realizado em duas fases. A primeira, reservada ao estudo, foi dividida em três etapas: “Diagnóstico: a cara de Piracicaba”, “Plano de ação estruturador” e “Descrição dos trabalhos técnicos”. Nessa primeira fase, o projeto contou com profissionais de diferentes áreas: antropologia, arquitetura e urbanismo, história, engenharia. O processo de diagnóstico teve a coordenação do antropólogo Arlindo Stefani, que realizou encontros, seminários, percursos e viagens a pé e de barco por toda a orla da cidade. Ao final dessa etapa foi elaborado um relatório denominado “A cara de Piracicaba”. Segundo o relatório do projeto, esse diagnóstico apontou a necessidade do restabelecimento da margem do rio como espaço público,

livrando-a da condição de “barranco” imposta pelo padrão predatório de urbanização predominante no Brasil ao longo do século passado. Também a prevalência do percurso a pé no espaço da cidade, equilibrando a relação dos meios de transporte motorizados com o “cidadão mais frágil”

64 <https://biografiariopiracicaba.com.br/rua-do-porto/>

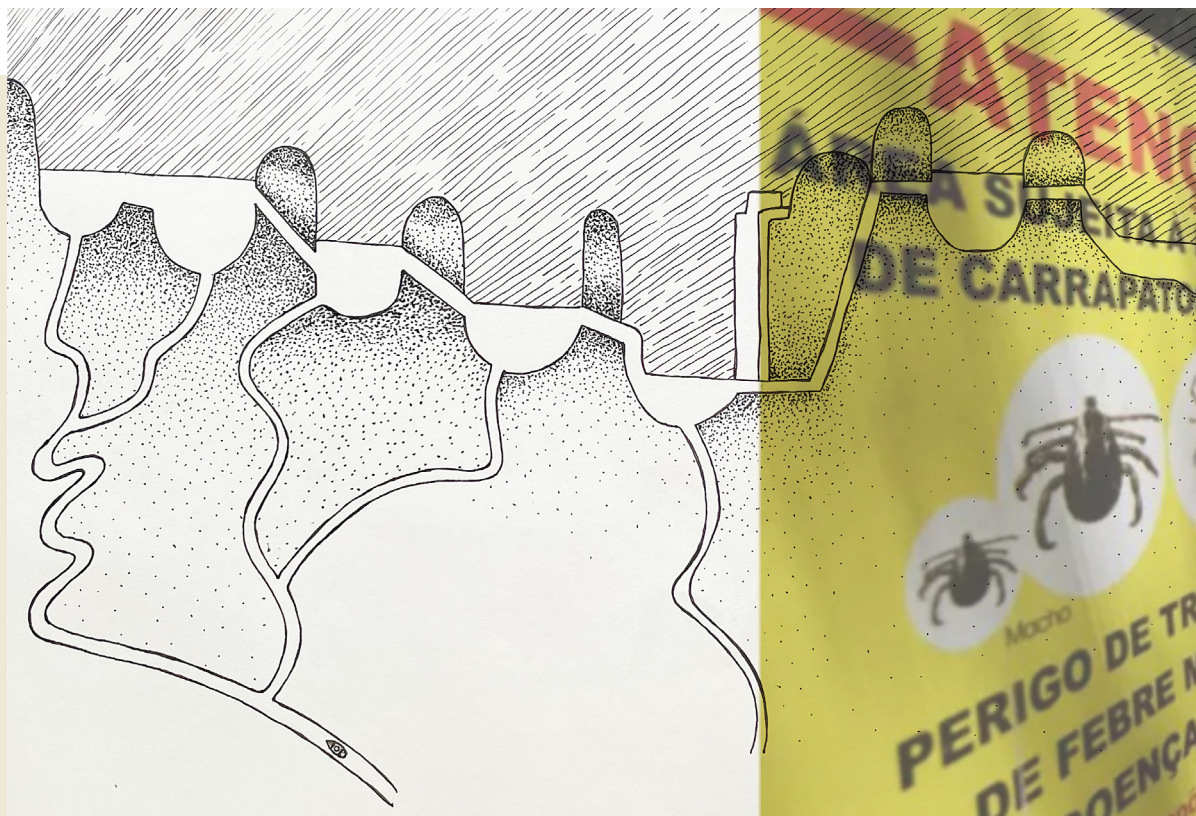
65 <https://biografiariopiracicaba.com.br/piracicaba-sp/>

– o pedestre. Seu pano de fundo é a sustentabilidade entre homem, cultura e meio, princípio seguido na etapa seguinte de elaboração de um plano de ação para o município. (IPPLAP, s.d.c).

A elaboração do Plano de Ação Estruturador (PAE) foi a segunda etapa do projeto. Esse plano teve a intenção de fornecer subsídios conceituais para o desenvolvimento de diretrizes para políticas públicas no território municipal. A segunda fase do projeto também foi dividida em três etapas: “Requalificação da Rua do Porto”, “Trecho Largo dos Pescadores<sup>66</sup>” e “Trecho Ponte Pênsil / Museu da Água”. A primeira etapa, “Requalificação da Rua do Porto”, contou com um plano de adequação ambiental e paisagística da orla urbana do rio realizado pela Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo. A segunda etapa compreendeu a Avenida Beira-Rio, no trecho entre o Calçadão da Rua do Porto e a Rua São José. A terceira etapa, inscrita no trecho entre a rua São José e a Ponte do Mirante, foi concluída no segundo semestre de 2012.

66 <https://biografiariopiracicaba.com.br/pescadores/>

## Carrapatos



**Figura 32** – Sobreposição fotografia e desenho. Fonte: Acervo do autor (2023).

A imagem foi feita a partir de uma fotografia e de um desenho feitos ao longo de minha pesquisa com o rio Piracicaba. O desenho, de minha companheira Laura, reproduz de forma esquemática o Sistema Cantareira<sup>67</sup>. A fotografia, que fiz às margens do rio Piracicaba em dezembro de 2021, mostra uma placa com a informação de que as margens do rio são uma área de risco pela presença de carrapatos-estrela, transmissores da febre maculosa.

Uma série de placas no trecho urbano das margens do rio Piracicaba alertam para a infestação de carrapatos e para o perigo de transmissão de febre maculosa, doença que pode levar à morte, mas que tem cura se tratada com antibióticos logo nos primeiros dias da infecção.

As placas instaladas pela prefeitura municipal de Piracicaba por meio da Secretaria Municipal de Saúde começaram a aparecer após o registro do aumento de casos de febre maculosa em 2012. Analisando os dados disponibilizados pela Vigilância Epidemiológica,

67 <https://biografiariopiracicaba.com.br/sistema-cantareira/>



lógica da Secretaria Municipal de Saúde de Piracicaba, que apresenta a incidência de casos de febre maculosa por ano desde 2000 até 2020, podemos observar que 2005, 2012, 2013, 2017 e 2019 foram os anos com maior incidência dessa doença no município de Piracicaba<sup>68</sup>.

O rio Piracicaba abriga em suas matas ciliares colônias de capivaras, animais roedores, hospedeiros dos carrapatos transmissores da febre maculosa. Nos períodos de seca<sup>69</sup>, que correspondem aos meses de maio a setembro, aumenta a proliferação dos carrapatos, principalmente nas áreas verdes e margens do rio. A intensificação dos períodos de seca, provocados pela regulação das águas por meio do Sistema Cantareira, leva ao aumento de carrapatos-estrela nas margens do rio Piracicaba que, embora não sejam problema em sua natureza intrínseca, transmitem através de sua picada a febre maculosa, doença infecciosa, febril aguda e de gravidade variável para as pessoas.

---

68 <https://biografiariopiracicaba.com.br/piracicaba-sp/>

69 <https://biografiariopiracicaba.com.br/secas/>

## Lendas



**Figura 33** – Sobreposição fotografia e desenho. Fonte: Acervo do autor (2022).

A imagem é formada por fotografias que fiz ou encontrei e por desenhos produzidos por minha companheira Laura durante minha pesquisa com o rio Piracicaba. Os desenhos foram feitos com caneta nanquim sobre uma folha de papel branco em 2016. Para essa montagem utilizei um desenho de Laura e uma fotografia que fiz em 2019. A fotografia foi impressa, recortada e colada em uma folha de papel branco. Posteriormente, foi escaneada e sobreposta, com um aplicativo de editor de imagem, aos desenhos feitos por Laura. Outras sobreposições foram testadas antes de chegarmos a esse resultado.

Na imagem, vários pescadores<sup>70</sup> atiram suas varas de pescar a postes de energia elétrica. Os desenhos estão sobrepostos à fotografia de uma casa da Rua do Porto<sup>71</sup>.

As águas do rio Piracicaba trazem marcas de suas viagens pelo sobrenatural.

70 <https://biografiariopiracicaba.com.br/pescadores/>

71 <https://biografiariopiracicaba.com.br/rua-do-porto/>

Histórias de amor ou de assombração e mistérios apavorantes percorrem o imaginário popular da cidade. Atravessando várias gerações, as lendas são contadas para as crianças, despertando curiosidade e medo. O piracicabano é apaixonado pelo rio e cria suas histórias sempre falando dele.

Pensando em preservar essa riqueza cultural, hoje temos essas lendas divulgadas na internet, registradas em livros para crianças, como os de autoria de Ivana Negri, e transformadas em podcasts, como o “O que te assombra”, feito por Thiago de Souza Silo Sotil, Júlia Zampieri e Matheus Hass, que traz “assombrações históricas, aparições, maldições, almas penadas e tudo o que o inexplicável guarda em seus porões”.

<https://www.youtube.com/watch?v=eKL7x8ABzQ4><sup>72</sup>

## Inhala Seca



Figura 34 – Desenho Inhala Seca. Fonte: <https://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/conversa-nho-tonico/folclore/piracicaba-um-rio-de-assombracoes-2-34893/>. Autoria: Matheus Hass (2022).

72 <https://www.youtube.com/watch?v=eKL7x8ABzQ4>

Foi num tempo longe do agora, no fim do século passado, no tempo da escravidão. Em Piracicaba, lá pelas bandas do Morro do Enxofre, de vez em quando, onde havia um mato cerrado, aparecia a Inhala Seca. Não se sabe quem afirmou que um dia ela havia sido gente viva.

Morreu de tísica e foi enterrada no antigo cemitério de Piracicaba (local onde foi posteriormente construído o Grupo Escolar Moraes Barros).

Depois de sete anos, o coveiro reabriu a vala onde havia sido colocado o cadáver de Inhala e encontrou-o intacto – dizem que não faltava um único fio de cabelo. Sepultaram-no novamente. Passados mais cinco anos, abriram a cova pela segunda vez. Qual não foi o espanto dos presentes: lá estava ainda o corpo da morta intacto...

Sem saber que atitude tomar, como já estava escurecendo, os coveiros deixaram o corpo seco da Inhala de pé, encostado na cerca do cemitério. Quando no dia seguinte voltaram para enterrá-la novamente, o corpo seco da Inhala havia sumido...

– Fale baixo!... Quer morrer apedrejado? Inhala Seca tem ouvido de tuberculosa, ouve de longe! Ela traz consigo o vento, para que os seus passos, quebrando galhos no mato, não sejam escutados.

Ela é feia, muito feia, e muito magra; tem dedos longos e secos, armados de enormes unhas, e os ombros esqueléticos cobertos por farrapos e folhas. Segundo os que tiveram a desventura de toparem com ela, Inhala se veste de mato.

Era horrível mesmo. Tem cabeça grande coberta pela cabeleira desgadelhada. Rosto chupado e olhos esbugalhados, vermelhos e acesos.

Quando se pretende enfiar o bedelho no passado, o melhor mesmo é ouvir os “antigos”. E os “antigos” dizem que ouviram contar que ela pegava gente e levava para o fundo da barroca...

O mito da Inhala Seca é, sem dúvida, uma variante do Corpo Seco, homem que passou pela existência terrena semeando malefícios. Ao morrer, nem Deus nem o diabo aceitaram sua alma. A própria terra repeliu seu cadáver, enojada de sua carne. Com a pele engelhada sobre o esqueleto, levantou-se da sepultura, para cumprir seu fardo (CARRADORE, 2016.).

## Noiva da Colina



Figura 35 – Desenho Noiva da Colina. Fonte: <https://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/conversa-nho-tonico/folclore/piracicaba-um-rio-de-assombra-coes-3-34938/> Autoria: Matheus Hass (2022).

Conta-se que o rio Piracicaba era belo e calmoso, sem corredeiras, como se fosse um remanso. Às suas margens, moravam pescadores brancos e indígenas. Viviam em paz. Mas, vinda não se sabe de onde, apareceu uma jovem de *cabelos longos e tão negros que parecia ter-se, numa noite escura, diluído em fiapos mil para adornar-lhe a cabeça. Lábios carnudos, vermelhos como a romã, pernas longas e bem torneadas, olhos verdes como o verde das folhagens. Seu nome, ninguém nunca o soubera, como, também, nunca souberam onde morava e do que vivia.*

Dizia-se que ela, como uma deusa, surgira das águas. Quando não aparecia, pescadores tomavam de suas canoas e iam em busca dela, do som que vinha das entranhas do rio. Forasteiros também começaram a aparecer na povoação querendo a jovem misteriosa. Os homens se apaixonavam por ela, as mulheres a odiavam. Certa manhã, a povoação de Piracicaba<sup>73</sup> acordou em sobressalto. O filho de um dos pescadores<sup>74</sup>, o mais bonito –

73 <https://biografiariopiracicaba.com.br/piracicaba-sp/>

74 <https://biografiariopiracicaba.com.br/pescadores/>

de “*pele trigueira, cabelos de ouro*” – havia desaparecido. Procuraram-no nas matas, ao longo do rio, gritaram seu nome. Não o encontraram. Mas perceberam que algo estranho acontecera: havia mais luminosidade no ar, mais perfume, um “ar doce e almiscarado”.

Certa manhã, aconteceu o horror. O rio corcoveou, o céu se fechou, pássaros, pacas e veados fugiram, estrondos cortaram os ares. De repente, tudo silenciou. O rio ganhara uma cachoeira enorme, espumas e roncos que, de quando em quando, se transformavam em gemidos. Daí, soube-se o que acontecera: o rio, enciumado com o amor da moça pelo belo rapaz, desafiou-o para uma luta sem-fim. Rio e homem lutaram pela mulher que ficara prisioneira no fundo das águas. O rio venceu. E foi por isso que ganhou a cor que tem, que não é de barro, mas do “*trigueiro do corpo do rapaz*”. O gemido do rio são soluços da jovem à espera do seu amor.

Até hoje, quando alguém morre nas águas do rio, sabe-se que morreu em busca da noiva enclausurada. O rio reage sempre. E manda avisos: se alguém morre, a enchente<sup>75</sup> vem. E somente se vai quando outro apaixonado morre em busca da noiva que está presa nas pedras do Salto. Pois foi desse amor que nasceu o Salto do rio Piracicaba. (NETTO, 2015b<sup>76</sup>).

[https://www.youtube.com/watch?v=ghfikz5\\_duU&t=29s](https://www.youtube.com/watch?v=ghfikz5_duU&t=29s)



75 <https://biografiariopiracicaba.com.br/enchantes/>

76 *Esse texto está publicado na íntegra na Antologia do Folclore Paulista, Editora Literart, 1959.*

# UM MERGULHO NO RIO PIRACICABA

Quando me aproximei de você, ouvi o sussurro de suas águas. Para alguns, soava como música, para outros, parecia lamentos. Observei por entre as pedras encharcadas os peixes que pulavam, na tentativa de subir pelo seu leito, procurando vencer suas corredeiras. Pareciam dançar iluminados pela luz do sol. O brilho amarelo das escamas dos peixes se intensificava conforme eu me aproximava do seu corpo-rio. Caminhando sobre sua pele, pedras escorregadias do seu corpo, eu me segurava para não ser levado por sua correnteza. Sua força carregava tudo que via pela frente, até troncos de árvores enormes pareciam escorregar por sua água barrenta. Assim como eu, alguma vegetação se segurava pelas suas frestas abertas pela força das águas nas pedras, inclusive grandes árvores cresciam ali e acabavam por abrigar ninhos de diferentes pássaros coloridos. As libélulas tocavam levemente em sua pele, pareciam fazer cócegas em você, fazendo-o gargalhar. Seu som tornava-se cada vez mais forte, fazendo levantar uma espuma branca de sua água barrenta. Um véu cobria sua superfície.

Agora, sobre seu leito coberto em véu, era possível ouvir o choro de seus companheiros engrossando o caldo de suas águas já volumosas. Seus barrancos aos poucos iam desaparecendo com o avolumar das águas. Seu corpo rapidamente desbordava de sua borda expandindo e derramando sua presença. Você se revolia em múltiplas cores formando um espetáculo para aqueles que o observavam de mais longe. Aliás, eram inúmeras as pessoas se debruçando sobre as pontes que o atravessavam para vê-lo melhor. Algumas embarcações o navegam, brincando com suas águas. Meninos mergulham e se jogam sobre seu leito. Apesar da diminuição de peixes vivendo junto com você, alguns pescadores agradecem pelo alimento que você ainda lhes oferece. Alguns lhe fazem pedidos ou lhe agradecem. Apesar de sua força, que leva quase tudo para longe, alguns permanecem junto com você, mergulhados em seu corpo, negociando sua existência. Eu permaneço ali me segurando por entre as suas frestas, respeitando seu movimento e negociando minha entrada. E ali posso sentir seu toque sobre a minha pele. Seu toque em movimento me faz cócegas. Eu rio.

Nessa tese de doutorado, intitulada *Vida, escrita e transbordamentos: biografias e etnografia do rio Piracicaba/SP*, apresentei alguns de meus encontros com o rio Piracicaba que motivaram o desenvolvimento da pesquisa. Deixei à mostra minha intenção metodológica a partir da ideia de biografia, atlas e constelação de imagens. A biografia se aproxima da pesquisa etnográfica ao permitir o meu encontro com o outro, o rio. No meu caso, o desafio foi o de mergulhar na vida de um rio e expressá-la, permitindo que outros também possam conhecer e imaginar um rio Piracicaba. A ideia de atlas possibilitou romper com uma ideia mais tradicional de biografia (aque-la cronológica), dando espaço para diferentes entradas e relações com o rio. As constelações de imagens, por sua vez, trouxeram uma dimensão imaginativa e relacional para o atlas-biografia do rio. É entre as imagens, nas brechas e nos vestígios que elas apresentam que se tornou possível narrar a vida de um rio. Lançando mão dessas estratégias, procurei levar a sério os diferentes mundos que compõem esse cosmos “desconhecido” que compreende a existência do rio Piracicaba.

A montagem da biografia do rio Piracicaba tornou-se possível na minha relação com o rio. Num movimento de me colocar em relação com o rio, de prestar atenção à sua materialidade e de permitir minha imaginação diante do que ele me oferecia, construí uma narrativa. A biografia é, portanto, fruto de minhas respostas ao que o rio me proporcionava por meio de seus materiais. Para tornar acessível aos leitores essa minha experiência etnográfica com o rio Piracicaba, apresentei, por fim, o *Atlas-biografia do rio Piracicaba* com os resultados de minhas experimentações. O Atlas, com verbetes e constelações de imagens, foi disponibilizado em uma plataforma digital online que permite que se entre em relação com a vida do rio Piracicaba e se experimentem novas narrativas e transbordamentos com ele.

Romper com a ideia tradicional de biografia que me guiava no início do estudo não foi tarefa fácil, mas hoje penso que sei mais da vida do rio do que poderia conhecer se ficasse preso imaginando cronologicamente sua vida, desde seu nascimento até sua morte. Afinal, o rio não tem uma origem. Quando sentimos sua presença, há muito ele já havia surgido. A morte do rio pode ser até anunciada, ele pode ficar fraco, descansar por um tempo das tentativas de aniquilação de sua vida, ver a vida de companheiros se perdendo, entretanto ele sempre poderá compor novos mundos. Também ficou claro para mim que muitas são as possibilidades de contar a vida do rio Piracicaba. São olhares diversos e múltiplas relações que têm origem na vida do rio e é por esse motivo que também as possibilidades de expressão



de sua vida são múltiplas.

Não tenho como intenção determinar por quais caminhos os leitores dessa tese seguirão ao conhecerem o rio Piracicaba, mas proponho aqui uma possibilidade de movimento pelo *Atlas-biografia do rio Piracicaba*. Um trajeto feito por mim na vida do rio, uma experiência com sua biografia, uma possibilidade de construção de novas relações com ele. Para isso é necessário estar disposto a realizar um esforço imaginativo seguindo movimentos pelo Atlas.

Ao adentrar o site *Atlas-biografia do rio Piracicaba* (ATLAS, s.d.) podemos ver constelações a partir da conexão de algumas imagens. As imagens de fundo no Atlas, sobre as quais as constelações estão sobrepostas, são grafias, experimentações com as experiências que eu tive com a vida do rio. São criações que nos fazem conhecer o passado, o presente e permitem imaginar futuros para o rio. Não são para serem vistas como representações de acontecimentos fixos que fazem parte da vida do rio. São vestígios dessa vida que nos permitem imaginar. Agora, é no movimento corporal de clicar sobre as constelações, se debruçar sobre a tela para ver melhor, que é possível acessar histórias, acontecimentos, relações, outras imagens, textos. Enfim, é assim que proponho navegar ou, melhor, mergulhar nas vidas que se entrelaçam na vida do rio Piracicaba. Escolha uma das quatro constelações e experimente um mergulho, uma navegação, uma entrada na vida do rio Piracicaba.

As imagens, postas em relação, falam sobre assombrações, transbordamentos, ações que tentam controlar seus movimentos e sobre os diálogos e as negociações do rio Piracicaba com outros seres, acontecimentos, histórias e mundos ou sobre muitas outras coisas que ele me mostrou ao longo da minha pesquisa. É a partir das constelações de imagens, por exemplo, que entramos em contato com os acontecimentos que procuram negociar sua existência com o rio, como é o caso da Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba. O verbete traz acontecimentos, curiosidades, histórias da Festa do Divino. Ela não é fixa; está em constante movimento, incorporando novos elementos, modificando “tradições”, estabelecendo novas relações e significados. Os verbetes, compostos por imagens e textos, permitem conhecer algumas coisas e se relacionar com inúmeras outras. É nesse constante movimento de se relacionar com o rio Piracicaba que a biografia do rio se faz presente.

A imagem é um disparador para acessar outras coisas. É na relação entre os acontecimentos que a vida do rio Piracicaba também acontece

e, diante disso, é possível seguir sua grafia navegando por entre as imagens, por entre as frestas, nos vestígios que elas nos oferecem. É, portanto, na relação do rio com os diferentes seres e acontecimentos que se revela a biografia do rio Piracicaba e que tento responder à pergunta “Onde termina o rio e começa o resto do mundo?”, ou ainda, “Até onde podemos falar em biografia do rio Piracicaba?”. A vida não termina – ela transborda por entre mundos e expressões de mundos. É no movimento permanente de desbordar das águas que os diferentes acontecimentos acabam por se confundir. Naquele instante de transbordamento, tudo se torna rio, existindo e provocando transformações de forma contínua no mundo. A ênfase está, portanto, no fluxo do transbordamento do rio (no “entre”), nas linhas emaranhadas de crescimento e de vida.

Para conhecermos e nos relacionarmos com essas diferentes vidas é necessário lançarmos mão de diferentes modos de conhecimento. E, nesse caso, significa prestarmos atenção na materialidade que o meio aquoso nos oferece. Nesse contexto, conhecer torna-se uma habilidade adquirida na relação com diversos seres e organismos que se entretecem nesse mundo (STEIL; CARVALHO, 2014, p. 164).

A partir da Festa do Divino, sou levado pelo meu movimento no Atlas a outros acontecimentos da vida do rio. Posso dizer que sou convidado a me relacionar com seus outros companheiros, com suas outras histórias e é a partir de minhas escolhas que mergulho nessas outras relações. Desde o início do doutorado, fui motivado a compor a biografia do rio Piracicaba a partir das possibilidades de afetos que eu, ao contar sobre a minha pesquisa, promovia em diferentes contextos. Muitos outros conheceram um pouco do rio Piracicaba por meio da minha vida. Levei o rio comigo oferecendo-lhe novas relações e foi a possibilidade de expandir essas relações, de imaginar a continuidade de sua vida com outros companheiros, acontecimentos e histórias que me fez seguir em frente. O Atlas-biografia surge como uma ferramenta para tornar as afetações com o rio cada vez mais possíveis.

No Atlas, você escolhe por onde entrar na vida do rio Piracicaba. É possível navegar por entre aqueles que assombram a vida do rio, como é o caso dos Paiaguá. São os vestígios de vidas indígenas que insistem em permanecer apesar de tudo. A vida dos povos originários está entrelaçada com a vida do rio e, por sua vez, em todas as outras vidas que compõem sua biografia. Em seus vestígios, eles existem e resistem apesar das tentativas de soterramento, apagamento e aniquilação de suas vidas. E é exatamente por resistirem na vida do rio que se torna possível contar suas histórias, imaginar

futuros e construir mundos. A vida do rio carrega uma série de outras vidas que precisam de sua existência para também existirem.

Na biografia do rio, podemos seguir o movimento de transbordamento das enchentes do rio Piracicaba e ali conhecer Elias e seus bonecos, ou ainda pescadores que conhecem de perto o temperamento das águas do rio. Com eles, podemos aprender a nos comunicar com os rios. Se olharmos para o rio como um ser que pode pensar e representar de forma diferente da nossa, ou seja, para além do sentido linguístico e simbólico (KOHN, 2013), estamos dizendo que a natureza também pode produzir histórias e que estas estão, por sua vez, entrelaçadas com outras histórias. Nesta perspectiva, os rios são fazedores-de-mundos. É necessário, portanto, uma aliança com seus contadores de histórias de forma a nos contrapormos à arrogância de um imponente “Homem moderno” (CARDOSO, 2019, p. 7).

As infraestruturas imperiais e industriais concebem os rios como seres de “natureza selvagem” que o Homem pode dominar. Segundo esta concepção, a natureza não teria uma história própria, apenas participaria da nossa história pelo significado que os Homens lhe dão. Para “solucionarmos” nossos problemas modernos procuramos impor alternativas aos rios que não respeitam suas presenças e existências. Para fugir dessas “alternativas infernais”, seguindo a proposta de Isabelle Stengers (PIGNARRE; STENGERS, 2005) de criar linhas de fuga na “arte de prestar atenção”. Busquei, com o Atlas-biografia, tal como Anna Tsing (2015) em seu trabalho com os cogumelos Matsutake, não apenas cruzar a linha entre as ciências naturais e culturais por meio da crítica, mas partir de um conhecimento construtor-de-mundos. E o com o Atlas-biografia proponho formas de construir mundos com o rio Piracicaba. Na perspectiva apresentada por Tsing (2015), é preciso prestar atenção a ecologias menores e a movimentos contramodernos que nos permitam uma etnografia multiespécie que conte estórias (CARDOSO, 2019, p. 6).

A ideia de natureza selvagem, construída pelo pensamento moderno euroamericano, é colocada à prova quando olhamos para os desastres como consequências da tentativa de sua domesticação pelo homem. As hidrelétricas, por exemplo, pensadas pelo modelo capitalista desenvolvimentista como fontes renováveis de energia, vetores do “desenvolvimento sustentável”, aparecem como entidades que alteram percepções, desestabilizam vidas, impossibilitam existências. No caso do rio Piracicaba, compreendo, portanto, a construção do Sistema Cantareira como um desastre em processo “cujas circunstâncias sociais, históricas, tecnológicas, políticas e econômicas

colocam suas vítimas em posição de vulnerabilidade” (OLIVER-SMITH, 1996, p. 303). São inúmeras vidas que deixaram de existir no rio Piracicaba para que se tornasse possível sua captação para satisfazer as “necessidades humanas”. Vidas que nem chegamos a conhecer foram aniquiladas pela regulação das águas do Sistema Cantareira.

Entender o desastre causado ao rio Piracicaba, sob uma perspectiva social, antropológica e política, implica considerar suas consequências para além da ótica numérica, ou seja, sua dimensão não pode ser mensurada apenas pelo número de peixes mortos, embora esse seja um fator bastante relevante, mas também pela nossa atenção sobre todas as outras vidas, histórias, acontecimentos que aos poucos vão desaparecendo com o rio.

Diante de um mundo que tem se revelado catastrófico, com paisagens em ruínas (TSING, 2018), mudanças climáticas, desastres (como os rompimentos de barragens em Bento Rodrigues-MG e Brumadinho-MG), epidemias (zika, dengue, febre amarela, covid-19 etc.) e extinções em massa, Nils Bubandt (2016) sugere que uma espécie de necropolítica tenha coberto uma política muito mais ampla e muito mais aleatória da vida e da morte. Seres humanos, animais, plantas, fungos e bactérias vivem e morrem em condições que podem ter sido moldadas criticamente pela atividade “humana”, mas que também estão cada vez mais fora de possibilidades de algum controle ou reversão. A autora usa a noção de uma “necropolítica do Antropoceno” para indicar os efeitos de vida e morte – intencionais e não intencionais – desse tipo de ruína e extinção. “À medida que cada nova descoberta científica revela mais detalhes da complexa interação entre mundos humanos e não humanos, também somos cada vez mais confrontados com nossa incapacidade de diferenciar esses mundos” (BUBANDT, 2016, p. 125, tradução minha<sup>15</sup>).

O pensador camaronês Achille Mbembe definiu a necropolítica como a subjugação da vida humana aos poderes da morte pelo Estado. Mbembe (2018) atualiza e complexifica as noções de biopoder e biopolítica, cunhadas por Michel Foucault. Essas noções foram fundamentais para Foucault pensar o poder: não mais a partir de teorias de escala macro, mas em sua dimensão e mecanismos microcapilares e corporificados por meio de instituições diversas ligadas ao Estado (como a Medicina, o Direito) e por mecanismos que envolvem as regulações dos corpos.



15 “As each new scientific discovery reveals more details of the complex interplay between human and non-human worlds, we are also increasingly confronted with our inability to differentiate these worlds” (BUBANDT, 2016, p. 125).

Ao olhar para como esses processos “civilizatórios” estavam ancorados fundamentalmente em práticas que envolvem exploração, dominação, subjugação e morte de uns, para que outros possam viver, Mbembe mostra como as dinâmicas coloniais de exploração constituíram corpos matáveis a partir dos marcadores de raça. Segundo Lima,

Achille Mbembe defende a ideia de um acoplamento entre os diagramas de poder – soberania-disciplina-biopoder-biopolítica-necropolítica – se configurando numa bio-necropolítica que nos coloca frente aos desafios atuais para pensar a emergência e pulverização microcapilares das relações e mecanismos de poder, principalmente em contextos sociais advindos dos processos de colonização e onde os elementos de colonialidade ainda são fortes. Nestes contextos, a vida (a bios) não foi o lugar historicamente onde as redes de poder encontraram territórios privilegiados, mas a morte e a possibilidade do matável constituiu o organizador das relações sociais. (LIMA, 2018, p. 22).

A necropolítica de Mbembe aponta para um devir-objeto das populações humanas, dividindo-as entre quem pode viver e quem deve morrer, ou seja, quem é “objetificado”, quem é “descartável”. Esta é, portanto, uma política de morte que se sustenta na medida da racialização. As populações negras, além de ocuparem condições de subalternidade, também são colocadas em condições de seres matáveis ou expostos à morte. Algumas vidas não são consideradas dignas de viver.

Judith Butler (2019), também aponta que determinados corpos importam e que existem vidas que são passíveis de luto, enquanto outras são vidas precárias. Segundo a autora, não podemos considerar perdidas vidas que sequer considerávamos vivas. Isso explica, por exemplo, a falta de revolta diante do extermínio e encarceramento da população negra ocorrendo diariamente, com respaldo de políticas públicas. Podemos ampliar a noção de necropolítica para pensar a morte de milhares de peixes no rio Piracicaba e também a morte e extinção de possíveis espécies de vidas desconhecidas. O objetivo é compreender o processo de controle da vida e de condenação à morte, não só de pessoas, mas também dos rios e suas águas, dos peixes, da vegetação e de tudo que constitui a “natureza”.

A prática de alteração no curso dos rios para abastecimento de água, produção de energia elétrica, irrigação de lavouras, controle de inundações, navegação, entre outras, é muito comum em diversos países e, segundo Martirani tem provocado muitos “impactos na vida de famílias, povoados,

idades ou países a jusante, que podem ser afetados pela perda de quantidade e qualidade da água causada por esses empreendimentos, além de afetar o equilíbrio de ecossistemas” (2013, p. 24). Estudos indicam que o represamento de água dos rios já causou o deslocamento de aproximadamente oitenta milhões de pessoas em todo o mundo (CLARKE; KING, 2005).

A produção de energia elétrica e o abastecimento de água de grandes centros urbanos, por meio da construção de grandes reservatórios de água, foram, em todo o mundo, principalmente entre as décadas de 1930 e 1970, considerados símbolos da modernização e da habilidade humana em controlar e utilizar “recursos da natureza”. No Brasil, a construção de grandes reservatórios de água teve crescimento entre as décadas de 1960 e 1990, justamente durante o período da ditadura militar. A produção de energia elétrica por meio de grandes reservatórios de água foi o modelo defendido como produção de energia “renovável”, ou “limpa” em contraposição às outras formas de produção energética, por exemplo, pela queima do carvão mineral. A tendência era maximizar o potencial energético e para isso foram criados grandes reservatórios (TOLMASQUIN, 2007, p. 7).

A geração de hidreletricidade foi, no Brasil, até a promulgação da Constituição de 1988, o produto de decisões tomadas pelo Poder Executivo, e é nesse sentido que se pode afirmar que foram impostas. A partir de 1986, em virtude de imposições legais datadas de 1981 e 1983, a construção de novas hidrelétricas requer um licenciamento de órgãos ambientais (federais ou estaduais), com base em “Relatório de Avaliação de Impacto Ambiental (RIMA)”. Com a Constituição de 1988, o próprio planejamento energético deve ser aprovado pelo Poder Legislativo. O caráter recente dessas mudanças, institucionais impede que se faça uma apreciação de seus efeitos sobre as populações. (SIGAUD, 1995, p. 12).

A construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, no rio Xingu, estado do Pará, entre 2009 e 2016, causou uma série de manifestações de protesto desde quando foi idealizada, na década de 1980. Segundo Gutemberg Guerra e César Martins de Souza (2018), uma das mais vigorosas reações partiu das comunidades indígenas em um encontro realizado em Altamira, em 1989. Nessa ocasião, Tuíra Kayapó ameaçou um alto funcionário da Eletronorte com um facão encostado no seu rosto.

No Brasil, o discurso que tenta colocar os desastres dos rompimentos de barragens de rejeitos como acidentes naturais imprevisíveis é frequente, tanto por parte de autoridades políticas quanto por parte dos repre-

sentantes das empresas proprietárias das barragens. Há um grande esforço dos movimentos sociais e promotores de justiça no sentido de combater esse tipo de discurso, mostrando o quanto as empresas já previam os possíveis rompimentos e também os custos das indenizações com as vidas que se perderiam nos desastres.

É no movimento das águas do rio Piracicaba que a Inhala Seca, a Noiva da Colina e outras lendas surgem e assombram nosso imaginário. São os transbordamentos das águas envolvendo rua, casas, pescadores, garotos, barcos e a intensificação dos períodos de seca que contribuem para o aumento dos carrapatos que nos levam a conhecer a cidade de Piracicaba e algumas tentativas de controle do movimento do rio Piracicaba. Mas também é possível ver que muitos protestaram e resistiram a essas tentativas de controle, e isso é fundamental para que possamos também reivindicar outras existências e modos de vida mais respeitosos com o rio.

É preciso buscar inspiração em outros contextos. Conforme apontam Gandara e Vidal, em 2017 o Parlamento da Nova Zelândia reconheceu como uma entidade viva o rio Whanganui, considerado sagrado pelos maoris. Segundo os autores, o ministro da justiça da Nova Zelândia, Chris Finlayson, declarou que o rio terá sua própria identidade jurídica com todos os direitos e deveres aferentes (2017, p. 1). Também em 2017, o estado de Madhya Pradesh, na Índia, declarou o rio Narmada uma entidade viva. A defesa desse rio foi uma resposta de resistência à construção de grandes barragens em seu leito. No Chile, um movimento de ativistas ambientais e indígenas encabeçou uma campanha para conceder direitos legais aos rios daquela nação (BENOHR; LYNCH, 2018).

Nos Estados Unidos da América, em Toledo, Ohio, a população se pronunciou por meio de um referendo a favor de um projeto de lei reconhecendo o direito de existência do lago Erie. Na Colômbia, o Tribunal Constitucional reconheceu os direitos do rio Atrato, ameaçado pela extração do ouro (AZAM, 2020). No Equador e na Bolívia, de forma pioneira, inspirado na ideia de Bem Viver de Alberto Costa, foram incluídos na Constituição de ambos os países o direito à Mãe Terra (COSTA, 2016). No Brasil, o município de Bonito (PE) foi o primeiro do País a conceder direitos legais a seus riachos, cachoeiras e serras verdes, assim como os dos cidadãos (LOBEL, 2018).

Do novelo emaranhado da memória, da escuridão dos nós cegos, puxo um fio que me aparece solto. / Devagar o liberto, de modo que se desfaça entre os dedos. / É

um fio longo, verde e azul, com cheiro de limos, e tem a macieza quente do lodo vivo. / É um rio. / Corre-me nas mãos, agora molhadas. / Toda água me passa entre as palmas abertas, e de repente não sei se as águas nascem de mim, ou para mim fluem. / Continuo a puxar, não já memória apenas, mas o próprio corpo do rio. / Sobre a minha pele navegam barcos e o céu que os cobre, e os altos choupos que vagorosamente deslizam sobre a película luminosa dos olhos. / Nadam-me peixes no sangue e oscilam entre duas águas como apelos imprecisos da memória. / Sinto a força dos braços e a vara que os prolonga. / Ao fundo do rio e de mim, desce como um lento e firme pulsar de coração. / Agora o sonoro porque de ramo em ramo acorda o canto das aves. / E quando num largo espaço o barco se detém, o esplendor maior que acende a superfície das águas. / Aí se fundem numa só verdade as lembranças confusas da memória e o vulto subitamente anunciado do futuro. / Uma ave sem nome desce donde não sei se vai pousar calada sobre a proa rigorosa do barco. / Imóvel, espero que toda a água se banhe de azul e que as aves digam nos ramos por que são altos os choupos e rumorosas as suas folhas. / Então, corpo de barco e de rio na dimensão do homem, sigo adiante para o fulvo remanso que as espadas verticais circundam. (SARAMAGO, 2006, p. 14-15).

Esse fragmento do livro *As pequenas memórias*, do escritor português José Saramago, abre um leque de sentidos quando posto em interlocução com o que aprendi até aqui com o rio Piracicaba. Ao reviver alguns episódios da infância e juventude, Saramago traz recortes de seu passado e das relações das pessoas de sua aldeia Azinhaga com os dois rios, Almonda e Tejo. Em suas palavras, “Desde tão distantes épocas a gente nascida e vivida na minha aldeia aprendeu a negociar com os dois rios que acabaram por lhe configurar o carácter” (2006, p. 17).

Aquilo que estou chamando de *Atlas-biografia do rio Piracicaba* é o que nos permite construir relações e é o que constitui a minha biografia do rio. A proposta é que por meio dos movimentos por imagens, vídeos, textos, fruto desses anos todos de pesquisa, mas aberto para futuras, múltiplas e multi-autorais contribuições, seja possível saber algo do rio Piracicaba. Enfim, muitas são e serão as possibilidades de biografar o rio Piracicaba. Suas nascentes, o encontro entre rios – o Jaguari e o Atibaia; chegar no Sistema Cantareira e ver como as infraestruturas industriais, alternativas infernais do capitalismo, causaram a mortandade de peixes no rio Piracicaba na região da Rua do Porto. Também foi possível especular sobre os transbordamentos do rio Piracicaba em períodos mais chuvosos.



Lembrar que são as infraestruturas industriais que nos distanciam dos rios e complicam nossas relações. Entretanto, é possível fazer outros movimentos pelas imagens. Partir do transbordamento e chegar aos meninos que pulam de uma ponte sobre o rio, ou aqueles que caem na gargalhada ao pescarem um peixe na Rua do Porto transbordada em rio. É possível negociar com o rio a realização de um festejo ou a captura de um peixe para servir de alimento. É necessário contar suas histórias para além da lógica do recurso hídrico.

O *Atlas-biografia do rio Piracicaba* é promover uma jornada sentimental que ofereça a opção de distintos percursos, como “território da sensibilidade”, uma paisagem aberta. É uma experiência de “ver” e “experimentar” visualmente a vida do rio Piracicaba para saber algo (que podem ser histórias, mas também podem ser outras coisas.). Proponho um movimento de afetar, recolocar em relação e de permitir a imaginação de mundos possíveis com o rio. É nesse movimento que a vida do rio e de todos os seus companheiros flui resistindo e revelando suas inúmeras possibilidades de existência.

Espero que o *Atlas-biografia do rio Piracicaba* se constitua como um espaço aberto e que receba novas imagens, verbetes e forme novas constelações com aqueles que se encontraram com o rio e que desejarem contar suas histórias. A vida do rio continua.



# REFERÊNCIAS

- A PROVÍNCIA... O “Cemitério dos Índios” será respeitado? 2013. Disponível em: <<https://www.aprovincia.com.br/canto-cecilio/bom-dia/o-cemiterio-dos-indios-sera-respeitado-11156/>>. Acesso em: 07 set. 2022.
- ATLAS-BIOGRAFIA DO RIO PIRACICABA. **Home**. Disponível em: <<https://biografia-riopiracicaba.com.br/>>. Acesso em: 12 fev. 2023.
- ABREU, C. de. 1853-1924. Capítulos de história colonial: 1500-1800. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.
- AFONSO, A. I. New graphics for old stories: representation of local drawings. In: PINK, S.; KURTI, S.; AFONSO, A. I. (Orgs.). Working images. Visual representation in Ethnography. London/New York: Routledge, 2004.
- ALMEIDA, A. C. C. A vida das rendas de bilros em Ilha Grande, Piauí. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.47749/T/UNI-CAMP.2018.1063831>>. Acesso em: 5 mar. 2022.
- ALMEIDA, S. V.; MAPRIL, J. O gesto do desenho. In: CABAU, P.; ALMEIDA, S. V. D.; MAPRIL, J. (Eds.). Desenho etnográfico: um curso breve duas vezes. Lisboa: Palavrão, 2018. p. 15-32.
- ALVES, L. da C. Reivindicando o território epistêmico: mulheres negras, indígenas e quilombolas interpelado a antropologia. Humanidades e Inovação, v. 6, n. 16, 2019. Disponível em: <<file:///C:/Users/crispaixao/Downloads/1831-Texto%20do%20artigo-6526-2-10-20191119.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2020.
- ANDRADE, J. S. de. Antropologia em movimento: espaço e deslocamento feminino no cinema pensado como lugar etnográfico. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP, 2018.
- AZAM, G. Carta à Terra: e a Terra responde. Trad. Adriana Lisboa. Belo Horizonte: Relicário, 2020.
- AZEVEDO, A. Desenhos na África do Sul: Desenhar para ver, para dizer e para sentir. **Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, v. 13, p. 221-226, 2014.
- AZEVEDO, A. Dossiê “Antropologia e desenho”. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cadernosaa/1089>>. Acesso em: 15 de agosto de 2018.

AZEVEDO, A.; RAMOS, M. J. Drawing close – on visual engagements in fieldwork, drawing workshops and the anthropological imagination. **Visual Ethnography**, v. 5, n. 1, p. 135-160, 2016. Disponível em: <[https://repositorio.iscteul.pt/bitstream/10071/12067/4/Visual\\_Ethnography\\_5\\_n01\\_2016\\_FINALE\\_Azevedo\\_Ramos\\_pp\\_134\\_160.pdf](https://repositorio.iscteul.pt/bitstream/10071/12067/4/Visual_Ethnography_5_n01_2016_FINALE_Azevedo_Ramos_pp_134_160.pdf)>. Acesso em: 17 fev. 2021.

BALLESTERO, A. **A future history of water**. Houston: Duke University Press, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.25611/egc8-n043>>. Acesso em: 3 abr. 2022.

BAPTISTA, M.; CARDOSO, A. Rios e cidades: uma longa e sinuosa história. **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 124-153, jul.-dez. 2013.

BARBOSA, A. et al. **A experiência da imagem na etnografia**. São Paulo: Terceiro Nome, 2016. 343p.

BARBOSA, A. Imagem, pesquisa e antropologia. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cadernosaa/770>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

BARBOSA, A. Prática etnográfica, experimentação e pensar coletivo. **Pensata**, v. 6, n. 1, mar. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.34024/pensata.2017.v6.9294>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

BENJAMIN, W. A imagem de Proust. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte/São Paulo: UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BENJAMIN, W. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 2011. (Obras escolhidas, v. 3).

BENOHR, J.; LYNCH, P. J. Should rivers have rights? A growing movement says it's about time. **Yale Environment**, v. 360, 14 ago. 2018. Disponível em: <<https://e360.yale.edu/features/should-rivers-have-rights-a-growing-movement-says-its-abouttime>>. Acesso em: 22 set. 2018.

BLACKMORE, L. Turbulent river times. Art and hydropower in Latin America's Extractive Zones. In: BLACKMORE, L.; GÓMEZ, L. **Liquid ecologies in Latin American and Caribbean Art**. London: Routledge, 2020.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Agenda 21**. Brasília: s/d

BRUNO, F. Fotobiografia: por uma metodologia da estética em antropologia. **Resgate**, v. XVIII, p. 27-45, 2010.

BRUNO, F. Potências da experimentação das grafias no fazer antropológico: imagens, palavras e montagens. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 7, p. 198-212, 2019.

BRUNO, G. **Atlas of emotions: Journeys in Art, Architecture and Film**. New York: Verso, 2002.

BUBANDT, N. From head-hunter to organ thief: verisimilitude, doubt, and plausible worlds in Indonesia and beyond. **Wiley Online Library**, 20 set. 2016. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/ocea.5136>>. Acesso em: 03 mar. 2019.

BUCCI, E. Meu pai, meus irmãos e o tempo. In: MAMMI, L.; SCHWARCZ, L. M. (Orgs.). **Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BUTLER, J. Vida precária: os poderes do luto e da violência. Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 189 p.

CABAU, P. Crus e descosidos. Reflexões em torno do ensino do desenho da antropologia. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://journals.opedition.org/cadernosaa/1104>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

CAIUBY NOVAES, S. C. Entre a harmonia e a tensão: sobre as relações entre antropologia e imagem. **Anthropológicas**, v. 20, p. 3-24, 2009.

CAIUBY NOVAES, S. C. (Org.). **Entre arte e ciência: usos da fotografia pela antropologia**. São Paulo: Edusp, 2015. p. 9-20.

CALLON, M.; LAW, J.; RIP, A. **Mapping the dynamics of Science and Technology: Sociology of Science in the real world**. London: Macmillan, 1986.

CAMARGO, F. M. **Patrimônio cultural: a Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba**. 2011. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2011.

CAMARGO, F. M. **Análise de impacto de projeto de requalificação urbana associado à cultura: um estudo antropológico? Projeto Beira-Rio? Piracicaba/SP**. 2013. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gestão Cultural: cultura, desenvolvimento e mercado) – Senac Lapa Scipião, São Paulo, SP.

CAMARGO, F. M. **Nas margens do Rio Piracicaba: o pescador e outras temporalidades da Rua do Porto**. 2016; 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, SP, 2016a.

CAMARGO, F. M. Desenhando nas margens. Diário de campo visual de uma experiência etnográfica. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2-1, p. 103-107, 2016b.

CARDOSO, T. M. A arte de viver no antropoceno: um olhar etnográfico sobre cogumelos e capitalismo na obra de Anna Tsing. **Climacom Cultura Científica**, v. 6, p. 1, 2019.

- CARRADORE, H. P. A Inhala seca: depois de sete anos o coveiro reabriu a vala. **A Província**, 2016. Disponível em: <<https://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/conversa-nho-tonico/folclore/a-inhala-seca-1663/>>. Acesso em: 3 abr. 2022.
- CLARKE, R.; KING, J. **O atlas da água**. São Paulo: Publifolha, 2005.
- COCCIA, E. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- COMPANHIA DE SANEAMENTO BÁSICO DO ESTADO DE SÃO PAULO - SABESP. **Dossiê: Sistema Cantareira**. São Paulo: Sabesp, 2008. Disponível em: <[http://memoria-sabesp.sabesp.com.br/acervos/dossies/pdf/4\\_dossie\\_sistema\\_cantareira.pdf](http://memoria-sabesp.sabesp.com.br/acervos/dossies/pdf/4_dossie_sistema_cantareira.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- CONSÓRCIO PCJ. **Bacias hidrográficas dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá**. 2018. Disponível em: <<https://água.org.br/nossa-area-de-atuacao/localizacao-mapa/>>. Acesso em: 28 mai. 2020.
- COSTA, A. de C. Virada geo(nto)lógica: reflexões sobre vida e não vida no Antropoceno. **Analógos**, v. 1, p. 140-150, 2016.
- COUTO, M. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. Lisboa: Caminho, 2002.
- CURVO, L. et al. Avaliação da piscicultura na microrregião do Alto Pantanal – Mato Grosso do Sul, Brasil. **Scientia Plena**, v. 16, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://www.scientiaplena.org.br/sp/article/viewFile/5042/2247>>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- DAWSEY, J. C. A casa de Joana Dark: drama e montagem. **Mana**, v. 18, n. 1, p. 91-119, 2012.
- DAWSEY, J. C.; SANTANA, C. Brincando de bonecos: um ensaio benjaminiano sobre mimesis. **Horizontes Antropológicos**, v. 26, n. 56, Jan.-Apr. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832020000100003>>. Acesso em: 13 ago. 2021.
- DECISÃO SOBRE REPOVOAMENTO do rio Piracicaba deve sair em até dois meses. **G1**, 12 mar. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/Piracicabaregiaio/noticia/2014/03/decisao-sobre-repovoamento-do-rio-Piracicaba-deve-sair-em-ate-60-dias.html>>. Acesso em: 03 set. 2020.
- DELEUZE, G. **Cinema 1: a imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DIAS, S.; WIEDEMANN, S. (A)mares e ri(s)os infinitos: a catástrofe de estar junto diante da finitude. **Com Ciência**, Dossiê 194, 2017 – Disponível em: <<https://www.comciencia.br/amares-e-risos-infinitos-catastrofe-de-estar-junto-diante-da-finitude/>>. Acesso em: 19 jun. 2019

DIDI-HUBERMAN, G. **Pensar debruçado**. Tradução de Vanessa Brito. Lisboa: KKYN, 2015. (e-book).

ELIAS, A. N. **Dupla imagem, duplo ritual**. A fotografia e o sutra lótus primordial. 2018. 559 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Campinas, Campinas, 2018.

ELLIS JUNIOR, A. O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano: pesquisas nos documentos quinhentistas e setecentistas publicados pelos governos estadual e municipal. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. Disponível em: <<https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/117>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

FAUSTO, J. **Cosmopolítica dos animais**. Campinas: N-1 Edições, 2020.

FERIANI, D. O delírio como outro modo de ver: uma relação entre xamanismo, imagem e escrita. Resenha de: TAUSSIG, Michael. I swear I saw this: drawings in fieldwork notebooks, namely my own. **Pensata**, v. 05, p. 234-240, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbsoc/a/SP9j38Fp79DMXDp5F5RNtnD/?lang=pt>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

FERIANI, D. De mência(s), em imagens, narrativas e experiências. Resenha de: SWIN-NEN, A.; SCHWEDA, M. (Eds.). Popularizing dementia: public expressions and representations of forgetfulness. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, p. 1-5, 2017.

FONTES DE SÁ, M. A. A fotografia como ferramenta de registro e compreensão da religião material brasileira. **Reflexão**, v. 46, p. 1–23, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.24220/2447-6803v46e2021a5055>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

GAMA, P. F. Sobre emoções, imagens e os sentidos: estratégias para experimentar, documentar e expressar dados etnográficos. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 15, n. 45, p. 116-130, dez. 2016.

GAMA, P. F.; KUSCHNIR, K. Contribuições do desenho para a pesquisa antropológica. **Revista do CFCH**, ed. esp., ago. 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/CRISPA~1/AppData/Local/Temp/KUSCHNIR%20GAMA%202014%20Contribuicoes%20do%20desenho%20CFCH.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

GANDARA, G. S.; VIDAL, L. Dossiê: Cidades, rios e patrimônio. **Confins** (Paris), v. 1, p. 1-8, 2017.

GELL, A. **Art and agency: an anthropological theory**. Oxford: Clarendon, 1998.

[GONÇALVES, M. A. T.](#) Sensorial thought: cinema, perspective, and Anthropology. **Vibrant**, Florianópolis, v. 9, p. 160-182, 2012.

GONÇALVES, M. A. T. Imagem e experiência. In: BARBOSA, A. et al. (Orgs.). **A experiência da imagem na etnografia**. São Paulo: Terceiro Nome, 2016. p. 19-26.

GRAÇA, M. A. S. et al. Introdução. In: FEIO, M. J.; FERREIRA, V. **Rios de Portugal: comunidades, processos e alterações**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2019.

GUERRA, G. A. D.; SOUZA, C. M. O apocalipse de Belo Monte: uma cidade frente à construção de uma hidrelétrica. **Antropologia**, v. 10, n. 2, p. 790-840, 2018.

GUIDOTTI, J. L. **Navegando pelo Piracicaba**. Piracicaba: Shekinah, 1992.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARAWAY, D. **When species meet**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

HARAWAY, D. **Staying with the trouble: making kin in the chthulucene**. Durham/London: Duke University Press, 2016a.

HARAWAY, D. **Story-telling for earthly survival**. Direção: Fabrizio Terranova. 2016b. 90 minutes. (DVD e <https://earthlysurvival.org>).

HERNÁNDEZ, Miguel. Movimiento de redención ecológica de la cuenca del Río Piracicaba: una experiencia de acción colectiva. **Caderno Metrópole: O ativismo urbano contemporâneo: resistências e insurgências à ordem urbana neoliberal**, v. 21, n. 46, set./dez. 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados gerais do município de Piracicaba. [s.d.]. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=353870>>. Acesso em: 20 jul. 2015

INGOLD, T. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. New York: Routledge, 2011.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

INGOLD, T. That's enough about ethnography! **Hau: Journal of Ethnographic Theory**, v. 4, n. 1, p. 383-395, 2014.

INGOLD, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. São Paulo: Vozes, 2015.

IPPLAP – Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba. **Piracicaba, o rio e a cidade: ações de reaproximação**. Piracicaba: IPPLAP, 2011. Disponível em: <<http://ipplap.com.br/site/wp-content/uploads/2012/08/livropronto.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

IPPLAP – Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba. **A festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba**. Piracicaba: IPPLAP, 2012. Disponível em: <<http://ipplap.com.br/site/wp-content/uploads/2012/08/a-festa-do-divino-espírito-santo-de-piracicaba.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

IPPLAP – Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba. **Breve histórico de Piracicaba**. s.d.a. Disponível em: <<https://ipplap.com.br/site/a-cidade/breve-historico-de-piracicaba/>>. Acesso em: 03 mar. 2022.

IPPLAP – Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba. **Projeto Beira-Rio**. s.d.b. Disponível em: <<https://ipplap.com.br/site/a-cidade/breve-historico-de-piracicaba/>>. Acesso em: 03 mar. 2022.

IPPLAP – Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba. **Diagnóstico “A Cara da Cidade”**. s.d.c. Disponível em: <<https://ipplap.com.br/site/projetos-2/projeto-beira-rio/diagnostico-a-cara-de-piracicaba/>>. Acesso em: 03 mar. 2022.

ISHII, R. A. **Tóquio no cinema contemporâneo – aproximações**. 2015. 170 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas São Paulo, 2015.

KOFES, S. Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser? In: KOFES, S.; MANICA, D. (Orgs.). **Vida & grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

KOFES, S. **Uma trajetória em narrativas**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. v. 1. 192p.

KOHN, E. **How Forests think: toward an Anthropology beyond the human**. Berkeley: University of California Press, 2013. 288 p.

KRAUSE, F. Hydro-perspectivism: Terrestrial life from a watery angle. **Anthropological Notebooks**, a. XXV, n. 2, 2019.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KUO, W.-P. Living with “abnormal” drought in rain-soaked Taiwan: Analysis of water consumption practices and discourses. **Anthropological Notebooks**, a. XXV, n. 2, 2019.



KUSCHNIR, K. Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/cadernosaa/506>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

KUSCHNIR, K. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/cadernosaa/1095>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

LATOUR, B. **Reagregando o social**. Bauru, SP/Salvador, BA: Edusc/ Edufba, 2012.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LIMA, F. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 70, n. spe, p. 20-33, 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180952672018000400003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672018000400003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 11 fev. 2021.

LIMA, T. S. O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o Perspectivismo em uma Cosmologia Tupi. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 21-47, 1996.

LIMA, T. S. **Um peixe olhou para mim: o povo Yudjá e a perspectiva**. São Paulo/Rio de Janeiro: ISA/ Unesp/NuTI, 2005. v. 1000. 399p .

LINTON, J. **What is Water?** The history of a modern abstraction. Vancouver: University of British Columbia Press, 2010.

LOBEL, F. Cidade de PE é 1ª do país a dar a rios os mesmos direitos de cidadãos: Legislação prevê ampliar amparo à preservação dos recursos naturais. **Folha de S.Paulo**, 22 mar. 2018.

MAGNANI, J. G. C. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Tempo Social**, v. 15, n. 1, p. 81-95, 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12395>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

**MANICA, D. T.** Imperativos da natureza: sexualidade, gênero e hormônios na produção de Elsimar Coutinho. In: HEILBORN, M. L. et al. (Orgs.). **Sexualidade, reprodução e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. v. 1, p. 261-284.

MANICA, D. T. A vida social dos medicamentos: etnografias e escolhas. **R@U: Revista de Antropologia Social**, v. 4, p. 176-188, 2012.

MARTIRANI, L. A. **“Nas águas do Piracicaba”**: pesquisa e socialização de conhecimentos na produção de um documentário. 2013. 183 f. Tese (Livre-Docência em Comunicação e Educação) – Escola Superior de Agricultura, Universidade de São Paulo, Piracicaba, São Paulo.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

MELLO, C. A. An-danças urbanas em Xiao Wu e na cidade de Sylvia. **Eco Pós**, v. 14, n. 1, 2016.

MONTICELLI, J. J. **Bacias dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá: memórias e experiências de gestão**. São Paulo: Oficina de Textos, 2019.

NEPTUNE, N. C. Elias dos bonecos. 2003. 162 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

NETTO, C. E. **Arapuca, primeiro restaurante**. Piracicaba: Almanaque, 2000.

NETTO, C. E. Uma aldeia chamada Piracicaba. **A Província**, 2009. Disponível em: < <https://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/estudos-piracicabanos/uma-aldeia-chamada-piracicaba-1-3293/>>. Acesso em: 07 set. 2022.

NETTO, C. E. Enchente antiga. **A Província**, 2013. Disponível em: < <https://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/retratos-provincia/photos/enchente-antiga-8926/>>. Acesso em: 07 set. 2022.

NETTO, C. E. Rua do Porto: o berço amado. **A Província**, 2015a. Disponível em: < <https://www.aprovincia.com.br/icen/conteudo-noticias/rua-do-porto-o-berco-amado-19383/>>. Acesso em: 07 set. 2022.

NETTO, C. E. A lenda da noiva do rio. **A Província**, 2015b. Disponível em: < <https://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/conversa-nho-tonico/folclore/a-lenda-da-noiva-do-rio-1642/>>. Acesso em: 07 set. 2022.

NETTO, C. E. Rua do Porto, enchente de 1929. **A Província**, 29 abr. 2015c. Disponível em: < <https://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/retratos-provincia/photos/rua-do-porto-enchente-de-1929-7250/>>. Acesso em: 28 mai. 2015.

NETTO, C. E. A histórica rua do Porto. **A Província**, 2017. Disponível em: < <https://www.aprovincia.com.br/icen/conteudo-noticias/a-historica-rua-do-porto-2-19453/>>. Acesso em: 07 set. 2022.

OLIVEIRA, M. A representação da tragédia de Mariana; fotografias enterradas e imagens sobreviventes. **GIS – Revista de Antropologia**, v. 3, p. 203, 2018.

OLIVER-SMITH, A. Anthropological research on hazards and disasters. **Annual Review of Anthropology**, v. 25, p. 303-328, 1996.

OTERO, E. V.; SOUZA, M. B. S. D. de. A reconquista das margens do rio Piracicaba: uma reconstrução histórica à guisa de introdução. In: IPPLAP. **Piracicaba, o rio e a cidade: ações de reaproximação**. Piracicaba: IPPLAP, 2011. p. 13-46.

- PERES, C. P. **Os confrontos entre os Paiaguá e os colonos na rota das monções**. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2015.
- PIGNARRE, P.; STENGERS, I. **La sorcellerie capitaliste**. Pratiques de désenvoutement. Paris: La Découverte, 2005.
- PIRACICABA. Decreto n. 16.890, de 15 de dezembro de 2016. Dispõe sobre o registro da “Festa do Divino Espírito Santo” como Patrimônio Histórico e Cultural Imaterial da cidade de Piracicaba. **Lex** – Coletânea de Jurisprudência de Piracicaba. Piracicaba, 15 dez. 2016.
- PORATH, S. L. **A paisagem dos rios urbanos: a presença do Rio Itajaí-Açu na cidade de Blumenau**. 2004. 150 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Blumenau, 2004.
- POVINELLI, E. A. **Geontologies: a requiem to late liberalism**. London: Duke University Press, 2016.
- RIBEIRO, M. dos S. Antropologia da imagem e antropologia da ciência e da tecnologia: uma reflexão atravessada pelas grafias. **Revista Iuminuras**, v. 21, p. 274-288, 2020.
- RICARDO, C. **Marcha para o Oeste: a influência da bandeira na formação social e política do Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1959. v. 1 e 2
- ROCHA, M. Bonecos foram criados nos anos 70. **Jornal de Piracicaba**, Piracicaba, p. 4, 2 abr. 2008.
- RODRIGUES, N. S.; LONGO, L. **Piracicaba, seu rio e seus peixes**. S/L: Editora Gráfica Ideal, S/d.
- SAMAIN, E. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. **Visualidades**, v. 10, n. 1, p. 151-164, 2012. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/viewFile/23089/13635>>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- SANTOS, C. G. X. R dos. Aby Warburg, a função rememorativa das imagens e o tempo: relatos e análises de Didi-Huberman acerca da sobrevivência das imagens. **Temática**, a. XV, n. 7, jul. 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/crispaixao/Downloads/ojs2-46744-114009-1-pb.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2020.
- SANTOS, D. Q. dos. **Entre montagens e constelações: um estudo sobre a mobilidade das imagens**. 2017. 80 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-12122017-154113/publico/Daniele-QueirozdosSantos.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SARAMAGO, J. **As pequenas memórias**. Companhia das Letras: São Paulo, 2006.

SCHIAVETTI, A.; CAMARGO, A. F. M. **Conceitos de bacias hidrográficas: teorias e aplicações**. Bahia: Editus, 2002. Disponível em: <[http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2015/conceitos\\_de\\_bacias.pdf](http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2015/conceitos_de_bacias.pdf)>. Acesso em: 18 Jan. 2018.

SIGAUD, L. **Estado, energia elétrica e meio ambiente: o caso das grandes barragens**. Rio de Janeiro: Coppe/Editora da UFRJ, 1995.

SILVA, A. F. A polifonia da existência: aportes metodológicos para uma pesquisa biográfica em perspectiva antropológica. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 383-409, ago. 2019.

SILVEIRA, F. *Graffiti Palace*. Fantasmagorias urbanas, espaços abandonados. **Verso e Reverso**, a. XXVI, n. 61, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.4013/ver.2012.26.61.05>>. Acesso em: 15 mai. 2019:

STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. M. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 163-183, abr. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010493132014000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132014000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 mai. 2019.

STENGERS, I. **Pour en finir avec la tolérance**. Paris: La Découverte/Les Empêcheurs de Penser en Rond, 1997. (Cosmopolitiques, VII.)

STENGERS, I. La proposition cosmopolitique. In: LOLIVE, J.; SOUBEYRAN, O. (Eds.). **L'émergence des cosmopolitiques**. Paris: La Découverte, 2007.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima**. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015. (Coleção: Exit).

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v. 69, p. 442-464, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464>>. Acesso em: 4 mai. 2019.

TADDEI, R.; GAMBOGGI, A. L. Educação, antropologia e antologias. **Educação e Pesquisa**, v. 42, n. 1, p. 27-38, jan.-mar. 2016.

TAUSSIG, M. **I swear I saw this**. Drawings in fieldwork notebooks, namely my own. Chicago: Chicago University Press, 2011.

TOLMASQUIN, M. T.; GUERREIRO, A.; GORINI, R. Matriz energética brasileira: uma prospectiva. **Novos Estudos Cebrap**, v. 79, p. 47-69, nov. 2007.

TSING, A. Paisagens arruinadas (e a delicada arte de coletar cogumelos). **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, v. 15, n. 30, p. 366-382, 2018.

TSING, A. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, A. **Feral Atlas**. The more-than-human Anthropocene. Redwood City: Stanford University Press, 2021.

TURNER, V. **From ritual to theatre: the human seriousness of play**. New York: PAJ Publications, 1982.

UEZU, A. et al. **Atlas dos Serviços Ecológicos do Sistema Cantareira**. Nazaré Paulista: Memnon/IPE, 2017.

VAN DOOREN, T.; KIRKSEY, E.; MÜNSTER, U. Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção. Trad. Susana Oliveira Dias. **ClimaCom Incertezas**, Campinas, ano 3, n. 7, p. 39-66, dez. 2016. Disponível em: <<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wpcontent/uploads/2014/12/07-Incertezas-nov-2016.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

VASCO, M. A representação da tragédia de Mariana – Fotografias enterradas e imagens sobreviventes. **GIS – Gesto, Imagem E Som – Revista De Antropologia**, v. 3, p. 203, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

[VIVEIROS DE CASTRO, E.](#) O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

VASCO, M. R. G. **Imagens trans: as relações de transexuais com suas fotografias de infância**. 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2015.

VELLOSO, R. Pensar por constelações. In: BERENSTEIN, P.; PEREIRA, M. (Orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 98-121.

WAGNER, J. R. et al. (2018). Introduction: River as Ethnographic Subject. In WAGNER, J. R.; JACKA, J. K. (Eds.). **Island rivers: fresh water and place in Oceania**. Acton. ACT: ANU Press, 2018. pp. 1–26. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/j.ctv47wfn1.6>>. Acesso em: 24 jul. 2022.